BERT HELLINGER
HISTÓRIAS DE AMOR



ATMAN

O amor e a vida andam juntos, pois arenas podemos viver se amamos. No entanto, estas histórias de amor são em primeiro lugar, histórias da vida; histórias sobre como - com amor - a vida também dá certo.

Bert Hellinger

TSUYUKO SPELTER



Bert Hellinger, nascido em 1925, formou- se em Filosofia, Teologia e Pedagogia e trabalhou durante 16 anos como membro de uma ordem missionária católica entre os zulus na África do Sul. sua formação e sua atividade terapêutica envolveu diversas abordagens: psicanálise, dinâmica de grupos, terapia primal, análise do script, hipnoterapia e finalmente a terapia familiar, a partir da qual desenvolveu o seu método revolucionário das constelações sistêmicas, aplicadas também a problemas empresariais e a conflitos étnicos. Atualmente Hellinger prefere trabalhar na linha mais espiritualizada dos "movimentos da alma", entregando às forças superiores - que levam à reconciliação - os movimentos dos representantes.

Atua como conferencista e diretor de cursos em todas as partes do mundo e é autor de livros de sucesso, traduzidos em numerosos idiomas.

Sites: www.hellinger.com e www.hellinger- schule.com

Psicologia . Autoajuda . Terapia Familiar . Amor . Relações Intrafamiliares

Estas "Histórias de Amor" contam como o amor dá certo - e como a despedida, com amor, também dá certo, elas tratam das provas pelas quais o amor passa e o que algumas vezes se opõe ao amor.

Ao lado das histórias de amor entre o homem e a mulher, este livro também conta histórias de amor das crianças: do amor profundo dos filhos pelos seus pais, seus irmãos e outros membros familiares. Nestas histórias se mostra que ninguém ama tão profundamente e com extrema dedicação como as crianças.

Ao lado do amor que permanece dentro da família, existe um amor amplo, que inclui outras famílias e outras pessoas. Este amor nos abre também para elas. Ele une o que antes estava oposto e fomenta a paz com respeito e amor mútuos.

EDITORA ATMAN - EDITORA@ATMANEDITORA.COM.BR – WWW.ATMANEDITORA.COM.BR

Bert Hellinger

HISTÓRIAS DE AMOR

Tradução
Lorena Richter
Filipa Richter

1ª Edição - Agosto de 2007

ATMAN

Do original alemão
Liebes-Geschichten
zwischen Mann und Frau, Eltern und Kinder, uns und der Welt
Copyright © 2006 Bert Hellinger
Kösel - Verlag, München
Printed in Germany
1a. edição - 2006
ISBN 10: 3-446-30724-4 / ISBN 13: 978-3466-30724-1

Todos os direitos para a língua portuguesa reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio (eletrônico, mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados) sem permissão escrita do detentor do "Copyright", exceto no caso de textos curtos para fins de citação ou crítica literária.

1a Edição — agosto 2007

ISBN 978-85-98540-15-3

Direitos de tradução para a língua portuguesa adquiridos com exclusividade pela:

EDITORA ATMAN Ltda.
Caixa Postal 2004 - 38700-973 - Patos de Minas - MG - Brasil
Telefax: (34) 3821-9999 - http://www.atmaneditora.com.br
editora@atmaneditora.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Designer de capa: Alessandra Duarte

Diagramação: Virtual Edit
Revisão ortográfica: Elvira Nícia Viveiros Montenegro
Coordenação editorial: Wilma Costa Gonçalves Oliveira

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme o decreto no 10.994, de 14 de dezembro de 2004.
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B536o Hellinger, Bert.
Histórias de amor / Bert Hellinger; tradução de Lorena Richter. - Filipa Richter. - Patos de Minas: Atman, 2007. p. 192.
ISBN 978-85-98540-15-3
1. Terapia familiar. 2. Amor. 3. Relações intrafamiliares. 4. Intimidade. 5. Família. I. Título.
CDD: 1524

Pedidos
www.atmaneditora.com.br
comercial@atmaneditora.com.br

Este livro foi impresso com:
Capa: supremo LD 250 g/m2
Miolo: offset LD 75 g/m2

Sumário

INTRODUÇÃO *10*
O AMOR ENTRE HOMEM E MULHER *11*
Observação preliminar *11*
AMOR *11*
O que faz com que em um casal um cresça através do outro *11*
Amor pleno *12*
O primeiro e o segundo amor *12*
Amor e destino *13*
Movimentos do amor *14*
O destino próprio *15*
Caminhar com o destino *15*
O Amor comum *15*
A plenitude *16*
O coração amplo *17*
Amor que nos transcende *18*
O grande amor *20*
Exemplo: Alívio com amor *21*
Vínculo e liberdade *21*
Solução através da renúncia *22*
ORDENS *23*
Ordens do amor *23*
O amor segue a ordem *24*
Filhinho da mamãe e filhinha do papai *25*
A hierarquia em relacionamentos *25*
A ordem original *25*
Os parceiros anteriores *26*
A desordem e suas consequências *26*
A hierarquia em famílias mistas *27*
A hierarquia entre sistemas familiares *28*
Outras ordens entre homem e mulher *29*
Quem faz parte da família? *29*
O amor maior *30*
Amor que adoece, amor que cura *31*
Amor que vincula e amor que liberta *32*
Parceiros anteriores ou crianças são representados *33*
SOLUÇÕES *34*
Expiação e compensação *34*
Aborto Provocado *35*
Vingança com amor *36*
A seriedade *36*
O movimento em direção a alguma coisa *36*
O fluxo da vida *37*
O andamento da vida *37*
Perdão, misericórdia, amor *38*
Propositalmente cego *39*
Amor e medo *39*

Fantasias de onipotência *40*
Olhar para o amor *40*
A diferenciação dos sentimentos *40*
A dupla transferência *42*
Os sentimentos mais elevados *42*
Dimensões do amor *43*
O céu na terra *44*
A ausência *45*
Provas pelas quais o amor passa *47*
Permanecer no amor *48*
A pura relação *49*
As palavras mágicas *49*
Lembrar do que deu certo *50*
Por quê? *50*
Fusão e limites *50*
Reaproximando-se *51*
A renúncia *51*
Andar com o amor do espírito *52*
A despedida *52*
TODAS AS CRIANÇAS SÃO BOAS E SEUS PAIS TAMBÉM *53*
Observação preliminar *53*
TODOS SÃO BONS *53*
De um curso profissionalizante em Bad Sulza 2005 ..... *53*
O outro amor *53*
O campo espiritual *54*
Tudo *55*
A grandeza *56*
Para quem olha a nossa doença? *57*
Para quem olhávamos quando éramos crianças? *57*
Para quem os nossos pais olhavam quando eram crianças? *58*
Para quem o nosso parceiro olhava quando era criança? *58*
Para quem os nossos próprios filhos olham? *59*
O amor em relação a tudo e todos *59*
O amor em anéis crescentes *59*
O coração puro *60*
Andar com o espírito *61*
A essência do ser *62*
A alegria do espírito *62*
Andar com o espírito quando existem problemas *63*
Andar com o espírito quando estamos doentes *63*
Andar com o espírito quando estamos aborrecidos *63*
O verdadeiro amor *64*
Exemplo: ‘‘Permaneço com você” *64*
O início do amor *64*
CRESÇA E PROSPERE, QUERIDO FILHO *65*
De um curso em Idstein, 2004 ..... *65*
Exemplo: O amor *65*
O que faz crianças felizes? *66*
Exemplo: “Mamãe, por favor, fique” *67*

A inquietude ... *68*
A vida ... *68*
De um outro curso ... *69*
Crianças portadoras de deficiência ... *69*
A felicidade ... *70*
CRIANÇAS, PAIS E PROFESSORES ... *71*
De um curso no México, 2003 ... *71*
O respeito diante dos pais da maneira como eles são ... *71*
Exemplo: "Querida mamãe, morro no seu lugar" ... *72*
Ajudar em sintonia com o destino de uma criança ... *75*
Sem preocupação ... *75*
Piercing ... *76*
Crianças difíceis ... *76*
Exemplo: "Senti muito a sua falta" ... *77*
A felicidade completa ... *81*
Meditação ... *82*
Exemplo: "Por favor, fique" ... *82*
Onipotência e impotência ... *88*
O emaranhamento ... *88*
Exemplo: "Amei muito o seu pai" ... *89*
Os dois pais ... *90*
CRIANÇAS DE RUA ... *90*
De um curso no México, 2001 ... *90*
A vida real ... *90*
Exemplo: "Por favor" ... *91*
Exemplo: O amor ... *95*
CRIANÇAS AUTISTAS ... *98*
Uma noite de caráter ilustrativo, Taipei, 2004 ... *98*
Exemplo: Menino autista ... *98*
A indulgência ... *101*
Complemento ... *102*
De um curso de Treinamento em Santa Bárbara 2003 ... *102*
Exemplo: Família com dois filhos autistas e um filho com deficiência de aprendizagem. ... *102*
Complemento ... *106*
De um curso em Idstein, 2004 ... *107*
Exemplo: menina autista ... *107*
Modelos básicos de ajuda ... *107*
Complemento ... *111*
CAMINHOS DO AMOR ... *115*
Observações Preliminares ... *115*
PARA ONDE? ... *115*
A grandeza ... *115*
De um discurso de Germering, 2005. ... *116*
Apenas o amor tem futuro ... *116*
Amor e vida ... *117*
O consentimento ... *117*
O amor entre homem e mulher ... *118*
Sim, obrigado, por favor ... *119*

Emaranhamentos ... *119*
Exemplo: Irmãos gêmeos ... *120*
Esclarecimentos ... *123*
A constelação familiar ... *125*
Ressonância e dissonância ... *125*
O máximo da felicidade ... *126*
A alegria do coração ... *127*
COMO? ... *127*
O caminho do conhecimento ... *127*
A origem ... *128*
O vazio ... *128*
O essencial ... *129*
Estar centrado ... *129*
Os passos ... *129*
Agir ... *130*
Crescendo através da ação ... *130*
A alma ... *130*
O QUÊ? ... *131*
De um curso em Bad Sulza, 2005 ... *131*
Exemplo: Ajuda no caso de psicoses ... *131*
O outro campo ... *131*
Respeito com amor ... *131*
A solução ... *132*
Esclarecimentos ... *134*
Observações posteriores ... *134*
A reconciliação ... *135*
Os agressores ... *136*
PENSAMENTOS DE DEUS ... *137*
De uma palestra em Dornbirn ... *137*
O amor divino ... *137*
A oração ... *137*
A vida ... *138*
O início da experiência divina ... *138*
Os pais e Deus ... *139*
Obrigado, querida mãe. Obrigado, querido pai. ... *139*
O Deus justo ... *140*
Além da justiça ... *140*
Justiça através de expiação ... *141*
O destino ... *141*
O outro amor ... *142*
Homem e mulher ... *142*
Perguntas ... *143*
O Deus imperfeito ... *143*
O livre arbítrio ... *143*
A responsabilidade ... *143*
A religião ... *144*
CONSIDERAÇÕES POSTERIORES ... *146*
Cientes através da compaixão ... *146*

INTRODUÇÃO

Estas histórias de amor contam como o amor dá certo e como a despedida com amor também dá certo. Falam das provas pelas quais o amor passa e daquilo que às vezes se opõe ao amor. Neste caso, frequentemente, não há nenhum culpado, porém, um dos parceiros - ou às vezes até ambos - quer seguir um destino sob influência dos acontecimentos em sua família de origem, destino este que o prende e ao qual é fiel.

Estas histórias também contam como os envolvidos podem desvincular- se destes destinos, quando vem à luz que o destino que seguem não é o deles e sim, o de outra pessoa à qual se sentiam vinculados sem que o percebessem.

Tais histórias são particularmente comoventes, porque ao lê-las ou ouvi-las, podemos sentir internamente que algo semelhante também pode determinar as nossas vidas e destinos, assim como os dos nossos parceiros ou filhos. Tanto maior é o alívio quando experimentamos como esses destinos mudam para melhor.

Além das histórias de amor entre homens e mulheres, este livro também conta histórias de amor de crianças. Fala do amor profundo das crianças pelos seus pais e irmãos ou outros membros da família. Nestas histórias se mostra que ninguém ama tão profundamente e com total entrega como as crianças.

Querem ajudar outros membros familiares através do seu amor. Isto toma tal dimensão que as crianças mostram-se dispostas a sacrificar tudo pelos familiares, até mesmo a saúde e a vida.

Frequentemente este amor é oculto. Às vezes esconde-se por trás de comportamentos estranhos ou de uma tristeza profunda, mas também do vício e do fracasso. Tanto mais profundamente somos tocados, quando tornamo-nos testemunhas nessas histórias, de como as crianças mudam repentinamente. De como os seus rostos se iluminam, e o seu amor oculto se revela. Todos os membros da família, tanto os pais quanto os filhos, podem finalmente respirar aliviados. Nada mais se opõe à sua felicidade.

O amor dos pais pelos filhos, porém, às vezes também é oculto. Para as crianças é difícil reconhecer este amor, e para os pais é difícil mostrá-lo. Isso ocorre muitas vezes devido ao fato de que os pais encontram-se emaranhados nos padrões e acontecimentos de suas famílias de origem. Neste livro também há histórias que tratam deste assunto.

Será que com isto os assuntos para estas histórias de amor se esgotaram? De forma alguma, pois, além do amor que permanece dentro da própria família, existe também um amor amplo que inclui outras famílias e outras pessoas totalmente

distintas de nós. O amor amplo nos abre também para elas. Une o que antes estava oposto e proporciona paz, com respeito e amor mútuos.

O amor e a vida andam juntos, pois apenas podemos viver se amamos. No entanto, estas histórias de amor são, em primeiro lugar, histórias da vida; histórias sobre como — com amor — a vida também dá certo.



Bert Hellinger

O AMOR ENTRE HOMEM E MULHER

Observação preliminar

Estas considerações sobre o amor entre homem e mulher e sobre como esse amor dá certo, apesar dos obstáculos, remontam sempre a situações concretas. São considerações onde descrevo contextos que fornecem respostas a questões palpitantes feitas pelos participantes dos meus cursos. Assim sendo, cada uma dessas considerações, de certa maneira, pode ser vista por si só. Mas elas também se complementam e formam uma imagem composta por várias peças como num mosaico. Deste modo, em alguns casos, tornou- se necessário retomar um mesmo assunto em contextos distintos, dar continuidade e aprofundá-lo. Cada capítulo transmite reconhecimentos que podem ser diretamente aplicados nos relacionamentos de casais. Portanto, cada um dos capítulos pode ser lido individualmente. Frequentemente é necessário deter-se e tomar seu tempo para rever algo - que no princípio pode parecer estranho ou talvez até mesmo indecoroso - de acordo com a própria experiência e a nova forma de agir. Cada um desses capítulos, pois, conta uma outra história de amor.

AMOR

O que faz com que em um casal um cresça através do outro

Onde e quando nos sentimos mais vivos? No relacionamento a dois, no momento em que homem e mulher tornam-se uma unidade em todos os níveis. Este também é o processo em que se transmite a vida.

O processo essencial em que a vida é consumada e ao mesmo tempo se inicia é a consumação do ato sexual. A consumação do ato sexual é a realização da vida e do amor. Portanto, tudo que antecede e tudo que segue um relacionamento a dois gira em torno desse centro.

Naturalmente eu sei que às vezes essa referência se perde de vista, é deixada de lado ou apagada, porque outro assunto está em primeiro plano como, por exemplo, a profissão ou então porque as circunstâncias o exigem e sugerem. A vida, no entanto, continua apenas através desta consumação. Nada se iguala ao seu efeito. Deste modo também não existe alternativa que possa substituí-la ou aproximar-se dela. Mesmo que nem sempre a sua vivência seja experimentada nesse sentido, a consumação do ato sexual permanece o centro da vida e do amor. Como casais crescem através do outro? Quando o fazem através do outro, a serviço da vida.

Amor pleno

Para nós o relacionamento entre casais é o mais natural. No relacionamento a dois, a vida se concentra no essencial, sobretudo quando o casal se toma uma unidade no amor. A união com amor entre homem e mulher é o ponto onde a vida e o amor se condensam ao máximo. Evoluímos em direção a esse ponto. Ele é a realização da vida, até esse momento. O que segue depois é um destino que une os dois de maneira especial por muito tempo e talvez por uma vida inteira. É nesta consumação e nesta união que homem e mulher tornam-se uma unidade, não apenas fisicamente, mas também na alma, de tal forma que de repente sentem-se plenos, sendo que antes podiam perceber-se apenas como metade de algo, como parte separada. O homem, por si só, é sozinho. Necessita de algo mais para atingir a plenitude. Ele a atinge através da mulher com a qual se une. O mesmo, naturalmente, vale para a mulher. Por si só é sozinha e não se sente realizada. Apenas através do homem toma-se plena, porém não automaticamente. Esta ligação é um desafio, através do qual ambos evoluem durante a vida toda.

Às vezes, no entanto, algo se opõe a esse desenvolvimento. Neste caso, aquilo que falta é percebido de forma muito dolorosa no relacionamento entre o casal. Frequentemente a felicidade máxima está ligada à máxima dor. Sendo assim precisamos saber o que se opõe à realização plena desse amor e o que podemos fazer para que dê certo novamente.

O primeiro e o segundo amor

Quando um homem e uma mulher encontram-se e entreolham-se são atraídos mutuamente e se apaixonam. Amam-se como homem e mulher e querem unir-se, talvez pela vida inteira. Estar apaixonado, porém, mais precisamente significa eu não vejo o outro; sinto-me atraída por uma imagem interna, por um anseio na minha alma.

Esta imagem e este anseio destinam-se completamente à mãe. Ela é nosso primeiro amor, o início do amor. Portanto, o amor à primeira vista é, em princípio, o anseio pela fusão com a mãe. Isto vale tanto para o homem quanto para a mulher. Nesta

fusão abrimos mão de nós mesmos, porém, com a sensação de que seremos amparados por uma força potente na qual esvaecemos. Isto é a mãe e aquilo que ligamos à mãe na imagem e no sentimento que temos.

Esse anseio é ao mesmo tempo um anseio pela morte. No anseio pela fusão abrimos mão de algo da nossa vida. Portanto, não é de se estranhar que algumas pessoas apaixonadas dessa maneira queiram morrer juntas. Isto faz parte.

O verdadeiro amor, porém, que permanece vivo e que quer a vida é diferente. Esse amor vê o outro como ele(a) é, totalmente diferente da própria mãe. Esse amor vê que o outro é inconfundível e que não se pode e nem deve mudá-lo.

Na medida em que me posiciono perante o outro dessa maneira e o vejo assim, reconheço também a mim mesmo como alguém inconfundível e único. Também permito que o outro me enxergue como alguém diferente. Quando nos olhamos dessa forma permanecemos como somos. Reconhecemos que somos diferentes, que viemos de famílias distintas e que temos destinos diferentes. Concordar como o outro nestas condições fortalece e, ainda assim, ao mesmo tempo significa uma renúncia. Através dessa renúncia estabelece-se a paz entre os dois.

O que significa paz neste contexto? Paz significa que algo que estava oposto se une em função de algo maior. As diferenças, no entanto, permanecem, não se misturam nem são aplanadas. — O que está oposto é reconhecido como diferença, porém, diante de algo maior, com o mesmo valor ou o mesmo direito.

Se reconhecermos isto, o conflito e a briga entre casais, em princípio, não existem mais. As brigas matrimoniais e entre casais resolvem-se quase sempre na medida em que nos desprendemos do anseio original pela mãe.

É por este motivo que, através de tais conflitos, tornamo-nos mais humildes e também mais maduros e, por fim, mais indulgentes e suaves.

Amor e destino

Encontramos o destino em toda pessoa com quem nos relacionamos. Cada uma dessas pessoas toma-se parte do nosso destino e nós do dela. Assim sendo, amor de destino significa que amo o destino que encontro no outro — destino esse que me enriquece, desafia e também atinge — tanto quanto amo tal destino que enriquece o outro, através de mim o desafia e frequentemente também o atinge. Assim, todo encontro com uma outra pessoa toma-se um encontro de destinos que atuam por trás do outro e por trás de mim. Esses destinos podem nos proporcionar alegria ou dor, podem estar a serviço do crescimento ou da limitação, dar vida ou tomar vida. Portanto, amor de destino é o amor último, a exigência última. É o ato de dar e receber em sua essência. No amor de destino transcendemos a nós mesmos.

O que isto significa detalhadamente? Quando eu olho para o outro como se estivesse entregue ao seu destino, doa o que doer e quando reconheço que este destino inevitavelmente se tornará o meu destino também, não me exponho mais para o outro apenas como para um ser humano: exponho-me ao meu destino e ao seu e os amo. Neste momento entrego-me a um poder do destino e permito que ele me toque. Sou purificado de superficialidades e mesquinharias e permaneço no amor em tudo.

Ao contrário, se me torno parte do destino do outro de uma forma que o machuque, limite-o e talvez o force a despedir-se e separar-se, resisto ao sentimento de culpa, como se agisse em interesse próprio e com má intenção e não por estar entregue a um destino — ao seu destino, tanto quanto ao meu.

Também devo amar este destino da maneira como é. Através dele sou purificado e me tomo equivalente ao outro.

Aquele que ama o destino dessa maneira, tanto o próprio quanto o alheio, independente de como este se transforme no próprio destino — está em sintonia com tudo assim como é. Está integrado e ao mesmo tempo voltado para o outro. Seu amor possui grandeza e força por ser um amor de destino.

Movimentos do amor

Frequentemente um dos parceiros está vinculado a algo que não está resolvido em sua família de origem. Então, internamente, numa posição de criança, talvez diga para alguém de sua família: “Eu vou no seu lugar”. Isto o afasta do seu parceiro e sua atual família.

Nas constelações familiares muitas vezes se mostra para onde alguém é atraído, porque antes ele não sabe. Se a devida ordem é estabelecida, e as pessoas a quem a questão originalmente diz respeito fizerem o movimento decisivo por conta própria, a criança está livre.

Muitas vezes na família de origem também existe um movimento onde a criança diz a alguém: “Eu sigo você”, por exemplo, a mãe ou o pai falecidos. Então, mais tarde, no relacionamento a dois essa pessoa talvez também faça um movimento de afastamento e o seu parceiro não poderá fazer nada para impedi-la, porque são outras forças que atuam aqui. São forças de destino, elas afastam um casal.

Se estivermos cientes destas leis e se soubermos o que pode interferir no amor entre o casal, então, por exemplo, as frases: “Eu sigo você” ou “Eu vou no seu lugar” muitas vezes podem restabelecer a ordem. Assim o casal pode permanecer junto.

Isto, porém, também significa que, independente do que acontecer no

relacionamento entre o casal, nenhum dos parceiros está agindo com má intenção e também que ninguém é culpado. A pessoa em questão encontra- se emaranhada.

O destino próprio

Se olharmos para a nossa família e os nossos ancestrais, vemos que por trás de cada um está o seu destino de forma imponente. Voltamo-nos para cada uma dessas pessoas e olhamos para além dela, diretamente para o seu destino. Curvamo-nos diante desses destinos e retiramo-nos de maneira que cada um permaneça com o seu. Depois viramo-nos de costas para as pessoas e vemos o nosso destino diante de nós. Curvamo-nos diante dele, entramos em sintonia com o mesmo e concordamos com ele da maneira como é. Quando o aceitamos, experimentamo-nos vinculados e livres ao mesmo tempo.

Caminhar com o destino

Às vezes, outras pessoas esperam de nós uma ajuda particular. Muitas vezes gostaríamos de ajudar, porém, surge a questão: será que se ajudarmos nos tornamos parte de seus destinos, por exemplo, quando damos um conselho a alguém? Se esse alguém seguir o meu conselho, de certa forma, o seu destino faz parte de mim. No entanto, se uma pessoa dessas volta para o seu destino independente de mim e se curva diante dele, o próprio destino assumirá a conduta. Pode ser que o seu destino a levará ao meu encontro. Se eu ajudar em sintonia com o seu destino estou seguro, porém, não sem o seu destino ou até mesmo contra o seu destino.

Quando os pais olham para os seus filhos, às vezes comportam-se como se as crianças fossem o seu destino ou como se tivessem que ser o seu. Aqui, o mesmo movimento pode ajudar. Os pais olham para além da criança, para o seu destino, que é único. Veem o destino da criança e entram em sintonia com o mesmo. Então, essa criança respira aliviada, pode permanecer com o seu destino.

O Amor comum

Amor que dá certo é humano. Existem muitos grandes ideais sobre o amor. Lembro-me, por exemplo, da ópera Tristão e Isolda de Richard Wagner. O amor desses dois era grande demais para a vida, terminou com a morte. Portanto, não deu certo.

Amor que dá certo é humano, próximo do comum. Ele reconhece que precisamos de outras pessoas, que definhamos sem os outros. Se reconhecermos isto mutuamente, damos algo ao outro e tomamos algo dele. Alegramo-nos por receber algo e por poder dar algo. À medida que continuamos a dar e receber com respeito mútuo, com benevolência e o desejo de que o outro esteja bem, assim como nós mesmos, compreendemos o que significa amar de maneira humana.

Este amor se inicia com o relacionamento entre homem e mulher. Todos os posteriores surgem desse amor. Ele é a base de todos os relacionamentos entre pessoas, e nós somos irresistivelmente atraídos em sua direção. O homem precisa da mulher para ser completo, e a mulher precisa do homem para ser completa. É um forte desejo que aproxima um do outro.

Esse desejo, que às vezes é denominado de instinto por algumas pessoas, de forma pejorativa, é o movimento mais poderoso da vida. Ele dá o impulso à vida. Assim sendo, esse desejo e esse anseio estão ligados da forma mais profunda à essência da vida. Se reconhecermos isto formamos uma unidade com a essência da vida, dentro desse amor. Este amor e este desejo conectam-nos com a plenitude da vida. Quem se abrir para este amor será desejado. Tanto a maior felicidade quanto a maior dor resultam desse anseio e desse amor. Nele crescemos.

Quem se abrir para este amor, após algum tempo transbordará. Esse amor transcende amplamente o relacionamento entre o casal, por exemplo, quando traz filhos. Então continua no amor dos pais pelos seus filhos, e o amor que os filhos experimentam flui de volta para os pais. Assim os filhos crescem, até que eles mesmos procuram por um homem ou uma mulher e o fluxo de vida continua através deles.

Então, onde o amor se inicia, ele engloba cada vez mais ao longo do tempo, abrange também outros, porém, só após termos experimentado esse amor como algo humano dentro de nós e dito sim a ele. Neste sentido o grande amor é comum, possui força e perdura.

A plenitude

Com um casal sucede o seguinte: quando o homem e a mulher se encontram pela primeira vez, sentem-se atraídos mutuamente, muitas vezes de forma irresistível. Enxergam-se como indivíduos, eu e você, porém por detrás do homem estão também a sua mãe e o seu pai, seus avós e seus irmãos *t* tudo que sucedeu naquela família — um sistema completo. Tenho a imagem: todo sistema que está por detrás do homem espera pela mulher — não apenas ele. O mesmo vale para a mulher. Quando o homem vê a mulher, precisa saber que por detrás dela estão o seu pai e a sua mãe, seus avós e seus irmãos - um sistema completo. Este sistema espera pelo homem. Ambos os sistemas esperam finalizar algo com a ajuda do outro sistema que permaneceu em aberto no seu passado. Assim sendo, o sistema do homem não olha apenas para a mulher, olha também para o seu sistema. Ambos os sistemas entram em uma comunhão de destinos e querem resolver algo particular nessa comunhão, finalmente resolvê-lo.

Portanto, não existe relacionamento a dois como muitas vezes o imaginamos. O

relacionamento a dois é um sonho. Todos nós estamos inseridos em um campo, em uma família maior. Se alguém foi excluído na família do homem ou na família da mulher, por exemplo, parceiros anteriores ou também uma criança abortada, uma criança dada, uma criança portadora de deficiência ou alguém de quem a família se envergonhava, então o membro familiar excluído está presente na nova relação e na nova família. Portanto, ambos, o homem e a mulher, precisam incluir o membro excluído na nova família. Apenas assim ambos estarão livres para o seu relacionamento.

O coração amplo

Farei uma meditação com vocês para que possamos sentir o que significa: alguém foi excluído e alguém é incluído. Farei a meditação em vários níveis e começarei pelo nível físico.

Entramos no nosso corpo e sentimos do que eventualmente queremos nos livrar dele. Por exemplo, uma dor, uma doença, uma tensão, algo que ainda não se habituou dentro de nós ou se sinta aceito por nós.

Entramos nessa dor ou nessa doença e dizemos: “Sim. Agora lho tomo para dentro de mim”. Entramos nesse órgão, nessa doença ou nessa dor e sentimos: para onde essa dor ou esse órgão olha, para que pessoa? A dor ou a doença diz a essa pessoa: “Eu te amo. Eu trago você à lembrança. Eu a represento.” Com esse órgão ou essa dor ou essa doença olhamos para a pessoa e lhe dizemos também: “Eu te amo. Agora tomo você para dentro do meu coração, da minha alma e do meu corpo.” — E sentimos o efeito.

Após termos tomado essa pessoa do nosso sistema para dentro da nossa alma, olhamos para o nosso parceiro e as suas queixas, no próximo nível. Olhamos de tal forma que com a sua queixa olhamos para a pessoa que foi excluída ou esquecida em sua família. Em seu lugar dizemos para essa pessoa: “Eu te amo. Tomo você para dentro do meu coração e da minha alma.”

Aqui precisamos saber: às vezes o meu parceiro representa alguém que foi excluído na minha família e assim também se encontra a serviço do meu sistema.

Movimentamo-nos para mais um outro nível: olhamos para os nossos filhos. Quando eles se comportam de forma estranha ou adoecem nos perguntamos: para quem estão olhando na família dos pais? Quem eles trazem à lembrança através do seu comportamento e da sua doença? Com eles olhamos para esta pessoa e dizemos a ela: “Agora eu também te amo. Eu também lhe dou um lugar na minha alma. Você pode estar e permanecer comigo.”

Amor que nos transcende

Quando amamos, olhamos para as pessoas que amamos. O homem olha para a mulher, a mulher olha para o homem. Os pais olham para os filhos, os filhos olham para os pais. Eles se olham nos olhos e então dizem: “Eu te amo.” O homem o diz a mulher, a mulher o diz ao homem. Os pais o dizem aos filhos, os filhos o dizem aos pais.

Quanta força possui a frase quando digo: “Eu te amo.” Se imaginarmos uma escala de 0 a 100 e nela medirmos a força da nossa afirmação “eu te amo”, onde ela se encontra? Em 100? Em 80? Em 60? Em 40? Em 30? Em 20? Essas palavras “eu te amo” nos emocionam, porém, será que possuem a força de persistir com tudo que possivelmente exigem de nós?

Como o amor obtém a sua força? O homem diz à mulher e a mulher diz ao homem, os pais dizem ao filho e o filho diz aos pais: “Eu te amo e amo aquilo que nos conduz.” Percebemos a diferença da força. Agora não apenas olho nos olhos do outro. Vejo por detrás dele algo diferente, uma força maior, a grande força que atua. Curvo-me diante dela. Seja como for o outro, esse amor que inclui aquilo que atua por detrás dele persiste.

O que isso significa na prática? Usamos o exemplo de um casal. O homem e a mulher se dizem mutuamente: “Eu te amo e amo aquilo que nos conduz.” Então possivelmente caminham juntos na mesma estrada durante um tempo, principalmente quando têm filhos em comum. No decorrer do desenvolvimento pessoal, porém, um sente que algo o leva para uma direção diferente, e o outro também o sente. Eles sentem que um dos dois ou ambos são conduzidos por uma força maior diante da qual se curvam e à qual precisam permitir que os conduza e os carregue. Assim sendo pode acontecer que os caminhos desse casal se separem. Se, mesmo assim, eles se disserem mutuamente: “Eu te amo e amo aquilo que nos conduz estarão conectados num nível profundo, mesmo que os seus caminhos se separem.

Quando enxergo apenas o indivíduo, por exemplo, o parceiro e eu, sempre vejo apenas um recorte do todo. Quando vejo o caminho que preciso percorrer, quando sigo a minha alma e quero e preciso permanecer fiel a mim mesmo, quando vejo o outro como segue e precisa seguir a sua alma, se quiser permanecer fiel a si mesmo, algo da intimidade anterior se perde. A força e a plenitude, porém, que assim unem duas pessoas são incomparavelmente maiores.

O mesmo vale para os pais quando de repente percebem que um filho não se desenvolve da maneira que imaginavam ou desejavam. Se olharem para a criança e internamente falarem a ela: “Eu te amo e amo aquilo que nos conduz” podem se

recolher e ainda assim sentir o quanto mais profundo e maior tornou-se o amor, em comparação a antes. Ao mesmo tempo, as possibilidades de desenvolvimento da criança tornaram-se incomparavelmente maiores. Este é o outro amor, que nos transcende.

O mesmo vale do filho para os pais. Algumas crianças imaginam como os pais deveriam ser. Constroem uma imagem ideal deles. Quando percebem que os pais não são como desejam, talvez se zanguem e digam: Estes não são os pais certos para mim." Nunca poderão existir pais certos para nós além daqueles que temos. Se uma criança dessa, porém, disser internamente ao pai e a mãe: "Eu te amo e amo aquilo que nos conduz ela poderá abrir-se para os pais da maneira como eles são e pode abrir-se para a própria alma e destino, assim como são. Pode separar-se dos seus pais e ainda assim permanecerá ligada a eles num nível profundo.

Este outro amor é a base do respeito. Quando conheço uma pessoa posso eventualmente achá-la simpática ou então não gostar dela, pode me trazer alegria ou me transmitir medo. Se internamente disser a ela: "Eu te amo assim como você é, exatamente como você é e amo aquilo que conduz: seu destino, sua doença, sua morte precoce - se esse for o seu destino - então me encontro em sintonia com algo maior, e o outro sente uma dignidade profunda.

O mesmo vale para mim mesmo. Se me olho e me vejo assim como sou, com tudo que faz parte de mim, a luz e a sombra e depois disser: "Sim, eu me amo e amo aquilo que me conduz", então estou em sintonia comigo mesmo, respeito-me exatamente como sou, sem desejar que alguma coisa seja diferente do que é.

Este outro amor, este amor amplo, também é essencial para um ajudante. Se ele receber de um cliente e falar para ele, internamente: "Eu te amo e amo aquilo que nos conduz", ele está em sintonia com o destino de seu cliente, assim como é, e está em sintonia com a sua própria força, assim como é. Encontra-se em sintonia com os seus limites como são. Assim ele não deseja ou faz mais do que aquilo que lhe é permitido por uma força maior. Independente do que ele fizer, estará em sintonia com a alma do outro e a sua própria. Esse limite nunca é ultrapassado.

Se aplicarmos esses reconhecimentos ao relacionamento entre casais, observamos que: casamos com o outro não somente por ele. A relação que temos com ele não o engloba apenas pessoalmente. Toma-se ao mesmo tempo um relacionamento com a sua família e o seu destino, com seus limites e suas possibilidades, tudo ao mesmo tempo. O que isso significa para nós, mostra-se lentamente ao longo do relacionamento. Se nos depararmos com todos esses pontos, também experimenta-se o relacionamento a dois como um processo de morte. Algo superficial, algo passado ou algo ilusório se desconecta de nós. Portanto, após cada crise dolorosa,

ambos os parceiros são liberados de uma ilusão.

Os emaranhamentos nos destinos da família de origem se mostram lentamente dentro de um relacionamento, por exemplo, que uma pessoa quer ir embora porque pretende seguir alguém de sua família ou porque quer ir embora no lugar de alguém de sua família.

Além disso, as crianças também percebem esses movimentos e esses destinos e tornam-se os destinos delas também. O pai e a mãe não podem fazer nada contra. Aqui nos resta apenas a máxima humildade a partir da qual os pais dizem aos seus filhos: “Eu te amo e amo aquilo que nos conduz de maneira especial.”

Este é o amor grande e forte. Ele compreende também que não precisamos suportar tudo como se o relacionamento fosse a única coisa certa. Existe, por exemplo, um conceito sobre a fidelidade no sentido de: “Você deve ser fiel a mim” ou: “Eu devo ser fiel a você.” Não, isso eu não devo. Eu devo ser fiel àquela força maior que nos guia.

Com essa exigência de fidelidade, às vezes prendemos o outro e o comprometemos em relação a nós, ao invés de comprometê-lo com algo maior. Um relacionamento, porém, apenas é confiável, se mantivermos em vista essa força maior. Então é confiável em toda sua profundeza, não importa o que acontecer.

O grande amor

Em um relacionamento entre casais, um parceiro não pode esperar do outro que carregue com ele o seu destino quando não pode exigir que esse destino seja também o do parceiro. Se, por exemplo, descobre-se que um dos dois não pode ter filhos e que o outro gostaria de ter, então aquele que não pode ter filhos não deve prender o outro. Caso contrário, o outro terá que viver um destino alheio e não o seu próprio. Se, porém, o casal já estiver casado há trinta anos e um dos dois adoecer e necessitar de cuidados especiais, é diferente, então carregam juntos esse destino, mas também apenas até um determinado limite. Existem situações onde também neste caso o relacionamento deve terminar.

Se, por exemplo, um dos parceiros estiver envolvido num assassinato ou em algum outro crime grave, o outro não precisa carregar este destino com ele, é adequado se separar, assim, aquele que se tornou culpado ganha força. Se o outro parceiro lhe disser: “Eu carrego com você”, talvez tome dele a sua dignidade e o diminua. Aqui precisam existir limites.

Existem dois movimentos num relacionamento entre um casal. Um é o desejo: “Me ame”. O outro é a afirmação: “Eu te amo.” Se eu falar: “Quero tudo que é bom para você, mesmo que isso signifique que você deva seguir um outro destino”, esse é o grande amor.

Naturalmente num relacionamento um precisa do outro e pode expressá-lo. Os parceiros se proporcionam mutuamente o que desejam e precisam. Se esse desejo e essa necessidade, porém, chegarem a ponto de um parceiro interferir na vida do outro e o prender com a exigência: “Agora você é meu”, o amor se quebra e até mesmo termina.

Exemplo: Alívio com amor

HELLINGER *para uma ajudante* Você tem um caso?

AJUDANTE Trata-se da história de uma família com três crianças. A mãe e o filho mais velho estão aqui presentes. O marido, que é também o pai, teve um Acidente Vascular Cerebral há oito anos. Desde então se encontra num estado onde não está verdadeiramente na vida, porém, também não consegue ir. A fantasia “se ele ao menos pudesse ir” existe em todos os membros da família. Nesse meio tempo, um novo parceiro veio morar junto com a família.

HELLINGER O homem doente também vive na casa e é cuidado lá?

AJUDANTE Sim.

HELLINGER *para o grupo* farei um exercício de percepção com vocês. Se o desejo se realizasse e o homem morresse, a família se sentiria melhor ou pior? Ela teria mais ou menos força? Ela teria mais ou menos amor?

após um tempo agora reflitam como é com o novo parceiro. Se ele não estivesse presente, a família estaria melhor ou pior? Ela teria mais força ou menos força? E como se sente o homem doente pelo fato desse novo parceiro estar presente? Melhor ou pior? Isso para ele representa um peso ou um alívio?

Se deixarmos os nossos julgamentos para trás, podemos nos curvar diante de todos nesta situação assim como ela é e depois nos retirar. Olhamos para todos com amor.

para a ajudante Como você se sente quando digo isso?

AJUDANTE Feliz.

HELLINGER Exatamente. Esta é a grandeza nesta situação, assim como ela é. A vida pode continuar para todos, então todos se sentem bem, também o homem doente.

Vínculo e liberdade

O que significa liberdade em um relacionamento entre um casal? Liberdade muitas vezes não significa nada mais que: eu sou vazio. Tudo que é pleno possui um vínculo.

Quando um homem e uma mulher se amam e a consumação plena desse amor se

realiza, eles perdem a sua liberdade. A partir desse momento existe um vínculo entre eles. Não podem mais se separar sem dor, sem sentimento de culpa e perda. Assim são as forças da vida. Elas se apropriam de nós. Quem achar que pode guiá-las de acordo com os seus desejos é jogado para as margens do fluxo da vida e permanece ali. O vínculo entre homem e mulher continua e toma-se mais profundo quando o casal tem filhos. Os pais têm vínculo com os filhos por toda a vida. O quanto os pais não se preocupam com os seus filhos? Quanto tempo, quanto amor e quanto esforço são destinados aos filhos? Isso mostra o quanto os pais são e sempre serão vinculados aos seus filhos.

Se alguém falar, como há um tempo atrás ainda era comum: "Eu me realizo individualmente e o que acontecer com a minha família não é da minha conta" o que lhe resta da vida propriamente dita? Ele segue um desejo, mas o que esse desejo lhe proporciona no final? Descrevo-o com uma história:

Um rico que tinha muitos desejos e podia realizá-los morreu. Partiu rumo ao céu, bateu à porta e pediu para entrar.

Pedro abriu e perguntou o que queria. O rico como de costume disse: "Gostaria de ter um quarto de primeira classe com uma bela vista para a terra. Além disso, o meu prato predileto todos os dias e o jornal mais novo".

Pedro ficou triste. Viu nele uma pessoa que se autorrealizava. Depois, porém, cedeu ao seu pedido. Levou-o para um quarto de primeira classe com uma bela vista para a terra, trouxe-lhe o seu prato predileto e o mais novo jornal. Depois se voltou mais uma vez para ele e disse: "Em mil anos voltarei". E fechou a porta.

Após mil anos ele retornou e olhou por uma fresta na porta. Quando o rico o avistou gritou: "Finalmente você chegou. Este céu é horrível!"

Pedro balançou a cabeça e disse: "Engano seu, aqui é o inferno".

Isto foi sobre a liberdade.

Solução através da renúncia

HELLINGER *para uma mulher* Permanecemos em um relacionamento, mesmo que este não seja totalmente gratificante, o tempo em que, de um certo modo, nos sentimos bem e o relacionamento é uma vantagem para nós. Ao mesmo tempo, alguns imaginam como seria em um outro relacionamento, porém sem tomar alguma providência neste sentido. Através dessas fantasias não temos nem o futuro nem o presente. Se você quiser o futuro, deve se separar, se quiser o presente, abra mão dessa fantasia.

MULHER Eu quero o futuro.

HELLINGER Ok, então você sabe o que deve fazer. Tudo que é novo, porém, é

apenas possível através de uma renúncia. Você não pode ter o seu marido como uma pessoa que cuida de você e, ao mesmo tempo, querer separar-se dele e ter um filho com um outro homem. Só progredimos num caminho se deixamos para traz o que tivemos até agora. Quem apenas sonha, permanece parado. Disse a você o essencial.

MULHER Eu entendo isso, mas tenho medo da solidão. Não tenho pais. Esta é minha única família. Se eu me separar dele estarei totalmente sozinha.

HELLINGER Por isso mesmo a melhor solução é continuar como está.

ORDENS

Ordens do amor

O amor apenas existe dentro de uma certa ordem. O amor que dá certo existe apenas dentro de uma ordem. Se o amor se render a essa ordem, alcança o seu objetivo.

Em primeiro lugar, faz parte das ordens do amor entre pessoas iguais que reconheçam o outro como alguém de mesmo valor. Posicionamo-nos diante dele como sendo alguém que pode e quer dar algo e ao mesmo tempo que precisa e quer tomar algo. Este amor é humilde e significa que não dá mais do que toma. Ele não se coloca acima do outro como se fosse maior, melhor ou mais amoroso. Significa que dentro desses limites esse amor dá a uma pessoa necessitada aquilo que ela pode tomar, e toma dela aquilo que ela é capaz e está disposta a dar. Este é um amor muito comum e, entre todas as formas de amor, é o maior.

Esta é então uma das ordens do amor: reconheço o outro como igual. Reconheço-o como alguém que ama e que por estar amando também pode dar, como alguém de quem tomo tanto quanto posso e quero dar a ele.

O amor cego é cego justamente por não enxergar como o outro ama. A criança que sente saudades do pai que morreu cedo sente a sua própria tristeza e a sua própria dor. Não sente, porém, a tristeza e a dor do pai. Provavelmente foi difícil para ele deixar as crianças para trás, quando morreu.

A dor da criança é superada quando ela não olha apenas para si mesmo, mas também para o pai e vê o quanto ele ama. Então eventualmente pode lhe dizer: “Em homenagem a você irei passar adiante o que você me deu”.

Este então é o amor especial que também reconhece o outro no seu amor. Não o pressiona com o próprio amor e reconhece, também, o seu amor tomando dele o que ele dá.

Como aprendemos o que é amor? À medida que o tomamos.

O amor segue a ordem

O que é maior e o que é mais importante, o amor ou a ordem? O que vem primeiro? Muitos acham que se for amado suficientemente, tudo se resolve. Muitos pais, por exemplo, acham que se amarem suficientemente os seus filhos, estes se desenvolverão da maneira que imaginam. Muitas vezes, porém, são decepcionados, apesar do seu amor. Aparentemente o amor por si só não basta.

O amor deve integrar-se a uma ordem. A ordem é predeterminada para o amor.

Em outras partes da natureza, isto também é assim: uma árvore se desenvolve seguindo uma ordem interna. Não podemos mudar esta ordem. Apenas dentro dela a árvore pode se desdobrar. É o que sucede também com o amor e as relações entre as pessoas: podem apenas desdobrar-se dentro de uma ordem, que é predeterminada. Se conhecermos algo sobre as ordens do amor, o nosso amor e os nossos relacionamentos têm mais possibilidades de se desenvolverem plenamente.

A primeira ordem do amor no relacionamento entre um casal é que homem e mulher — mesmo que diferentes - são equivalentes. Se isto for reconhecido por eles, o seu amor tem uma chance maior.

A segunda ordem é que o ato de dar e receber precisa ser equilibrado. Se um dá mais que o outro, o relacionamento fica conturbado. Ele precisa desse equilíbrio. Se a necessidade pela compensação entre dar e receber andar junto com o amor, um parceiro dá ao outro um pouco mais para compensar, após ter recebido alguma coisa. Assim a troca entra o casal cresce e, com ela, a felicidade conjunta.

Esse desejo de compensação existe também pelo lado negativo. Se um parceiro causar algum mal ao outro, este tem o desejo de também lhe causar algum mal, sente-se machucado. Assim sendo, também se acha no direito de machucar o outro. Esse desejo é irresistível.

Então muitos que sofreram alguma injustiça sentem-se no direito de causar algum mal ao outro, também. Aqui então se acrescenta mais um ponto ao desejo de compensação: a sensação de que através da injustiça que me foi causada eu obtenho direitos especiais. Então, não só causamos ao outro o mesmo mal que ele nos causou e sim, um pouco mais. Como causamos um mal um pouco maior ao outro, ele se sente no direito de retribuir novamente e, como se sente no direito, causa um mal um pouco maior. Assim intensifica-se a compensação pelo mal dentro de um relacionamento. No lugar da felicidade cresce a infelicidade num relacionamento desse tipo. Reconhecemos a qualidade de um relacionamento observando se a compensação de dar e receber se efetua principalmente no bem ou no mal. A questão é: qual seria a solução? Existe uma solução? A solução seria voltar da troca no mal para troca no bem. Como, porém, isso pode funcionar?

Para isto existe um segredo: vingamo-nos do outro com amor. Isso significa que lhe causamos um mal, porém, um pouco menor. Então termina a troca do mal, e ambos podem voltar a dar e receber o bem. Está é uma ordem importante do amor. Se a conhecermos e agirmos de acordo podemos mudar muito para o bem dentro de um relacionamento, novamente.

Filhinho da mamãe e filhinha do papai

Mais uma ordem do amor deve ser considerada, pois a sua não-consideração terá amplas consequências.

Uma mulher que se acha melhor que sua mãe não tem respeito pelos homens, não os entende e, em princípio, não precisa deles. Porque se ela achar que é melhor que a sua mãe, isso geralmente significa: eu sou uma mulher melhor para o meu pai. Então ela já tem o seu homem e não precisa de nenhum outro.

Como uma menina toma-se capaz de ser uma mulher e de ter e respeitar um outro homem? Colocando-se ao lado de sua mãe como a menor.

Isso naturalmente também vale para os homens em sentido contrário: um homem que não respeita o seu pai e acha que para a sua mãe é melhor que o pai, não tem respeito pelas mulheres. Já tem uma mulher e não precisa de outra. Como ele se torna capaz de ser um homem e de ter uma outra mulher e respeitá-la? Posicionando-se do lado do seu pai como o menor.

Portanto, o homem aprende a respeitar a mulher com o pai, e a mulher aprende a respeitar um homem com a mãe.

O que acontece se um homem que é um filhinho da mamãe casar com uma mulher que é uma filhinha do papai? O filhinho da mamãe não é confiável para a mulher, e a filhinha do papai não é confiável para o homem. Eles têm pouco respeito mútuo. Quando, porém, surge um relacionamento entre a filhinha da mamãe e o filhinho do papai, esse terá uma chance maior.

Se o homem tiver o seu lugar entre os homens e a mulher tiver o seu entre as mulheres, no momento em que se encontram já não são mais adolescentes e sim, homem e mulher. Isto tem força.

Portanto primeiro deve se estabelecer a ordem na família de origem de modo que o homem respeite o seu pai e a mulher a sua mãe.

A hierarquia em relacionamentos

A ordem original

Existe uma ordem em relacionamentos que atribui aos membros mais antigos a precedência em relação àqueles que vieram depois. Denomino-a de ordem original. Neste sentido um casal encontra-se no mesmo nível, pois iniciam a relação ao

mesmo tempo. O mesmo vale para pais. Entre eles não existe uma preferência nesse sentido. Eles começam juntos. Aqui também são equivalentes.

Quando eles têm filhos, o primeiro tem uma preferência hierárquica em relação ao segundo, e o segundo tem uma preferência hierárquica em relação ao terceiro. Isso não significa que o primeiro filho possui o poder de dar ordens aos outros irmãos mas, de acordo com a hierarquia, ele vem antes e, naturalmente, os pais têm a preferência hierárquica em relação aos seus filhos.

O efeito é bom quando respeitamos a ordem original, por exemplo, quando uma família senta-se à mesa. Imaginem, que de um lado, estão os pais, o homem senta-se à direita da mulher, a mulher à esquerda do homem. As crianças ficam de frente para eles, primeiro o filho mais velho, à sua esquerda o segundo e assim por diante. A ordem hierárquica segue o sentido do relógio, porém, o primeiro filho pode também se sentar à esquerda da mãe, depois o segundo e o terceiro e assim por diante, de modo que formem um círculo. Se os conflitos na mesa são frequentes, manter essa ordem gera a paz.

Os parceiros anteriores

Se em uma família um dos parceiros ou ambos já foram casados antes ou tiveram um outro relacionamento importante, os parceiros antigos têm precedência em relação ao segundo. Se isso não é reconhecido, se, por exemplo, os parceiros antigos são diminuídos, deixados de lado ou até mesmo excluídos, posteriormente serão representados na família por um filho. Então uma criança, por exemplo, mostrará os sentimentos desse parceiro anterior e se comportará como ele. Através dessa representação, a criança se posiciona acima de sua mãe ou do seu pai - mesmo que não tenha nenhuma culpa e não faça isso de forma consciente - e fracassa.

Se a filha tiver que representar a mulher anterior do seu pai, de repente se comportará como essa mulher. Pode, por exemplo, zangar-se com o pai ou se comportar como se fosse uma mulher melhor. Então surge entre eles uma relação de pai e filha que se iguala mais a um relacionamento entre um casal.

Se, porém, olharmos para a mulher anterior e a respeitarmos de forma que ela seja incluída no coração dessa família, a filha não precisará mais representá-la e a ordem original estará restabelecida.

A desordem e suas consequências

Às vezes, a ordem original fica de cabeça para baixo. Se uma criança assumir algo no lugar de seu pai ou de sua mãe, ela se coloca acima deles, por exemplo, quando assume uma culpa no seu lugar. Isto contraria a ordem original.

Toda violação da ordem original fracassa. Todas as grandes tragédias seguem o mesmo padrão, sejam elas as tragédias gregas, as de Shakespeare ou as em famílias. Nesse contexto há dois movimentos na alma do herói que se opõe. Quando, por exemplo, um filho assume algo no lugar de seu pai tem a consciência tranquila. Sente que o ama e que é inocente. Ao mesmo tempo rompe com a ordem original. Ela é uma ordem inconsciente, originou-se numa outra consciência, na consciência coletiva. Ao mesmo tempo, então, que o filho assume algo de consciência tranquila para o seu pai, viola uma outra ordem apesar da sua consciência tranquila ou, talvez, justamente por tê-la tranquila. Por este motivo, fracassa, porque essa outra consciência castiga essa violação da ordem original com o fracasso e o declínio. Por este motivo, as grandes tragédias terminam com a morte daqueles que pensavam estar fazendo o bem.

Todos os heróis nas tragédias são crianças. Em suas almas, são crianças, querem fazer algo bom para alguém na família. Por exemplo, querem vingar ou salvar alguém, mas não têm esse direito, por esse motivo fracassam. Essa consciência da qual não nos damos conta é representada pelos deuses nas tragédias. Eles impõem a ordem original. Isso é a prova de que essa ordem tem preferência em relação à ordem da consciência tranquila.

A hierarquia em famílias mistas

A questão é: qual é a ordem certa em famílias compostas. Por exemplo, quando ambos os pais já foram casados antes e têm crianças de relacionamentos anteriores e, também, filhos em comum? Então, de repente, as crianças dos relacionamentos anteriores são juntadas às crianças do relacionamento atual. Qual seria a ordem aqui? Quem vem antes?

Para o homem, quem está em primeiro lugar nesse sistema? A mulher ou os filhos? E para a mulher, quem está em primeiro lugar nesse sistema? O homem ou os filhos? Os filhos do homem e os da mulher estiveram presentes neste sistema antes do parceiro novo. Dessa forma, eles têm preferência em relação ao atual parceiro. Como parceiros, naturalmente, os pais são únicos. As crianças não podem nem devem se intrometer em tal relacionamento. No coração, porém, as crianças do primeiro relacionamento têm preferência para o homem em relação à segunda mulher. O mesmo vale para a mulher em relação aos seus filhos do primeiro casamento. Se o homem cuidar dos seus filhos e a mulher lhe disser: “Eu, em primeiro lugar, depois os filhos” isto levará a conflitos. A mulher precisa reconhecer que, para o homem, as crianças vêm primeiro. Neste sentido eles têm uma preferência em relação à mulher. Se ela reconhecer isto, o homem terá mais facilidade de voltar-se para ela. O mesmo vale em sentido contrário para a mulher, em relação ao homem.

Assim sendo, o homem precisa reconhecer em relação à mulher: Para você, os seus filhos estão em primeiro lugar. Você é responsável por eles, não eu. Não assumirei essa responsabilidade." E diz aos filhos da mulher: "Eu sou apenas o marido da sua mãe. O seu pai e sua mãe permanecerão responsáveis por vocês." Assim o pai das crianças é incluído. Neste sentido as crianças podem manter o relacionamento com seu pai ou sua mãe. O novo parceiro não precisa se preocupar com eles. Por isso também não se pode exigir dele que cuide dessas crianças. Talvez o faça por amor, mas não precisa fazê-lo. Neste sentido, os filhos do primeiro relacionamento vêm em primeiro lugar de acordo com a ordem hierárquica. Os filhos do novo relacionamento também precisam reconhecer que os filhos do relacionamento anterior dos seus pais vêm primeiro e eles em segundo ou terceiro lugar, dependendo da situação real. Esta é a ordem que precisamos ter em vista. Se a mantemos em vista, todos têm o seu devido lugar, e esses relacionamentos funcionam com mais facilidade.

A hierarquia entre sistemas familiares

Existe mais uma hierarquia: a hierarquia entre uma família anterior e uma família posterior. Nesse caso, a hierarquia é inversa. A nova família tem preferência em relação à anterior. Quando alguém se casa constrói uma nova família, que tem preferência em relação à família de origem. Sendo assim, a nova relação apenas pode dar certo se ambos os parceiros se separam de sua família de origem. Se o homem falar para a mulher: "Meus pais estão em primeiro lugar" ou se a mulher lhe disser: "Meus pais estão em primeiro lugar", o relacionamento é prejudicado. Na bíblia está escrito: "O homem deixa pai e mãe e se une à sua mulher". Isto, naturalmente vale para a mulher também, ou seja, a nova família tem preferência em relação à antiga.

Se em um relacionamento o homem estiver esperando um filho de uma outra mulher, então começa uma nova família, que tem preferência em relação à antiga. Então o homem precisa separar-se da mulher anterior e unir-se à nova mulher. A primeira mulher e os filhos do primeiro casamento pagam um preço alto por isso. Qualquer outra solução, porém, terá um efeito muito pior. Naturalmente o homem continua responsável por sua primeira mulher e pelos filhos em comum. Eles, porém, não podem esperar que ele deixe a segunda mulher e volte.

Se alguém se separar da sua família pelo simples fato de ter achado um novo parceiro, isto ainda não significa que se constituiu uma nova família, que teria preferência em relação à antiga. A partir do momento, porém, que desse relacionamento vier um filho, forma-se uma família.

Se conhecermos estas ordens podemos resolver muitos problemas com mais

facilidade.

Outras ordens entre homem e mulher

Partindo da ordem original, homem e mulher são equivalentes em um relacionamento de casal. Nas constelações familiares, porém, mostra-se muitas vezes que o homem vem antes, não por ser melhor, mas devido a sua função, quando a família depende dele. Se, por exemplo, o homem trabalha e a mulher fica em casa, ele vem em primeiro lugar em relação à função por prover o sustento da família. Se a mulher trabalha e o homem fica em casa, a mulher vem antes. Hoje em dia há várias mudanças neste sentido. Então homem e mulher também são equivalentes neste aspecto.

Em casa, geralmente quem tem o controle é a mulher, não por ser melhor e sim, por possuir outra força. Ela mantém a família unida. As mulheres encontram-se mais próximas do essencial, percebem-no melhor. Tratando- se de questões essenciais, estão presentes antes de qualquer outra pessoa, isto temos que reconhecer.

Se o homem estiver posicionado à direita da mulher em uma constelação, a mulher confia e se entrega ao homem. Se estiver à esquerda, o homem não se sente responsável, como quando está à direita. Tem um efeito na alma. Isso, porém, pode variar em cada caso por diversos motivos. O homem posicionado à direita permanece. O homem posicionado à esquerda vai embora. Isto agora está sendo colocado de uma maneira dura. Mostra, apenas, o que talvez esteja se passando na alma.

As constelações mostram o que acontece realmente nas famílias. Por isso, em primeiro lugar é preciso que haja uma mudança na família antes que algo na constelação também mude.

Quem faz parte da família?

Para compreender estas ordens e desordens é necessário saber quem faz parte da família, neste sentido. Quem é atingido pelas forças da ordem e por esta consciência, que não percebemos? Eu os listarei aqui.

Em uma família, as crianças fazem parte. Todas as crianças, inclusive as mortas — as que nasceram mortas ou aquelas que foram abortadas. Todas elas fazem parte.

Acima delas, no próximo nível, os pais e seus irmãos, ou seja, os tios e tias, porém, apenas os irmãos biológicos dos pais, não os seus parceiros e filhos.

No próximo nível os avós pertencem à família, porém não os seus irmãos. Apenas os avós.

Por detrás deles, às vezes, ainda um dos bisavós faz parte.

Estes são os parentes biológicos. No entanto, também fazem parte dessa família algumas pessoas que não são parentes biológicos. Em geral, são todos aqueles que cederam um espaço para alguém da família, por exemplo, parceiros anteriores que abriram espaço para parceiros posteriores e que também cederam espaço para os filhos de um relacionamento posterior. Por isso, eles fazem parte da família. Observa-se que pertencem à família através do fato de mais tarde serem representados por crianças do relacionamento posterior.

Todos aqueles a cujo custo alguém da família obteve uma vantagem também fazem parte, por exemplo, quando alguém morreu cedo e assim outros se tornaram seus herdeiros. Os herdeiros tiveram uma vantagem através da morte daquele que morreu cedo. Portanto ele faz parte, precisa ser respeitado como alguém que pertence à família. Caso contrário, ele também será representado por uma criança mais tarde.

Em muitas famílias ricas podemos observar que, às vezes, a riqueza foi adquirida às custas de outros, por exemplo, de escravos. Portanto, esses fazem parte da família e mais tarde serão representados por alguém.

O amor maior

O amor não é maravilhoso? Às vezes, pois existe também um amor cego. Uma criança pequena ama os seus pais acima de tudo. Por amor, perante seus pais, faz qualquer coisa por eles.

Em nome desse amor é capaz de sacrificar até mesmo sua inocência, sua saúde, sua vida. Nas constelações familiares, podemos observar que uma criança, às vezes, mostra-se disposta a sofrer e até morrer para que seus pais fiquem melhores. Neste contexto, a criança segue uma imagem interna, uma imagem mágica. De acordo com essa imagem, acredita: “Se eu sofrer, ajudo os meus pais.” Pensa que se sua mãe estiver doente e ela adoecer em seu lugar, a mãe talvez fique curada. Acredita até que: “Se a minha mãe quiser morrer e eu morrer em seu lugar, ela permanecerá viva.” Este é um amor que é cego, porém, muito profundo.

Infelizmente não ajuda. Se a criança adoecer por amor, a mãe continuará doente da mesma forma, e se a criança morrer por amor, a mãe morrerá da mesma forma. Assim, pelo menos, observamos frequentemente.

Às vezes, porém, um dos pais espera que uma criança morra em seu lugar. Um assassino, às vezes, espera que seu filho expie a sua culpa e morra por ele. Se a criança o fizer, o mesmo se sentirá melhor. Isso também é um pensamento mágico.

Isso existe. Quando, porém, o agressor não enfrenta sua culpa por conta própria,

aquilo que não está resolvido se repetirá na geração seguinte. Talvez um outro se torne um agressor e novamente procure alguém que expie sua culpa por ele, que não a expiará, pois um outro a estará expiando. Mas isto é amor? A quem ajuda de fato?

A esse amor falta principalmente uma coisa: o respeito perante algo maior. Se uma criança vê que sua mãe está doente e se curva diante do destino da mãe, se chorar e mesmo assim respeitar o sofrimento da mãe, então permanece pequena e a mãe permanece grande. Ao contrário, se a criança achar: "Se eu adoecer, minha mãe ficará curada", então nessa imagem a criança é grande e a mãe pequena, e a ordem está de cabeça para baixo.

Não podemos dar pouca atenção a esses fatos. A fantasia de que outros estarão bem se alguém morrer em seu lugar é transferida até para Deus. Por exemplo, que Deus quer que o seu próprio filho seja sacrificado para que outros fiquem bem. Aqui transferimos para Deus o pensamento mágico de que podemos salvar alguém através do sofrimento.

O amor maior conhece seus limites. Pode olhar de frente para o sofrimento do outro, também para a morte do outro. Permanece em um nível onde algo maior pode atuar por ser respeitado. Onde também um Deus maior pode atuar, Deus este diante do qual nos curvamos, sem achar que podemos forçá-lo a fazer algo que ajude a outros através da nossa morte e sofrimento.

Amor que adoece, amor que cura

Uma criança sabe exatamente o que deve fazer para ser amada pela família e também o que não deve fazer para não perder o amor. Independente de onde estivermos nos movimentando ou unindo a pessoas, sentimos instintivamente o que devemos fazer para que possamos fazer parte e o que precisamos evitar para não perdermos o direito de pertencer. O sentido com o qual percebemos imediatamente o que devemos fazer denominamos de consciência.

Se fizermos algo que garante um relacionamento para nós, sentimo-nos inocentes e temos a consciência tranquila. Se fizermos algo que coloca o relacionamento em perigo, sentimo-nos culpados e ficamos com a consciência pesada. Se um relacionamento for importante para nós, mudamos o nosso comportamento de maneira que tenhamos a certeza de podermos pertencer novamente.

Uma criança está vinculada a sua família através de um amor profundo. Esse amor é tão grande, que a criança faz tudo para poder pertencer. Através desse amor e da necessidade de poder fazer parte, uma criança também se mostra disponível para assumir algo pesado ou até morrer, se achar que assim está servindo à sua família.

Se, por exemplo, a mãe estiver muito doente e a criança tiver medo que ela morra,

às vezes pensa: “Se eu morrer, a mamãe permanecerá viva.” Então esse amor leva essa criança à doença e também à morte. Este seria um amor que adoece.

A fantasia de que podemos salvar alguém através do próprio sofrimento é mágica. Achamos que temos o destino de uma outra pessoa em nossas mãos e que sofrendo em seu lugar podemos mudar esse destino. Muitas doenças e tragédias em famílias originam-se dessa fantasia.

A questão agora é: como podemos ajudar alguém que ama dessa forma mágica, para que o mesmo amor que o adoece se transforme em um amor que cura? Aqui ajuda o reconhecimento de que todo sofrimento proveniente do amor mágico é em vão e que nesse sentido a nossa boa consciência nos engana. Ou seja, quando o nosso amor cego toma-se um amor que enxerga e nós, ao invés de sofrermos e perdermos a vida de consciência tranquila, concordarmos com aquilo que nos mantém vivos e que está a serviço da vida, apesar da consciência pesada.

Muitos têm a fantasia de que se amarem suficientemente, algo há de dar certo. Acham que seu amor possui o poder de mudar o outro. Portanto, muitos pais têm a ideia de que amando suficientemente os seus filhos, estes se desenvolverão da forma que eles querem, mas não é assim. Uma das experiências mais dolorosas é que precisamos reconhecer que o amor é impotente. Uma criança também fará essa experiência se achar que pode salvar alguém através do seu amor. Professores e ajudantes também fazem a mesma experiência. Às vezes, eles dizem: “Me esforcei tanto com alguém e agora ele não está se desenvolvendo da forma que eu imaginava.”

E o que eu digo em relação a esse fato? “Graças a Deus.” Cada um se desenvolve de acordo com as suas leis internas.” Cada um possui seu próprio destino e, através do seu destino, tem uma força especial.

Amor que vincula e amor que liberta

Quando um homem e uma mulher se encontram, o homem percebe que lhe falta algo e a mulher, também. O que afinal é um homem sem uma mulher e o que é uma mulher sem um homem? O homem é, em relação à mulher, e a mulher é, em relação ao homem. Ao se unirem, cada um recebe o que lhe falta. O homem recebe a mulher, e a mulher recebe o homem. É humilhante para o homem confessar que lhe falta a mulher e, para a mulher, que lhe falta o homem. Não é fácil. Nesse contexto, ambos reconhecem os seus limites.

Alguns querem esquivar-se desta confissão, por exemplo, à medida que o homem procura desenvolver em si o lado feminino e a mulher procura desenvolver em si o lado masculino. Assim o homem não necessita mais da mulher, e a mulher não necessita mais do homem. Então, podem ser sem o outro.

Um relacionamento entre um casal dá certo quando ambos, homem e mulher, reconhecem que sentem falta um do outro, que necessitam um do outro para estarem plenos. Presenteando-se mutuamente com aquilo que falta ao outro, tornam-se plenos e inteiros.

O amor entre homem e mulher tem sua realização plena na consumação do ato sexual. O relacionamento entre o casal visa à consumação do ato sexual. É a consumação mais profunda da vida e tem uma importância muito superior em relação à consumação intelectual. Através dela estamos em sintonia com o que é essencial no mundo, pois o que nos solicita mais em relação à essência da vida? Através do que evoluímos mais, se não através dessa consumação e suas consequências?

Mais uma questão está relacionada a esta consumação. Através da consumação do ato sexual estabelece-se um vínculo. Após ela, o casal não consegue mais se separar. Portanto, não podemos tratá-la como se fosse algo sem importância, ela tem amplas consequências.

Percebemos o significado de uma união e o quão profundamente ela nos atinge através da dor e do sentimento de culpa e de fracasso que um casal experimenta durante uma separação. Não é possível separar-se sem sentir e reconhecer essa ligação.

Podemos deduzir o seu efeito sobre relacionamentos posteriores, do fato de que uma criança do segundo relacionamento representa um parceiro do primeiro. Tem os sentimentos deste parceiro e os expressa em relação aos pais. Os relacionamentos anteriores continuam atuando.

Também podemos observar que quando duas pessoas se separam e se unem a novas pessoas e, posteriormente, separam-se novamente, então a dor e o sentimento de culpa são menores em comparação à primeira separação. Em uma terceira, a dor e o sentimento de culpa são ainda menores e, após algum tempo, não têm mais importância nenhuma. Geralmente as pessoas também não têm coragem de tomar o novo parceiro da mesma forma íntima como o primeiro.

Uma boa solução seria continuar a respeitar e amar o parceiro anterior. Nem sempre ambos os parceiros são capazes de agir assim ao mesmo tempo, então permanece algo doloroso para os dois.

Parceiros anteriores ou crianças são representados

Relacionamentos anteriores atuam dentro do relacionamento atual, é importante saber que é assim. Exatamente aqui muitas vezes vemos um exemplo de exclusão. Se o relacionamento anterior é reconhecido, e o amor que existiu, também, o novo relacionamento tem uma chance maior.

Uma criança do segundo relacionamento, geralmente representa o parceiro anterior. Se houve um aborto no relacionamento anterior, essa criança também será representada por uma criança do relacionamento posterior. A criança não pode fazer nada para evitá-lo está entregue a esse comportamento. Apenas os pais podem.

SOLUÇÕES

Expiação e compensação

Se alguém se sentir culpado em um relacionamento, por exemplo, por causa de um aborto, então frequentemente o homem ou a mulher culpada reagem com uma fantasia estranha: querem expiar pelo que fizeram. Em relação a isso quero dizer algo, porque é muito importante para a forma como lidamos com a nossa vida.

Em todos os relacionamentos existe uma necessidade profunda pela compensação de ganho e perda.

Quando um parceiro dá algo ao outro, este também quer lhe dá algo, para compensá-lo. Como o ama dá-lhe um pouco mais. Isso é comum quando as pessoas se amam. O outro também quer compensar o que recebeu e, como ama, dá um pouco mais. Assim a troca em um relacionamento evolui. Esta é a base de um bom relacionamento: “Dou-lhe com amor e tomo de você com amor, depois dou-lhe novamente com amor e tomo de você com amor.”

A mesma necessidade se manifesta quando um causa algum mal ao outro, ou seja, quando o homem diz algo que machuca a mulher, por exemplo: “Você é IGUALZINHA à sua mãe!!!” Isso é grave para a mulher, quando ela toma como uma ofensa, estas são palavras que machucam. Ou quando alguém diz: “Talvez devesse ter casado com outra pessoa.” Isto não é grave? Algo assim machuca profundamente. Então a pessoa que foi machucada dessa maneira tem o desejo de compensação, também quer machucar o outro. Estranhamente, muitas vezes, quer machucá-lo um pouco mais, ou seja, ultrapassa uma mera compensação.

Mais uma outra fantasia atua por detrás disso. Queremos nos livrar daquilo que nos machuca, por exemplo, de uma doença. Se alguém tiver nos machucado, talvez também queiramos nos livrar dele e assim o machucamos um pouco mais do que ele nos machucou. A raiva que se mostra nesse contexto frequentemente é expressão de um desejo de eliminar alguém, mas não porque os seres humanos são maus, neste sentido. Trata-se de movimentos profundos da alma, estão relacionados a nossa vida e nossa sobrevivência: queremos extinguir aquilo que nos ameaça. Portanto, nesse contexto, também não acuso ninguém, mas temos que saber que algo assim existe.

Se um machucou o outro de forma irreparável, ele, às vezes, compensa causando-se o mesmo sofrimento que o outro sentiu. Em relação a um aborto, por exemplo, uma pessoa também quer compensação, frequentemente desejando a própria morte, então se sente melhor, pois compensou. Esse comportamento denominamos de expiação.

Expiação é uma tentativa de compensação através da mesma dor e do mesmo destino, mas, quando alguém expia uma culpa, para quem olha? Olha, por exemplo, para a criança abortada ou apenas para si mesmo? Portanto na expiação geralmente fechamos os olhos, não olhamos para a pessoa que machucamos ou prejudicamos, olhamos apenas para nós mesmos. Assim sendo, a expiação é um obstáculo para o amor.

Aborto Provocado

No amor, o movimento é totalmente diferente em uma situação desse tipo. A mãe, por exemplo, olha para a criança abortada e diz: “Eu matei você.” Esta é a verdade. De repente a situação toma-se séria. Diz a ele: “Queria me livrar de você” e, enquanto diz essas palavras olha-o e depois diz: “Você é meu filho e eu sou a sua mãe. Eu sei o que fiz e concordo com as consequências.”

No entanto, isso ainda não traz alívio. O que podemos de fato fazer? Será que no nível em que nos encontramos existe alguma coisa que possa ser feita? Não, não existe. Ainda assim, se antes a mãe tiver olhado para a criança dessa maneira, ela pode olhar para além da criança, para o seu destino e entregá-la ao destino com amor. Depois olha para o próprio destino e diz: “Sim, eu concordo com o meu destino e com as consequências daquilo que fiz.” Curva-se diante do seu destino e olha para mais longe, para além dele. De repente, todos - a mãe e o filho - entram em sintonia com algo maior, num lugar onde regem outras leis além da compensação. Diante dessas forças grandes, independente de como as denominamos, ninguém é perdido, nem mesmo uma criança abortada. Todos estão em casa nesse espaço onde atua essa força grande.

Nesse campo todos são iguais, portanto uma criança abortada não desaparece, está presente e atua. Se, por exemplo, um filho de um relacionamento posterior olhar para o filho abortado do pai e disser: “No meu coração você tem um lugar”, então parte dessa criança abortada um movimento de bênção em direção ao filho posterior. Quando a criança abortada é incluída nesse contexto amplo, atua como uma bênção. O que se diz, então? Primeiro, o filho diz a essa criança: “por favor” e depois “obrigado”, e os pais dizem a esse filho: “Agora você tem um lugar no nosso coração.”

Assim surge um movimento de amor totalmente diferente, muito mais profundo.

Vingança com amor

Quero voltar mais uma vez ao assunto da compensação. Se um machucar o outro no relacionamento entre casais ou em outra situação, e o outro tiver o desejo de compensação, então existe a possibilidade da vingança com amor. Sim, é possível vingar-se com amor, pois não podemos dispensar totalmente a compensação. Também temos que fazer algo contra o outro, pois ele espera por isso. De modo contrário, começa a expiar sua culpa. Posso livrá-lo da expiação, à medida que faço algo contra ele de verdade, porém, um pouco menos. Este é o amor na vingança, que causa um mal um pouco menor. Então o outro talvez balance a cabeça e pergunte: "o que aconteceu agora?" Olha para o seu parceiro e diz: "Obrigada." Assim o bem pode prosseguir novamente.

A seriedade

Após a constelação com um casal que não obteve solução:

Alguns de nós talvez sintam a tentação de dizer: "que pena." Agora confiram em suas almas o que sucede com vocês quando dizem "que pena." O que acontece com a sua força? Podem sentir como a perdem? E o que aconteceria se disséssemos: "Deve ter algo a se fazer nesta situação" e se refletíssemos sobre o que ainda pudesse ser feito ou deveria ser feito, o que aconteceria com o casal? Seria respeitado? Ganha em força através da nossa preocupação ou será que o estaríamos enganando? Onde isso terminaria?

Aqui, o ponto mais importante é que algo que até então não estava sendo visto entrou no nosso campo de visão. Desta forma, o casal entra em contato com a realidade da maneira como ela é. A realidade o solicita mas, ao mesmo tempo, o casal adquire força através daquilo que foi revelado e eu posso me recolher, pois a sua alma sabe o que deve fazer. Assim sendo, eles não podem continuar como até agora, a situação é séria.

Onde o amor dá certo? Onde existe seriedade. Todo o resto é apenas uma introdução. Lá onde existe seriedade, o amor terá consequências.

O movimento em direção a alguma coisa

Muitas vezes vivenciamos que o amor não dá certo. Por qual motivo ele não dá certo? Na medida em que há uma separação, o fluxo da vida é interrompido. Se estivermos fora de um relacionamento, quando perdemos alguém de que precisamos e amamos, não podemos alcançar o nosso objetivo.

Todos os nossos problemas essenciais estão relacionados a uma separação, a um movimento em direção a alguém importante que foi interrompido, a uma perda. O primeiro movimento essencial em direção a alguém importante para nós é o

movimento em direção à mãe ou ao pai. Quando este movimento deu certo, somos felizes e bem preparados para a vida.

O que está oposto a isso?

O fluxo da vida

Sugiro um pequeno exercício, onde podemos entrar nesse movimento e tentar concluí-lo onde foi interrompido.

Fechamos os olhos e recolhemo-nos ao nosso centro. Vemo-nos como criança diante do nosso pai e da nossa mãe. Olhamos para eles com toda devoção, como as crianças pequenas olham para os seus pais, com os olhos bem abertos e um amor incrivelmente profundo. A maior entrega que já vivenciamos foi essa, olhar para nossa mãe e nosso pai. Talvez, posteriormente, algo tenha interferido, mas agora voltamos para este amor original.

Olhamos para os pais e por detrás deles vemos os seus pais, por detrás desses os seus respectivos pais e novamente por detrás desses os seus respectivos pais, através de várias gerações. A vida flui por todas essas gerações até os nossos pais e, através desses, chega até nós. É a mesma vida para todos. Quem a recebeu e a passou adiante fez tudo certo. Ninguém pode retirar algo, ninguém pode acrescentar algo. A vida flui por todas essas gerações com sua total plenitude. Para a nossa vida não tem importância como as pessoas eram individualmente, se eram boas ou más, se eram reconhecidas ou desprezadas. A serviço da vida umas eram tão boas quanto as outras. Assim, a vida também alcançou a minha mãe e o meu pai e, através deles, chegou até mim.

Agora abrimos o nosso coração e a nossa alma para a plenitude da vida, da maneira como ela nos alcançou através da nossa mãe e do nosso pai e dizemos a eles: “Obrigado. Tomo-a de vocês. Tomo tudo, pelo preço integral, com tudo que lhes custou e me custar. Seguro-a com firmeza e honra. Repassá-la-ei em sua total plenitude, nas circunstâncias que eu puder e for capaz.

Depois recostamo-nos em nossos pais. Olhamos para frente e passamos a vida adiante, como sempre: para nossos próprios filhos, netos... enfim, para as várias gerações posteriores à nossa. Se não tivermos filhos a passamos adiante de outra maneira, a serviço da vida. A vida nos atravessa e justamente quando nos atravessa, estamos mais profundamente ligados a ela, pois a vida, assim como o amor, flui.

O andamento da vida

Quem toma de seus pais fica pequeno, comporta-se como o pequeno. Quem se comporta como o grande em relação aos pais não toma o que eles têm a dar e,

posteriormente, lhe falta.

Quem toma dos seus pais e diz: “Sim eu sou pequeno e vocês são grandes. Eu tomo de vocês” e depois se vira para passar adiante o que recebeu, neste momento, toma-se grande. Se permanecer pequeno não poderá fazê-lo. Portanto, primeiro pequeno e depois grande. Este é o andamento da vida.

Perdão, misericórdia, amor

Há alguns meses atrás estive em Israel e visitei a *Ben Gurion Universität* com alguns acompanhantes. Lá, um professor que se empenha muito em favor da paz entre os israelitas e os palestinos nos disse: “É estranho. Se os alemães pedissem perdão aos judeus, os judeus não poderiam dar-lhes este perdão. Ao mesmo tempo, os israelitas estão em Israel à espera que os palestinos talvez os perdoem.”

Refleti sobre o significado do ato de perdoar alguém. Será que temos esse direito de conceder o perdão? Quando imagino o que se passa na alma, à medida que falamos ou pensamos em perdão, sinto que “Perdão só pode existir em questões pequenas e com reciprocidade.”

Quando alguém se toma culpado de algo, por exemplo, machucando outra pessoa, então o perdão de maior efeito é silencioso. Sem palavras. Na verdade, ele é apenas um ato de indulgência, de esquecer o acontecido, passamos por cima do ocorrido. Agindo assim, o outro sente o amor. Quando sente que eu talvez também tenha feito algo que me toma culpado em relação a ele, responderá da mesma maneira, passará por cima e o esquecerá. Esta é uma maneira muito humana de perdoar. Em princípio, trata-se de indulgência, simplesmente.

Se alguém em um relacionamento falar: “Eu lhe perdoo”, passa-se algo completamente diferente na alma. Quem diz “Eu lhe perdoo” ao mesmo tempo culpa alguém de algo. Esse perdão verbalizado separa, não pode salvar um relacionamento, muito pelo contrário, destrói-o.

Existem ainda situações onde qualquer tipo de perdão é proibido, por exemplo, tratando-se de assassinato. Precisamos apenas imaginar: o que se passa na alma de um culpado quando espera que o perdoemos? No momento em que ele pede e espera por perdão, deixa de olhar pelas vítimas. Ao invés de sentir e sofrer com elas por aquilo que lhes causou, olha para si próprio, quer ser aliviado de sua culpa sem assumir as consequências.

O que acontece com aqueles que estão dispostos a lhe dizer: “Eu lhe perdoo.”? O que fazem através dessas palavras? Será que têm o direito de agir dessa maneira? A quem compete dar esse perdão? Quem disser algo assim posiciona-se ao lado de um poder maior ou até acima dele, como se pudesse decretar a culpa ou a inocência ou, em última instância, a vida e a morte.

Quando o perdão não é esperado e concedido, a grandeza daquilo que ocorreu permanece intocada. O culpado mantém sua dignidade na medida em que não espera por perdão e nós respeitamos sua dignidade, na medida em que não o perdoamos. Ele está entregue a algo maior. Nenhum ser humano pode interferir.

Mais um ponto está ligado a esse tipo de situação. Uma grande culpa dá força quando a assumimos e aceitamos suas consequências. Concede ao culpado a força da realizar algo que os inocentes nunca seriam capazes de realizar, por não terem essa força. Portanto, também precisamos olhar para a culpa nesse contexto maior.

Mesmo assim, de certa maneira, podemos nos voltar para aqueles que não podem mais esperar por perdão. Como? Através da benevolência.

O que é benevolência? É um movimento do coração e da alma, frente a um sofrimento e uma culpa que não podem ser eliminados. Então fazemos alguns atos de benevolência, sabemos, porém, que com isto a culpa e o sofrimento não podem ser eliminados. Na benevolência somos iguais aos outros. Concordamos com a impotência que os envolve e também nos sentimos impotentes. Aquele que é benevolente não julga e não perdoa, nem um nem outro. Ele apenas está presente e não se coloca acima de ninguém.

O que disse aqui sobre perdão, sobre a negação do perdão e sobre a benevolência, em princípio, disse sobre o amor. Trata-se, porém, de um amor especial, está além e acima do amor que ainda exige algo.

Propositalmente cego

O amor é indulgente e duplamente cego. Quando, por exemplo, um homem encontra uma mulher e eles se apaixonam, ambos são cegos. Quando, depois, conhecem-se lentamente, ficam cegos propositalmente. Por amor não querem enxergar algumas coisas e também por serem indulgentes.

Podemos agir assim, de um modo geral, quando conhecemos outras pessoas. Cegos, tornamo-nos capazes de ver. Por sermos cegos e indulgentes, vemos mais. Não é bonito movimentar-se assim pelo mundo, cego e capaz de ver ao mesmo tempo? E como faz bem ao coração!

Amor e medo

Muito amor é medo de sermos deixados, medo de perdermos a ligação com a família, principalmente a ligação com pai e mãe. Então uma criança faz de tudo para poder manter essa permanência, até mesmo pagar o preço através da saúde, da clareza ou da vida. Este é o amor de uma criança pequena, é totalmente cego. Independente do que acontecer neste amor, independente de qual for o preço desse amor, alegra o coração da criança.

Depois existe um amor que olha, ele vê o outro, vê a mãe e o pai e enxerga o amor dos outros em seus rostos. Temos medo apenas quando não olhamos. O amor medroso não olha, porque quando olhamos e amamos e quando vemos que somos amados algo se inicia: dar e receber. Primeiro receber, depois dar. Esse amor evolui.

Fantasias de onipotência

Existe mais uma coisa que está ligada ao amor das crianças: uma fantasia de onipotência: se amar o outro, posso salvá-lo, libertá-lo. Tenho poder sobre sua vida e sua morte. Este tipo de fantasia de onipotência, naturalmente, somente as crianças, por serem cegas, têm ou então pessoas que permaneceram crianças.

Olhar para o amor

Em princípio, sempre se trata de amor. Mostra-se que, em todo comportamento, mesmo que ele nos pareça estranho, o amor está envolvido e que depende de acharmos o ponto e a situação onde alguém está amando. No momento em que achamos esse ponto, ou seja, quando o amor vem à luz, a pessoa se sente bem e em ordem, independente de como está emaranhada. Então, através deste amor pôde-se procurar e achar uma solução. Portanto, qualquer terapia onde sentimentos negativos são levados em consideração, como, por exemplo, a raiva ou exigências contra os pais, no final revela-se como fracassada. Ela não acha o ponto onde alguém ama e também não o procura. Um ajudante que sabe desse amor, recolhe-se diante dessas exigências.

Do ponto de vista sistêmico, o ajudante adquire força quanto mais se alia internamente àqueles que são desprezados, acusados ou excluídos em uma família. Quando alguém tem queixas ou acusa a sua mãe ou seu pai e o ajudante imediatamente lhes concede um lugar em seu coração, do ponto de vista sistêmico, ele estará ligado àqueles que possuem a maior força. Assim pode ajudar muito mais ao seu cliente do que se aliando a ele contra os seus pais.

Independente do que uma criança fizer contra seus pais, por exemplo, através de exigências, acusações ou desprezo, no final castiga a si mesmo. A alma não considera as explicações com as quais gostaria de justificar o comportamento. A alma da criança permanece vinculada aos seus pais.

Também no relacionamento entre casais, ajuda quando um parceiro toma para dentro do seu coração os pais e todas as pessoas contra as quais o outro tem uma queixa. Após um tempo, o outro o perceberá e agradecerá.

A diferenciação dos sentimentos

Muitas vezes quando alguém mostra um sentimento isso nos impressiona,

principalmente tratando-se de um sentimento triste. Existe um teste para a diferenciação dos sentimentos, por exemplo, se eles conduzem à ação ou se representam um obstáculo para a ação. Podemos nos questionar e experimentar sentir na alma: alguém atrai nossa atenção sobre si através do seu sentimento ou podemos permanecer conosco mesmos, quando alguém mostra um sentimento? Quando percebemos que alguém atrai a nossa atenção sobre si através do seu sentimento, não podemos, de forma alguma, agir, pois por detrás deste sentimento geralmente esconde-se a agressão.

Sentimentos através dos quais alguém atrai a atenção dos outros sobre si servem como substituição para a própria ação, portanto, são dramáticos. Em tais sentimentos fechamos os olhos, pois esses sentimentos alimentam-se de imagens internas e não da realidade. Podemos esquecer esses sentimentos mesmo que sejam eles os mostrados com maior frequência. Não nos deixemos enganar por esses sentimentos! Se alguém nos persegue e exige: “Você tem que me ajudar”, irritamo-nos. Essa irritação é o sentimento que o outro esconde. É uma grande habilidade saber agir com o outro de maneira que ele sinta a mesma irritação que nós sentimos, porque assim toma-se capaz de agir. Necessitamos, porém, de força para aguentar esse tipo de situação. Denomino estes sentimentos, de sentimentos secundários.

Os sentimentos relacionados à realidade denomino de sentimentos primários. Sentindo-os, estamos de olhos abertos. Os sentimentos primários sempre correspondem à ocasião, nunca são exagerados e são, de certa forma, reconfortantes. Sentimo-nos seguros e não manipulados na presença de pessoas que mostram tais sentimentos, como, por exemplo, quando alguém sente uma dor ou uma tristeza profunda ou também raiva, tratando-se de uma raiva legítima.

Uma outra característica de sentimentos primários é que são de curta duração, passam rapidamente. Podemos observá-lo quando alguém na família morre, por exemplo, o parceiro. Então, o parceiro que sobrevive sente uma dor profunda e, se permitir essa dor com toda sua veemência, passará logo. Ela faz com que ele seja capaz de separar-se internamente e olhar para frente.

Alguns parceiros permanecem de luto por toda vida, porém, não estão verdadeiramente de luto. Esse luto é um sentimento secundário, é demonstrado por pessoas que ainda carregam mágoas em relação ao parceiro ou devem algo a ele.

Muitos sentimentos que alguém sente e demonstra não lhe pertencem. Na verdade, foram assumidos de outra pessoa do sistema, sem que tenha consciência disso.

Temos, por exemplo, os sentimentos de alguém que foi excluído da família ou teve um destino difícil e são realmente sentidos como verdadeiros. Durante a

constelação, a transferência desses sentimentos vem à luz.

A dupla transferência

Neste contexto quero chamar atenção para uma observação importante. Em muitos relacionamentos entre casais, os parceiros costumam brigar sempre pelo mesmo motivo. Para pessoas que não fazem parte do relacionamento, isso é incompreensível.

Neste tipo de relacionamento existe algo como uma dupla transferência. Isso significa que uma pessoa assume um sentimento de alguém, por exemplo, uma raiva, que este sentia em relação a um terceiro. Neste caso não há apenas uma transferência de quem tem o sentimento - um membro posterior, por exemplo, assume o sentimento de um anterior - mas também a quem se dirige o sentimento. A raiva assumida não está direcionada para o objeto anterior a quem diz respeito, mas procura um alvo novo, alguém que não possui nenhuma culpa. Quando se tem consciência disso também é possível reconhecer uma dupla transferência em si próprio e, se pesquisarmos, talvez possamos descobrir a procedência e o significado original desse sentimento.

Quando alguém briga pela ordem e pelo direito, geralmente luta pelo direito de alguém de sua família, muitas vezes alguém de uma geração muito mais antiga.

Por este motivo possui esse zelo especial. Na verdade, não se trata do zelo de um adulto, é o zelo de uma criança.

Os sentimentos mais elevados

Existe ainda um quarto tipo de sentimento. Denomino-os de metassentimentos, que significa sentimentos mais elevados, são serenos e repletos de força. A coragem, por exemplo, faz parte desses sentimentos. Quem é corajoso não tem emoções, possui a mais pura força. A coragem é desperta e serena.

A alegria também faz parte dos metassentimentos, é leve e contente. A satisfação profunda também é um metassentimento.

O amor existe em diferentes níveis. Existe o amor primário, que é imediato em relação à pessoa amada. Ele é maravilhoso. Depois existe um amor secundário, quando se está apaixonado. Nesse amor, não vemos o outro. Existe ainda o amor como sendo um sentimento adquirido, e existe um amor no meta nível.

O cirurgião, por exemplo, ama, mesmo que ele tenha que cortar. O meta-amor não tem emoções é, porém, repleto de força.

O metassentimento mais elevado é a sabedoria. A sabedoria é um sentimento. Com seu auxílio, podemos distinguir o que ajuda e o que não ajuda. A sabedoria não tem conteúdo, possui um sentimento que nos ajuda a distinguir se algo funciona

ou não.

Dimensões do amor

O amor tem diferentes dimensões. Todos conhecemos a dimensão mais próxima. Crianças amam seus pais, enquanto são pequenas; os pais amam seus filhos; o homem e a mulher amam-se mutuamente, de forma especial. Através do sentimento, o amor se movimenta de um para o outro. Este é o nível no qual nos movimentamos na maior parte.

Existe ainda um outro amor. Ele é consciencioso. O que isso significa? Segue a consciência. Que consciência? Da família. A consciência nos diz o que devemos fazer para podermos fazer parte. Temos uma consciência tranquila quando comportamo-nos de tal forma que podemos fazer parte. Temos uma consciência pesada quando tememos ter perdido o direito de pertencer.

A consciência distingue entre o que é bom e o que é ruim. Nesse contexto, é considerado *bom* apenas aquilo que me concede o direito de fazer parte, e é considerado *ruim* apenas aquilo que ameaça o meu direito de pertencer.

Pelo fato de a consciência nos vincular à nossa família, ela excluí outros, por exemplo, outras pessoas, outros grupos, outras percepções do que é bom ou ruim. Quanto mais nos une à nossa família, principalmente em tempos de perigo e necessidade, onde o nosso vínculo com a família pode se tornar uma questão de sobrevivência, mais forte toma-se a rejeição em relação ao meio externo. A boa consciência nutre a rejeição de outros. Por detrás da agressão em relação a outras pessoas e até do desejo de destruição, onde queremos nos livrar de outros e queremos que eles desapareçam ou até morram, encontra-se a mesma boa consciência que nos vincula a nossa família. Portanto, frequentemente existe a exclusão de outros em relação à família, de consciência tranquila. Pelo fato de pertencermos à nossa família somos forçados a excluir determinadas pessoas.

Existe, porém, por detrás dessa consciência tranquila que percebemos na forma de culpa e inocência, uma outra consciência totalmente diferente, uma consciência coletiva, original, arcaica.

Na nossa cultura, na maior parte das vezes, não temos a percepção dessa consciência. Ela não permite que alguém seja excluído. Se, portanto, alguém da família é excluído, seja por qual motivo for, mais tarde um outro membro da família terá que representar o excluído, sob pressão dessa consciência. Desse modo, o excluído é integrado à família novamente, porém, sem que as pessoas o percebam. Isto é um emaranhamento.

Em muitos relacionamentos de casais acontece que pessoas excluídas, do lado do homem ou da mulher passam a atuar dentro do relacionamento. Assim sendo, esses

excluídos precisam ser incluídos no relacionamento, com amor.

Agora se trata de um outro amor, um amor que ultrapassa os limites do que é bom ou ruim, assim como os limites da consciência e integra aqueles que foram excluídos. Isso então é crescimento. Se formos capazes de agir assim, crescemos. Também no relacionamento de casal, ambos os parceiros crescem se agem dessa forma. Tornam-se mais plenos e completos. Esse comportamento não faz com que se apaixonem ainda mais, porém, o vínculo entre eles toma-se muito mais profundo.

O céu na terra

As pessoas amam de maneiras distintas. Se olharmos para os nossos pais e para os nossos antepassados e se olharmos para a vida que nos alcança, através deles, tomamos a vida de uma forma que é especial para nós. Tomamos de modo diferente de outras pessoas, pois nossos pais e antepassados estão inseridos em um contexto particular. Pertencem a um determinado povo, a uma determinada cultura, a uma determinada religião, a uma determinada raça. Com a vida também tomamos deles determinadas circunstâncias da vida e concordamos com elas. Podemos apenas ter a nossa vida se concordarmos também com essas circunstâncias. Elas nos trazem determinadas possibilidades e determinados limites. Agora imaginemos uma outra criança do nosso lado. Ela olha para os seus pais e antepassados e toma deles a vida, porém, em circunstâncias totalmente diferentes. Seus pais fazem parte de um povo diferente, falam outro idioma, pertencem a outra cultura, talvez a outra religião. Essa criança pode apenas obter a vida se concordar, também, com essas circunstâncias. Elas, porém, são distintas das nossas. A criança não tem outra opção a não ser concordar com elas, assim como nós não tivemos outra opção a não ser concordar com as nossas.

Mesmo sendo totalmente distintos - eu e essa criança - somos idênticos na forma de como tomamos e concordamos com a vida, mesmo que as duas coisas sejam diferentes, têm o mesmo direito de existir. Ambas as circunstâncias têm o mesmo direito de estarem presentes.

Sucede, porém, que devido à motivação da nossa consciência, comportamo-nos de uma forma que nos permite fazer parte do nosso grupo. Se nos comportamos assim temos a consciência tranquila. Por outro lado, tudo que pode nos separar do nosso grupo, deixa-nos de consciência pesada. Até então, tudo bem, mas, da mesma forma como rejeitamos algo dentro de nós que nos separa do nosso grupo, frequentemente também rejeitamos um outro grupo, uma outra religião, uma outra cultura por motivação da nossa consciência. Nesse contexto, às vezes ocorre que, por motivação da nossa consciência, percebemo-nos como particularmente bons e,

em casos extremos, como pessoas especiais e consideramos inferiores ou reprovamos aqueles que são diferentes de nós.

Os outros que são diferentes talvez pensem o mesmo: nós somos melhores, pessoas especiais, e os outros são inferiores e de mau caráter.

Assim surge uma separação a partir da influência da consciência. Resulta no fato de um grupo querer que o outro se iguale e se submeta a ele. Assim sendo, por detrás de todos os conflitos que surgem a partir dessa situação, encontra-se uma consciência tranquila. Estranho!

Para que o amor também dê certo entre os diferentes grupos, temos que transcender os limites do nosso grupo, da nossa família, da nossa consciência. Isso funciona seguindo o mesmo modelo do amor entre homem e mulher. Mesmo que os outros grupos sejam diferentes do nosso, temos que reconhecer que são equivalentes. Abrimos espaço para os outros grupos dentro de nós e assim tornamo-nos mais redondos e plenos, sem que as diferenças sejam aplanadas. Pelo contrário: somente por reconhecermos as diferenças, somos enriquecidos através delas.

Existe mais um fato a ser considerado. Ambos os grupos são conduzidos por um poder maior. Denomino-o de *grande alma,* da qual todos nós fazemos parte. Essa *grande alma* quer as diferenças e ao mesmo tempo as une. Assim sendo, alcançamos a plenitude do amor no momento em que consideramos que todas as pessoas são equivalentes a nós mesmos em nossas almas, mesmo que sejam diferentes. Jesus mostrou uma imagem para essa postura interna. Ele diz: “Meu pai nos céus faz raiar o sol sobre maus e bons e derrama a chuva sobre justos e injustos.”

Qual seria então a postura interna que nos ajudaria a corresponder ao que ele disse? O que seria o grande amor? Quando reconhecemos que, diante de algo maior, todas as pessoas são semelhantes a nós.

Existe mais um fato a ser considerado. Muitos conflitos são mantidos através da lembrança de uma injustiça passada. O grande amor, porém, esquece. Esquecer e perdoar, nesse contexto, também significam: “Reconhecemos que diante de algo maior todos os outros são equivalentes a nós.” Isto, então, seria o céu na terra.

A ausência

Somos ausentes quando estamos presentes em algum outro lugar. Portanto, a nossa ausência ganha o seu significado e valor ou a sua insignificância através do significado, do valor e da insignificância da nossa presença. A ausência ou a presença podem estar relacionadas ao lugar ou podem ser mentais ou internas. O estereotipado cientista distraído é ausente por estar concentrado e presente em outro lugar.

O homem que deixa sua casa de manhã para ir ao trabalho, nesse momento toma-se ausente tanto em relação ao lugar como mental e internamente perante a sua casa e sua família. Ao mesmo tempo, toma-se presente no local de trabalho e em relação a sua tarefa e a sua função. Não está, porém, totalmente ausente em relação a sua família, principalmente se também considerar seu trabalho ou sua função como algo que faz para a família. Assim sendo, sua família também está presente no trabalho, porém, em segundo plano, sem que o trabalho e a função do homem sejam prejudicados. Através da sua presença indireta a família talvez até represente uma motivação e ajude o homem a ser ainda mais concentrado e presente no seu trabalho.

É diferente, porém, quando a família tem tanta presença no trabalho de modo que a presença do homem, seja prejudicada. Isto acontece, se ele se tornar ausente mentalmente, pela presença de sua família. Por exemplo, se estiver preocupado com a sua família. Neste caso a presença da família não prejudica apenas o trabalho do homem, mas também, após algum tempo, a própria família. Se o homem por ventura produzir menos, isto poderá ter consequências graves também para a sua família, por exemplo, se ele perder o emprego.

Por outro lado, alguém que chega a casa após o trabalho pode ainda estar tão envolvido com o mesmo que, mesmo estando presente em casa fisicamente, pode estar ausente mentalmente. Reconhecendo com carinho a presença do trabalho, o parceiro pode ajudar ao outro lentamente a tornar- se mais presente em casa, de forma que ele possa deixar para trás o trabalho e as preocupações relacionadas a ele e, assim, estar presente na família interna e mentalmente.

É, porém, diferente quando o trabalho e a tarefa são de natureza tal que não permitem a ausência. Assim sendo, a presença em casa os prejudicaria. Por exemplo, tratando-se de um médico ou de um político ou no caso de qualquer outra pessoa que possui responsabilidade em relação a muitas outras pessoas e famílias. Aqui o parceiro pode dar suporte ao outro em sua ausência, compartilhando a responsabilidade e pode estar presente ao seu lado, apesar da ausência do outro.

O ideal da presença constante do parceiro e a expectativa de que ele deve estar presente permanentemente, ou seja, que a presença possui preferência em relação a todo o restante, talvez esteja ligado ao fato de que antigamente o trabalho era apenas uma outra forma de estar presente em casa, por exemplo, no caso do trabalho em uma fazenda e também em muitas outras profissões. Essa forma de presença que permanece hoje em dia é a exceção. A transferência do ideal da presença permanente para a situação como ela é, hoje em dia, cria expectativas em ambos os parceiros que não podem ser correspondidas e, assim, geram decepção e sofrimento.

O problema toma-se ainda maior quando ambos os parceiros assumem um trabalho e um dever longe da família. Ambos não apenas se encontram ausentes durante grande parte do seu tempo em relação ao outro e a família, mas também mental e internamente. Assim sendo, a família sai do centro das atenções uma vez que, frequentemente, a profissão solicita mais de ambos os parceiros que a família e o relacionamento. A palavra “mais, aqui, não se refere a valor e sim, à presença mental, concentração, risco e responsabilidade. Enquanto na família e no relacionamento as exigências são mais comuns e acessíveis para qualquer pessoa, o trabalho ou a atividade profissional muitas vezes exige uma experiência e qualificação específica que não são de acesso comum. Assim sendo, essas exigências frequentemente separam e diferem um do outro muito mais do que os une. Isso se mostra principalmente em casais que, além de terem uma responsabilidade como pais e em relação ao casamento, trabalham em profissões diferentes assumindo tarefas diferentes. O sentimento e o tempo de ausência em relação ao outro frequentemente são maiores e mais profundos que a presença.

Então a questão é: como a presença de ambos pode ser mantida e aprofundada tanto no relacionamento quanto na profissão e nas respectivas tarefas, sem que um ou o outro seja prejudicado? Como que ambos podem ser unidos, tanto através de um quanto do outro, de uma forma que aumente a sua presença, tanto no relacionamento e na família quanto na respectiva profissão e na tarefa e responsabilidade pessoal maior? À medida que ambos se tornam presentes dentro de um todo que é maior.

Provas pelas quais o amor passa

Como todos podem ver, o homem e a mulher são diferentes. Se, então, o homem voltar-se para uma mulher e a mulher voltar-se para o homem, amam algo que antes era desconhecido para eles. Precisam, portanto, abrir seu coração para algo que é diferente deles e precisam reconhecer aquilo que é diferente como equivalente. Ambos precisam reconhecer que lhes falta algo. Um precisa reconhecer que o outro pode dar o que lhe falta, e que ele pode dar ao outro, algo que também lhe falta. Assim, ambos crescem, tornam-se mais ricos e plenos.

À medida que se desprendem de algo, ganham algo. O homem desprende-se de algo e ganha a mulher; a mulher desprende-se de algo e ganha o homem.

Além disso, ambos vêm de famílias diferentes. De repente, o homem precisa reconhecer que também existe uma outra família onde há regras e valores diferentes das regras e valores em sua família. Naturalmente, a mulher deve fazer o mesmo. A questão é: como o seu amor pode dar certo, se ambos vêm de famílias distintas que são diferentes em vários pontos? Devem fazer o mesmo que fizeram

no início, quando se encontraram. O homem não apenas abre o coração para a mulher, mas também para a sua família, e a mulher não apenas abre o coração para o homem, mas também para a sua família. Então, o que acontece na alma? Ambos crescem. Ambos reconhecem que a outra família é equivalente, apesar de ser diferente.

Isto vai mais além. Ambos vêm de uma família de destinos particulares e estão emaranhados nos destinos particulares de suas famílias. Através dos emaranhamentos, às vezes surgem conflitos particulares no relacionamento entre o casal. Por que, por exemplo, a mulher de repente quer ir embora do relacionamento? Ela é má? Será que é culpada ou está emaranhada? O que aconteceu em sua família que ela não consegue deixar para trás, de tal forma que precisa partir do relacionamento?

Quero dar-lhes um exemplo de um emaranhamento específico.

Há alguns meses atrás dei um curso para casais em Washington. Uma mulher veio sem o marido. Posicionei a mulher e um representante do homem, um de frente para o outro. Eu não sabia nada sobre a família. O representante do homem começou a tremer fortemente. Perguntei à mulher: “Você, alguma vez, já pensou em matá-lo?” Ela disse: “Sim.” Então interrompi a constelação.

Pouco depois, a mulher me procurou e disse que havia descoberto algo importante sobre a sua família de origem. Antes eu havia dito a ela: “Se um parceiro tem o desejo de matar o outro, isto está relacionado a algo que aconteceu na família de origem.” Ela me disse que o seu pai havia participado na produção da bomba atômica e, de uma forma como se não houvesse importância, acrescentou que achava estranho ter se casado com um japonês. Na constelação seguinte ficou evidente que ela estava identificada com a bomba atômica e que, através de seu casamento, foi dada continuação ao conflito entre o Japão e os Estados Unidos de forma representativa, sem que os parceiros tivessem consciência disso. Este foi o emaranhamento do casal e, antes de ele vir à luz, ambos eram impotentes. Nestes casos, o amor de fato passa por uma prova.

Permanecer no amor

Quero dizer algo sobre o amor, porém, algo diferente do que talvez vocês esperem. Às vezes, ouvimos as palavras: “Permaneçam no amor!” O que significa isso, permanecer no amor? Conhecemos o amor que vincula. Através de um amor especial somos vinculados aos nossos pais, nossos parceiros amorosos e nossos filhos. Por estarmos ligados a eles dessa maneira, estamos separados de outros, ao mesmo tempo.

Permanecer no amor significa que tudo é amado da maneira como é, e que tudo é

incluído na alma da maneira como é. Significa que concordamos com tudo como é e que amamos tudo como é, exatamente como é. Significa também que concordamos com a vida do jeito que ela é, exatamente como é: com a própria vida como ela é, com a vida alheia como ela é e com a criação, exatamente como ela é.

A luta também faz parte dessa vida. A vida de um disputa o lugar com a vida do outro. Se permanecermos no amor então também amamos isso: os opostos, a luta, a vitória e o fracasso, viver e morrer, os vivos e os mortos, o passado assim como foi, o futuro da maneira que vier, exatamente como vier. Nesse amor somos amplos e encontramo-nos em sintonia e acordo com tudo.

Este amor é a entrega ao todo. É a religião em sua essência. Neste amor somos plenos, serenos, podemos assistir a como tudo se desdobra, estamos entregues ao próprio destino e respeitamos o destino do outro e o destino do mundo. Estar entregue ao todo dessa maneira significa permanecer no amor.

Isto também tem consequências para o nosso trabalho. Quem permanecer no amor dessa forma pode assistir a tudo da maneira como é: à felicidade e à infelicidade, à vida e à morte, ao emaranhamento e ao sofrimento. Como ama o todo e está entregue a ele, às vezes também se torna ativo no fluxo da vida, sem superioridade, sempre em sintonia e com aceitação. Quem ajudar dessa maneira permanece sem preocupações e é livre. Todos possuem sempre o mesmo tamanho e a mesma importância. No todo, ninguém é melhor ou menos bom. No todo, estamos, simplesmente, presentes.

A pura relação

Faremos mais um pequeno exercício.

Fechem os olhos. - Vamos ao encontro das pessoas com quem temos ou tivemos um vínculo e as colocamos num espaço aberto - amplo, sem manifestar desejo algum em relação a elas — sem acusação — sem arrependimento. Colocamo-las bem distantes - como se fossem uma constelação estrelar - bem longe. Depois sentimos qual o efeito disso em nossa alma. *Rilke* denomina isto de “pura relação”. Aqui o vínculo encontra sua realização sem vincular.

As palavras mágicas

Existem determinadas concepções de como um relacionamento a dois deveria ser, ou de como uma família deveria ser. Quando, então, ela é do jeito que deveria ser, como nos sentimos? O melhor é que um relacionamento a dois seja exatamente como é, e que a família também seja exatamente como é. Concordamos com ela, assim.

Para o relacionamento entre um casal existem três palavras mágicas. A primeira é

“sim”; a segunda é “por favor” e a terceira é “obrigada.”

Estas também são as palavras mágicas em relação aos pais, porém na sequência contrária. Primeiro “obrigado”, depois “por favor” e depois, “sim”.

Para todos os relacionamentos, estas são as palavras mágicas.

Você sabe qual é a palavra mágica no amor? Em alemão essa palavra tem duas letras: *“Ja”* (em português: “sim”). Podemos fazer um pequeno exercício, já que estamos tratando deste assunto.

Fechamos os olhos. Imaginamos o grande número de pessoas com quem temos algum relacionamento - qualquer tipo de relacionamento - e também aquelas com quem já tivemos algum. Aproximamo-nos de cada uma delas e dizemos “sim”. O “sim” faz feliz. Aliás, nesse contexto posso revelar mais um segredo a vocês: “A alma não conhece o não.”

Lembrar do que deu certo

Quando um casal já conviveu durante muito tempo, existem várias experiências conjuntas de todos os tipos. Quando ambos voltam internamente ao início do seu amor, fazem um exercício bonito. Na lembrança atravessam todos esses anos que estão juntos e alegram-se: tantos acontecimentos bonitos durante tantos anos! Tanta grandeza, tantas coisas que deram certo! Tanto crescimento conjunto, um evoluindo através do outro.

Como evoluímos? Primeiramente através do ato de tomar e, em segundo lugar, através do ato de dar. Ambos ao mesmo tempo.

Por quê?

A pergunta “por quê” é feita frequentemente. Qual o efeito dessa pergunta na alma? Ela proporciona força? Paralisa? Evita a ação?

Descobri mais um fato importante em relação a esse assunto. Existem soluções boas sem nenhum problema e assim também sem a palavra “por quê”. Quem olha para o problema olha para trás, e isso impede a solução. Na medida em que alguém averigua seu problema e acha que descobriu por que tem esse problema, determina-o, define-o claramente. Posteriormente ele poderá ser mudado, apenas com dificuldades.

Uma vez escrevi um pequeno ditado, um aforismo: “O sábio evita jurar o amor eterno. Ao invés disso, prefere simplesmente começar a amar diretamente. É verdade que isso é arriscado. É, porém, um risco sem problemas.

Fusão e limites

A fusão é o início da separação. O amor que permanece, respeita os limites.

Respeitar os segredos do parceiro também faz parte.

Quando, por exemplo, um pergunta ao outro: “Como foi mesmo o seu relacionamento anterior?”, então a confiança é prejudicada. Quando uma pessoa revela a outros algo da intimidade do seu relacionamento, isso tem o efeito de traição, ou seja, os segredos precisam ser mantidos.

Reaproximando-se

Como um casal pode reaproximar-se? Através de pequenos cuidados, bem pequenos. Todo dia, apenas um cuidado, um cuidado com amor. Quando for um pouco mais, não faz mal a ninguém. Apenas um pequeno cuidado.

Verdadeiramente casado é aquele que repete o casamento várias vezes. Incluindo o ato de apaixonar-se, o noivado e o casamento. Começa com o primeiro olhar. O casamento anterior é esquecido. Começa novamente do início, bem do início.

Um grande obstáculo em um relacionamento entre um casal é a fantasia da perfeição, a exigência de que o outro deve ser perfeito ou de que eu mesmo devo ser perfeito.

O amor dá certo quando um concede ao outro o direito de, no mínimo, dez pecados, ou seja, quando simplesmente não se dá importância a esses dez pecados. Isso faz parte. Cada lado tem o direito de, no mínimo, dez pecados. Quando os parceiros se concedem esse direito, o casal adquire uma certa liberdade.

Se acontecer algo que não achamos bom em nós mesmos ou no outro, podemos dizer a nós ou a ele: “Este agora foi um dos pecados.” E então o pecado é, por assim dizer, desconsiderado.

O que estou dizendo aqui é humano. A perfeição é desumana. Pessoas perfeitas existem apenas com muita hipocrisia. O comum é imperfeito, com erros e culpa.

Fechem os olhos. Agora olhem para tudo que aconteceu entre vocês como casal, sem compadecimento e digam a tudo que aconteceu: “Sim, foi assim e assim está bem.” Dessa forma vocês dois se tornarão mais humanos.

A renúncia

Existe mais um ponto importante a ser considerado. Seja o que for que tiver acontecido em um relacionamento entre um casal, não voltamos ao acontecido, nem mesmo em pensamentos. Isto é amor. Assim sendo, a vida nos toma com toda sua plenitude. Há tanta coisa em comum entre um casal, precisamos apenas regar o que temos em comum para que possa brotar novamente.

Devemos prestar atenção a mais um ponto, para que o amor dê certo: é através de uma renúncia, da renúncia de um sonho, de uma ilusão.

Muitos trazem para o relacionamento desejos e expectativas que não foram realizados na infância. Assim sendo, homem e mulher não podem se ver como são. Se o parceiro não satisfizer as expectativas da infância do outro, esse se decepcionará. O parceiro, porém, não tem culpa. Ele não é a mãe nem o pai, e sim, apenas uma mulher comum e um homem comum. Mesmo assim, os dois são únicos ao mesmo tempo.

Esta maneira de olhar proporciona serenidade e abre uma porta para o futuro.

Andar com o amor do espírito

Tenho uma concepção sobre o amor. Por detrás de tudo que acontece, seja no relacionamento entre um casal, na relação entre pais e filhos ou no mundo, existe algo que atua para além de nós. Não existe um movimento que parte de nós propriamente. O movimento vem de algum lugar distante, um movimento essencial e criativo que realiza e movimenta tudo. Na minha imaginação, esse movimento é voltado para todos, na mesma medida.

Podemos nos sintonizar com esse movimento que abrange tudo, em qualquer coisa que fazemos e independente da situação. Trata-se de um movimento do espírito. Essa condição de estar voltado para tudo e todos é amor natural, porém, um amor espiritual que não exclui nada. Se entrarmos em sintonia com esse movimento não há outra opção a não ser que tudo dê certo.

Alguns querem entrar primeiro no movimento do espírito e depois no movimento do amor. Não! O andar com o amor do espírito é a pré-condição para a sintonia com esse movimento. Assim, o movimento começa com o ato de voltar-se para tudo e todos da maneira como é e na mesma medida. Se formos capazes de agir assim, evoluímos.

A despedida

Todo amor acaba. No final de todo amor está a despedida. Quanto mais tempo o amor perdura, mais a despedida entra no nosso campo de visão. Todas as dificuldades no relacionamento fazem parte da despedida, são um exercício para a despedida.

Se um relacionamento perdurou durante muito tempo em que ambos os parceiros passaram por diversas despedidas, quando olhamos em seus rostos obtemos uma imagem serena e desprendida como a de uma paisagem ao anoitecer.

Mais uma consideração sobre o amor. Amor é a troca de dar e receber. Quanto maior a troca, mais pleno o amor e mais profundo o vínculo. No ato de dar e receber, porém, percebemos rapidamente que atingimos um limite. O nosso coração pode estar pleno, mas podemos dar ao outro apenas a quantidade que ele

pode tomar, e o outro pode tomar apenas a quantidade que ele é capaz de dar. Posso dar a ele apenas a quantidade que consegue retribuir. Por este motivo, o amor que se esgota toma-se vazio após algum tempo.

Naturalmente deve-se tomar o que o outro tem a dar. Aquilo que o outro pode dar, às vezes não é exatamente o que desejamos. O ato de tomar exige uma determinada renúncia. Através dessa renúncia, porém, o outro é capaz de dar de verdade. Então não recebo apenas o que desejo, recebo também algo que me desafia e me permite evoluir.

TODAS AS CRIANÇAS SÃO BOAS E SEUS PAIS TAMBÉM

Observação preliminar

As histórias de amor da segunda parte deste livro apenas se revelam como tais quando enxergamos sua claridade velada por detrás de sua primeira aparência obscura.

Se a luz ofuscante dessas histórias se mostrar primeiro de forma encoberta, assim como num eclipse solar, então após algum tempo experimentamos o quanto o amor de pais e filhos toca as nossas almas no momento em que pode vir à luz. Isso também se aplica ao nosso próprio amor secreto e ao amor secreto dos nossos pais.

TODOS SÃO BONS

De um curso profissionalizante em Bad Sulza *2005*

O outro amor

Quando digo: “Todas as crianças são boas e seus pais também” talvez alguns balancem a cabeça. Como será possível? Estas afirmações são amplamente abrangentes. Ao mesmo tempo dizem que nós também somos bons, que fomos bons quando éramos crianças e que continuamos sendo. Dizem que os nossos pais também são bons porque foram crianças, que foram bons, sendo crianças, e que continuam sendo bons, como pais.

Quero explicar o contexto desta frase e afastar-me da conversa superficial em que dizemos: “Mas a criança fez isso e aquilo, e os pais fizeram isso e aquilo.” Sim, fizeram-no, mas por quê? Por amor.

Explicarei o assunto em toda sua profundidade e também farei exercícios com vocês que nos ajudarão a sentir, na alma, o que significa ser verdadeiramente bom. Naturalmente chegaremos à conclusão - nesse momento já revelo a conclusão - de que cada um de nós é bom da maneira como é, que é bom justamente por ser assim como é. Por este motivo, não devemos nos preocupar conosco mesmos sobre se

somos bons ou não, nem com os nossos filhos ou os nossos pais. Sucede apenas que às vezes temos a visão turva, de forma que não enxergamos onde somos bons, onde as crianças são boas e onde seus pais são bons. Gostaria de explicá-lo dando primeiro uma visão geral sobre o assunto.

O campo espiritual

Através da Constelação Familiar revelou-se que estamos inseridos em um sistema maior, em um sistema familiar. Não apenas os nossos pais e irmãos pertencem a esse sistema, mas também os avós, bisavós e antepassados. Outras pessoas que de alguma forma foram importantes para o sistema também fazem parte como, por exemplo, antigos parceiros dos nossos pais ou avós. Nesse sistema todos são guiados por uma força conjunta, que segue determinadas leis.

O sistema familiar é um campo espiritual, dentro do qual - como podemos experimentar nas constelações familiares - todos estão em ressonância com todos. Às vezes, esse campo se encontra em desordem. A desordem em um campo desses surge quando alguém, que também faz parte, foi excluído, rejeitado ou esquecido. Essas pessoas excluídas e esquecidas encontram-se em ressonância conosco e se fazem notar no presente. Neste campo rege uma lei básica: *todos aqueles que fazem parte possuem o mesmo direito de fazer parte.* Ninguém pode ser excluído. Ninguém se perde desse campo e sim, continua atuando dentro dele. Se alguém tiver sido excluído, não importa o motivo, um outro membro familiar é determinado a representá-lo sob influência desse campo, através da ressonância. Assim sendo, esse membro familiar, por exemplo, uma criança, comporta-se de maneira particular. Pode eventualmente tornar-se um dependente químico, um criminoso, uma pessoa agressiva ou então adoecer. Talvez até se torne um assassino ou então sofra de esquizofrenia. Mas, por quê? Porque essa pessoa olha para o excluído com amor e através do seu comportamento nos força a olhar com amor para essa pessoa excluída e rejeitada. O assim chamado "mau comportamento" é amor em relação a alguém que foi excluído nesse campo.

Ao invés de nos preocuparmos com uma criança que se comporta de tal forma e de tentarmos mudá-la — o que não leva a lugar nenhum, como já sabemos, pois aqui atuam forças maiores - devemos olhar para esse campo do qual fazemos parte junto com a criança, até que - com a ajuda da criança - possamos olhar para o lugar onde a pessoa excluída está à espera de ser vista por nós e tomada novamente para dentro da nossa alma, do nosso coração, da nossa família, do nosso grupo, talvez do nosso povo.

Todas as crianças são boas se permitimos que sejam boas. Isso significa que, ao invés de olharmos somente para as crianças, olhamos com amor para onde elas

olham.

A grande experiência que fizemos através da Constelação Familiar é: ao invés de nos preocuparmos com essas crianças ou outras pessoas e pensarmos delas: “Como é possível que se comportem dessa forma?”, olhamos para uma pessoa excluída junto com elas e a tomamos para dentro de nós. Assim que essa pessoa é acolhida na alma dos pais, da família e do grupo, a criança respira aliviada e pode finalmente se livrar desse emaranhamento com uma outra pessoa.

Tendo consciência disso podemos esperar até saber para onde o comportamento da criança nos levará, na posição de pais ou de outro membro familiar. Se formos até lá com as crianças e se acolhermos a outra pessoa dentro de nós, então as crianças serão libertadas.

Quem mais será libertado? Nós, na posição de pais ou de outro membro familiar. De repente mudamos e tornamo-nos mais ricos por termos dado um lugar dentro de nós a algo que antes era excluído. Agora todos podem comportar-se de forma diferente no presente, com mais amor e indulgência, muito além das distinções baratas que fazemos entre o bom e o mau e através das quais talvez possamos achar que somos melhores e que outros são menos bons - mesmo que os outros que consideramos menos bons sejam apenas pessoas que amam de maneira diferente.

Se junto com as crianças olharmos para o lugar onde elas estão amando, essas distinções entre bom e mau terminam.

Naturalmente uma outra conclusão que se pode tirar é que os nossos pais também são bons e que por trás de todas as queixas que talvez tenhamos em relação a eles atua o amor. Esse amor, porém, não está voltado para nós e sim para outro lugar, lugar esse para onde olhavam quando eram crianças, para alguém que queriam incluir na família. Se começarmos a dar um lugar dentro de nós a todos esses excluídos, então nós também olhamos com os nossos pais para o lugar onde eles estão amando. Assim tornamo-nos livres e os nossos pais, também. De repente experimentamo-nos numa situação completamente diferente e aprendemos o que significa o verdadeiro amor.

Tudo

Antes de fazer uma meditação lerei um pequeno texto para vocês. Há pouco tempo foi lançado um novo livro de minha autoria: “Verdade em Movimento”. Neste livro há um breve texto que resume aquilo que acabei de explicar em um nível filosófico. O nome do texto é: “Tudo”.

“Tudo pode apenas ser tudo por estar conectado com tudo (isto é a ressonância). Portanto, cada qual está conectado com tudo. Assim, nada pode ser individualmente. Apenas é individual por estar conectado com tudo, porque dentro

daquilo que é individual também está presente todo o restante — *(ou seja, ninguém é individual, nem mesmo uma criança. Se olharmos para uma criança apenas em sua individualidade, desconsideramos aquilo com o que está conectada, a algo maior).* Assim sendo, eu também sou tudo ao mesmo tempo. *Tudo* não pode existir sem mim, e eu não posso *ser, sem estar conectado com tudo.* (Trata-se de considerações de ampla extensão e amplas consequências).

O que isso significa para a maneira como vivo, a maneira como sinto, a maneira como sou? Em cada ser humano vejo todos os seres humanos e, assim sendo, também vejo a mim mesmo dentro de cada um. Também sinto em mim todas as outras pessoas, cada uma da maneira como é. Em cada pessoa encontro todas as pessoas e nelas também me encontro.

Como então poderia rejeitar algo nas pessoas sem nelas também rejeitar a mim mesmo? Como poderia alegrar-me através delas sem nelas também me alegrar através de mim mesmo? Como poderia desejar algo de bom a alguém sem ao mesmo tempo desejá-lo a mim mesmo e a todos os outros? Como poderia amar-me sem também amar todas as outras pessoas? *(Pois nós estamos em ressonância com tudo.)*

Quem vê todos em todas as pessoas também vê nelas a si mesmo, encontra nelas, a si mesmo, acha a si mesmo em todas as pessoas. Portanto, quem causa algum mal a outros causa este mesmo mal a si mesmo. Quem machuca os outros, machuca, também, a si mesmo. Quem estimula os outros também estimula a si mesmo. Quem priva os outros de algo também priva a si mesmo e quem diminui os outros também diminui a si mesmo.

Quem verdadeiramente ama os outros, ama todos.

Portanto, amor próprio significa ao mesmo tempo amor por tudo e todos, incluindo o amor por si mesmo. É o amor puro e o amor pleno porque tem tudo em tudo, principalmente a si mesmo."

A grandeza

No final, ressonância significa: "Amo todos." Se tiver um desentendimento com alguém ou rejeitar alguém, saio da ressonância com o todo e não posso, então, desenvolver-me em sintonia com o todo.

Qual é a solução? Tomo para dentro do meu coração tudo aquilo que rejeito. Assim encontro o caminho que me leva ao amor por tudo e todos e através dele torno-me grande.

O que significa grandeza nesse contexto? Reconheço que sou igual a todos os outros e que eles também são iguais a mim, pois assim estarei conectado com o

todo e através do todo serei grande.

Para quem olha a nossa doença?

Agora podemos fechar os olhos. Farei uma pequena meditação com vocês onde será possível sentir o que significa ressonância e o que provoca em nós.

Entramos no nosso corpo e sentimos onde algo nos machuca, onde algo está doente, em que parte algo não funciona. Evidentemente aquilo que nos machuca ou não funciona está em dissonância com o nosso corpo. Internamente deitamo-nos ao lado dessa dor, dessa doença, desse órgão e junto com essa doença, esse órgão, essa dor, sentimos para onde está olhando. Essa doença está em ressonância com o quê? Com que pessoa que talvez tenha sido excluída, esquecida, mal falada ou julgada?

Esperamos até podermos entrar nesse movimento, até vibrarmos com ele e até que, talvez, de repente vejamos para onde a doença esteja olhando. Por exemplo, para uma criança que morreu cedo, que nasceu morta ou que foi abortada ou dada para alguém. Para alguém que julgamos ser um criminoso, com quem não queremos ter contato e com quem a nossa família não quer ter mais contato. Olhamos para essa pessoa como alguém que faz parte de nós e internamente dizemos a ela, junto com a doença: "Agora eu vejo você. Eu sou como você. Você é igual a mim. Agora lhe dou um lugar na minha alma e em nossa família. Agora você está entre nós novamente; é uma de nós. Diante de uma força maior, perante a qual todos nós somos apenas como peças de um jogo de xadrez com as quais ela joga de formas diferentes, você não é melhor nem menos boa. Reconhecemos que é semelhante a nós e nós a você."

Talvez também possamos nos aproximar de outras pessoas que rejeitamos, com as quais estamos aborrecidos, diante das quais tornamo-nos culpados ou que carregam alguma culpa em relação a nós. Dizemos "sim" a cada uma delas.

Sentimos o que se modifica no nosso corpo, na nossa alma e no nosso amor.

Para quem olhávamos quando éramos crianças?

Este foi um primeiro passo para sentirmos o que significa ressonância, o que ela provoca em nós e como podemos experimentar algo totalmente diferente, através da ressonância, em relação a que antes estávamos fechados.

Apenas algumas conclusões, com elas poderemos continuar a meditação. Fechem os olhos novamente.

Olhamos para nós como crianças e como nos comportávamos quando o éramos. Às vezes, nos comportávamos de uma forma que preocupava nossos pais. Talvez pensassem: "Algo não está bem com essa criança. Como pode comportar-se dessa

forma? Como pode, por exemplo, recolher-se, ter medo, aborrecer-se, mostrar-se impaciente, não querer estudar, desistir como se não tivesse esperança alguma?" Seja como for, agora olhamos para a criança que fomos um dia e sentimos com ela "para onde olhávamos quando éramos uma criança, quando nos sentíamos assim e nos comportávamos assim. Para onde se dirigia o amor secreto? Com quem estávamos em ressonância profunda? Que pessoa queria se fazer notar através de nós, para que finalmente fosse vista e amada?

Podemos dizer para o pai, para a mãe, para ambos ou também para outras pessoas: "Por favor, olhem para lá comigo com amor." Então podemos reconhecer o quanto amávamos quando éramos crianças. Talvez de uma forma diferente do que se esperava, porém, em ligação profunda com alguém que não podia fazer parte. Sentimos o quanto fomos e somos bons.

Para quem os nossos pais olhavam quando eram crianças?

Agora damos mais um passo. Podem fechar os olhos novamente. Olhamos para os nossos pais da maneira como eram. Talvez algumas coisas nos incomodassem neles, quando éramos crianças e desejávamos que fossem diferentes. Agora olhamos para eles, como eram como crianças e para onde olhavam. Para quem olhavam? Para que pessoa excluída ou esquecida eles olhavam? Com quem estavam em ressonância e talvez ainda o estejam? Como se tornaram o que são a partir dessa ressonância, desse amor secreto profundo? Junto com eles e o seu amor, olhamos para essa pessoa ou essas pessoas e as amamos assim como os nossos pais as amaram quando eram crianças, mesmo que talvez o tenham feito inconscientemente. Esse movimento estava direcionado a alguém para incluí-lo. Permitimos a essas pessoas que se façam notar em nós também. Olhamos para elas e lhes dizemos: "Sim, vejo você. Também lhe dou um lugar no meu coração, com amor."

Para quem o nosso parceiro olhava quando era criança?

Agora damos mais um passo nesse sentido. Se quiserem, fechem os olhos novamente. Olhamos para o nosso parceiro(a) ou outra pessoa próxima com quem temos um vínculo que queremos manter. Talvez algo no comportamento dessa pessoa nos incomode.

Agora nos permitimos olhar para o lugar para onde essa pessoa olha com o seu comportamento. Quem é o excluído ou talvez rejeitado e julgado para quem ela está olhando? Junto com ela olhamos para lá com amor.

Tudo isso é um exercício para o amor em relação a tudo e todos. Podemos sentir que algo se modifica em nossa alma? Sentimos como evoluímos quando nos abrimos para este movimento do amor.

Para quem os nossos próprios filhos olham?

Daremos mais um passo. Podem fechar os olhos mais uma vez.

Olhamos para os nossos filhos ou, se não tivermos filhos, para os filhos de parentes. Olhamos, principalmente, para aqueles que nos preocupam ou que estão doentes ou se comportam de maneira fria e reservada. Junto com eles olhamos para onde eles olham com o seu comportamento ou a sua doença. Que pessoas querem se fazer lembrar através deles? Com quem estão amorosamente em ressonância? Junto com eles olhamos para lá até que também possamos ver a pessoa ou as pessoas de que se trata. Talvez as vejamos de repente, como se tivéssemos acordado de um sonho profundo.

O amor em relação a tudo e todos

Alguém ainda tem dúvidas de que todas as crianças sejam boas? Nós como crianças? Nossos pais como crianças? Nossos parceiros como crianças? E também os nossos filhos? Todos são bons. Isto é o amor por tudo e todos. Expressa-se em algo muito simples. Devemos olhar para todos e dar-lhes um lugar no nosso coração.

Para isto existe uma postura interna. Jesus uma vez o expressou em uma frase bonita: “Sejam benevolentes como meu pai celestial. Ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos.” Por quê? Porque está em ressonância com tudo.

O amor em anéis crescentes

O caminho que percorremos aqui não pode ser interrompido. Ainda não chegamos, apenas começamos a andar neste caminho, pois se trata de um caminho de vida.

Existe um poema bonito de *Rilke* no início do *Livro das Horas*[1]*:*

Vivo minha vida em anéis crescentes Que passam por sobre as coisas O último talvez jamais venha a completar Mas alcançá-lo irei tentar.

Fiz uma pequena modificação pra mim.

Vivo o amor em círculos crescentes,

Que passam por sobre as coisas O último, onde amo a todos verdadeiramente, talvez jamais venha a completar Mas alcançá-lo irei tentar.

Cada passo neste caminho é um ganho através do qual crescemos e tornamo-nos mais ricos.

---

1 Poesia de Rainer Maria Rilke*, Livro das Horas*, 1905 *(Livro da vida Monástica).* Tradução retirada de *Filosofia da Vida - C.F. Costa / UFRN* (NT).

O coração puro

Quero fazer um adendo ao assunto sobre a ressonância. Quando entramos em ressonância com excluídos, rejeitados, esquecidos, por exemplo, com vítimas ou também com aqueles que são culpados pela sua morte, e se olharmos para eles sem querer nada, se simplesmente os olharmos com respeito, também com respeito diante do seu destino, então podem encontrar a paz sem que nós os tomemos para dentro de nós. Por este motivo, no amor por tudo e por todos, o olhar se desvia de todos e direciona-se para algo que está além deles. Apenas nesse olhar conjunto, voltado para além de todos, todos são equivalentes, nós somos equivalentes a todos e ao mesmo tempo livres para o nosso próprio destino e a nossa realização pessoal. Neste olhar tornamo-nos livres e serenos.

Segue um texto que resume isto e nos ajuda a sentir o que disse. Chama-se “o coração puro”.

"Como o nosso coração toma-se puro? Na medida em que libertamos dele todas as pessoas que encontramos e principalmente as que são próximas a nós. Cada uma delas libertamos para alguém diferente: para seus pais, seu parceiro, seus filhos, seu destino. Qual é o efeito disso? A pessoa toma-se livre em relação a nós. Livre dos nossos desejos e expectativas, das nossas preocupações, dos nossos pensamentos, do nosso julgamento e do nosso destino.

Nós mesmos também nos libertamos dela. Tornamo-nos livres de seus desejos e expectativas, de suas preocupações, de seus pensamentos, do seu julgamento e do seu destino. Também nos tornamos livres de sua culpa e daquilo que talvez tenha feito contra nós.

Por outro lado, ela também se liberta de nossa culpa e daquilo que nós eventualmente lhe causamos ou fizemos contra ela e libertamo-nos das exigências mútuas: ela das minhas e eu das dela.

Tornamo-nos insensíveis dessa forma? Também sem amor? Pelo contrário: o coração puro sente com pureza, ama com pureza.

Com pureza, neste contexto, significa estar em sintonia com a nossa mais profunda essência, a minha e a sua. Ser puro como o amor essencial, se é que neste caso podemos falar de amor. Este amor é querer o outro da maneira como ele é. É o amor pelo seu início e o seu fim.

Este é o amor puro e também a felicidade pura. Une sem unir e separa sem separar, simplesmente está presente.

O coração puro, porém, também está ciente de sua dependência de outros e concorda com essa dependência. Nisso, o coração também é puro.”

Andar com o espírito

Muitos relacionamentos ocorrem em um nível emocional, em primeiro plano numa base de um para um, de “Eu para você”. Por este motivo, talvez estejam totalmente isolados e separados de contextos maiores.

Para entendermos verdadeiramente o que ocorre entre duas pessoas, em um relacionamento, temos que ver cada pessoa individualmente no contexto de sua família. Às vezes não é tão fácil sairmos do antigo padrão de “Eu e Você” e percebermos uma pessoa como alguém inserido num contexto maior, no momento em que a encontramos. Neste caso, ao mesmo tempo em que a vemos, vemos também a sua mãe e o seu pai, seus antepassados e o seu destino. Sentimos também, por detrás de nós, os nossos pais, nossos antepassados, nosso destino.

De repente algo que não somos nós atua, transpassando-nos. Um campo inteiro atua através de nós e procura algo através de nós. No encontro com o outro, encontram-se dois campos espirituais e entram em uma troca espiritual. Portanto, o outro e eu somos apenas uma parte de um contexto muito maior.

Além disso, existe ainda uma outra dimensão, uma dimensão espiritual. Não se trata da nossa mente humana nem do nosso bom senso pois, por detrás de tudo que se movimenta, ou seja, principalmente por detrás de toda a vida, atua uma força que permanece velada para nós e que não podemos capturar, mas que determina tudo.

Uma das maiores ilusões na maneira de como lidamos com o outro é que lhe atribuímos um poder e uma liberdade que ele não possui, pois através dele atua uma outra coisa, uma outra força, uma força espiritual.

Na nossa imaginação essa força, então, talvez seja algo próximo do divino, mas de forma alguma pode de fato ser identificada com o divino. O divino permanece velado para nós, enquanto que essas forças podem ser sentidas e experimentadas.

Se imaginarmos que por detrás de tudo atua uma força que movimenta tudo e de que tudo depende, então, nada do que acontece é contrário a essa força.

Em contrapartida essa força também não está voltada contra nada, aconteça o que acontecer, ou seja, essa força está voltada para tudo na mesma medida, assim, pelo menos, temos que imaginá-la.

Então, o que significa “andar com o espírito”? Significa que entramos na vibração do movimento do espírito até sermos abrangidos por ele e andarmos junto com ele. Como conseguimos entrar nesse movimento? Através do amor por tudo e por todos, na medida em que estamos voltados para todos da mesma forma, com esse movimento.

Aqui nos deslocamos para um nível totalmente diferente onde atua uma força totalmente diferente.

A essência do ser

Tenho um amigo na Polônia, Wojtek Eichelberger. Na minha última visita à Polônia, contou-me como une pessoas de grupos inimigos, por exemplo, Israelitas e Palestinos. Disse que estava funcionando maravilhosamente bem. Após pouco tempo, os grupos estavam muito próximos uns dos outros. Perguntei a ele: "Como conseguiu isso?". Ele disse: "De maneira bem simples: fiz um exercício com eles. Este exercício nós dois também podemos fazer agora."

Tentamos imaginar do que podemos nos desprender sem que isso retire algo essencial de nós. Por exemplo, desprendemo-nos do nosso idioma. Mesmo sem língua materna e com um outro idioma permanecemos quem somos, nada de essencial nos falta.

Depois nos desprendemos da cultura à qual pertencemos, da nossa religião ou do nosso sucesso e dos nossos fracassos, até mesmo dos nossos pais. De repente chegamos num ponto essencial e muito simples: na nossa pura existência. Apenas isto é essencial. Nada pode lhe acrescentar algo, nada pode lhe retirar algo. Trata-se da essência do nosso ser.

Depois olhamos para uma outra pessoa, apenas, porém para a essência do seu ser, para a sua pura existência. Encontramo-nos de existência para existência. Então nada pode colocar-se entre nós. Em nossa existência, na essência do nosso ser somos todos igualmente essências.

Como nós falávamos em inglês, o meu amigo denominou isto de *core identity*. Podemos fazer o mesmo em relação aos nossos pais. Olhamos para eles, para a sua pura existência. Da nossa existência pura para sua existência pura. O que muda?

Fazemos o mesmo com o nosso parceiro e outras pessoas com quem nos relacionamos. Olhamos para sua existência pura e as encontramos de existência para existência. Como tudo muda! Toma-se mais sereno, modesto e humilde. O que mais queremos acrescentar à existência?

Assim olhamos também para os nossos filhos: para sua pura existência. Não são maravilhosos em sua pura existência?

Isto, então, significa "andar com o espírito".

A alegria do espírito

Primeiro, gostaria de falar rapidamente sobre a consciência. Com ajuda da nossa consciência percebemos imediatamente se podemos fazer parte de algo ou não, o percebemos através de um sentimento de culpa ou inocência, em outras palavras,

através da sensação de termos a consciência tranquila ou pesada. Com ajuda desses sentimentos orientamo-nos sobre se podemos fazer parte ou não.

Se nos voltarmos para o movimento do espírito também podemos distinguir - através de determinados sentimentos - se estamos ou não andando com o movimento do espírito, se desviamos desse movimento ou não.

Quando nos encontramos em sintonia com o espírito e com o movimento do espírito sentimo-nos serenos e tranquilos. Se desviarmos dessa sintonia ou a perdermos, tornamo-nos inquietos. Por exemplo, ficamos ansiosos ou temos medo. A partir do momento em que entramos novamente no movimento do espírito, voltamos a ficar em paz, tranquilos, leves e alegres.

A alegria do espírito é uma alegria leve e não tem intenções. É a vibração com o espírito e com um movimento criativo que realiza algo novo a cada momento. No momento em que nos sentimos pesados e angustiados, isto significa que perdemos a conexão com o espírito. A alegria do espírito é contente e leve.

Andar com o espírito quando existem problemas

Agora nos permitimos olhar para os nossos problemas, um após o outro, e sentimos qual o movimento que surge deles quando os olhamos. Depois, enquanto olhamos para o problema, deslocamo-nos, junto com o espírito, para a amplidão e a leveza do seu movimento e para a alegria. Diante do problema, como ele é e com toda urgência que pode estar se apresentando, permitimos que o espírito se aposse de nós e nos leve para um movimento muito além do problema, para uma leveza, uma amplidão, para um outro amor, para a confiança serena e a alegria.

Andar com o espírito quando estamos doentes

Irei um pouco mais além, nesse assunto. Agora olhamos para algo que nos machuca, uma doença, talvez. Entramos no mesmo movimento: na amplidão, na distância, no amor, na leveza e na alegria.

Andar com o espírito quando estamos aborrecidos

Darei mais um passo. Existe alguém com quem estamos aborrecidos ou que se aborreceu com a gente. Damos um passo para trás para obtermos distância dessa pessoa. Quem sabe, trate-se até de um parceiro ou um filho. Colocamos uma determinada distância entre ele e nós. Depois olhamos para esta pessoa com o movimento do espírito. Sentimos como o espírito se movimenta nessa direção, como olha. Entramos na leveza do espírito, na sua amplidão e sentimos o que se modifica e entramos na alegria e na felicidade por tudo, da maneira como é, porém, com distância, sem intenção e sem medo.

Eventualmente sentimos também que devemos renunciar a algo. Olhamos para

aquilo a que devemos renunciar e o deixamos ir com amor, leveza, serenidade, até se separar de nós e o movimento do espírito nos levar para algo novo, totalmente diferente, maior, mais rico, mais amplo, benevolente.

O verdadeiro amor

Quero dizer mais uma coisa sobre o verdadeiro amor. Qual o segredo mais profundo do amor? Ele se alegra.

Exemplo: ‘‘Permaneço com você”

AJUDANTE Trata-se de um menino de 12 anos que foge do controle dos pais e dos professores. Seu comportamento é caótico e agressivo. Seu pai está doente.

HELLINGER Qual a doença?

AJUDANTE Insuficiência venosa e hipertensão arterial.

HELLINGER *para o grupo* Se imaginarmos a situação que ele nos relatou, para onde o menino olha? Para onde vai o seu amor?

AJUDANTE Em direção ao pai.

HELLINGER É totalmente claro.

HELLINGER *após refletir um momento* Se sentirmos o que ele sente, qual a frase que ele diz internamente? Diz ao pai: “Permaneço com você.” O que o pai diz a ele: “Me alegro com você.” O que você diz como seu professor?

“Vejo seu amor e fico alegre com ele.”

para o ajudante Agora você tem o pai no seu coração, isso se vê imediatamente, e você sabe onde o menino estará bem cuidado. Ok?

AJUDANTE Sim.

HELLINGER Que bom!

O início do amor

Vivemos a vida em anéis crescentes. Se o primeiro anel não tiver dado certo, faltará algo no segundo. Se ambos não tiverem dado certo, faltará algo no terceiro.

Qual o terceiro anel? O amor entre homem e mulher, ou seja, algo se antecipa a esse anel.

O quarto anel é o amor que nos capacita a ajudar a outros de uma maneira boa.

Voltamos ao primeiro anel, à base do amor.

Nossa vida começou com o amor dos nossos pais. Antes de termos nascido, eles se amaram e com amor tornaram-se homem e mulher da maneira mais íntima possível. Desse amor nós surgimos. Olhamos para eles como casal e para o seu

amor de homem e mulher. Nossos olhos começam a brilhar. Não há nada que poderia ser mais bonito, maior, mais profundo, mais rico e com maiores consequências para nós e para eles. Abrimos o nosso coração para este amor e respondemos a ele com alegria e expectativa.

Assim também se iniciou o nosso amor. Através do amor desses pais, os nossos pais. Respondemos a esse amor tomando a nossa vida através dos nossos pais, exatamente da maneira como veio deles para nós. Não é a vida dos nossos pais, ela apenas veio através deles, pois por detrás dos nossos pais estão os seus pais, e por detrás destes os respectivos pais, por muitas gerações. Essa vida fluiu através de todas essas gerações de maneira pura, sem que alguém pudesse retirar ou acrescentar algo. A mesma vida atravessa todo mundo até chegar em nós. Todos fizeram corretamente, ninguém foi melhor ou menos bom. Todos foram perfeitos e bons no ato de repassar a vida.

Dessa maneira agora olhamos para os nossos pais, assim como são e os vemos como sendo perfeitos, perfeitos a serviço da vida. Independente do que tenham feito ou pensado e independente do que foi o seu destino, na posição de nossos pais fizeram tudo corretamente, foram perfeitos em transmitir a vida. Como esses pais perfeitos, nós os tomamos para dentro do nosso coração e respondemos a eles com a vida e com o amor que, através deles, começaram para nós.

Junto com os nossos pais tomamos também os seus pais e todos os nossos antepassados, todos aqueles com quem estamos em ressonância e que estão em ressonância conosco, independente do que isso possa exigir de nós ou do que possa nos proporcionar. Olhamos para todos eles e dizemos “sim” a cada um. Também dizemos “obrigado”. Junto com eles movimentamo-nos no grande fluxo da vida, independente de onde ele nos levará. Dizemos a esse fluxo: “Acompanho você independente de onde me levar, para perto ou longe. Vou junto, deixo-me levar.”

CRESÇA E PROSPERE, QUERIDO FILHO

De um curso em Idstein, 2004

Exemplo: O amor

HELLINGER *para uma mulher* Você está um pouco cautelosa em relação a mim. Talvez você tenha razão. Eu me aliei ao seu destino e concordo com ele.

Para o grupo O que acontece quando concordamos com o destino? Quando concordamos com o nosso destino e com o de uma pessoa que encontramos, assim como eu e ela agora? Então, às vezes, recebemos uma dica do destino de forma que, em concordância com ele, algo possa ser mudado.

Para a mulher Será que é possível no seu caso? Do que se trata?

MULHER Do meu filho HELLINGER O que ele tem?

MULHER Ele é agitado, ou seja, ansioso e muito ativo.

HELLINGER Qual a idade dele?

MULHER Doze.

HELLINGER E o pai dele?

MULHER Ele não vê o seu pai há dez anos. O pai é alcoólatra. Há quatro anos atrás tivemos o último contato. Naquela época o procurei uma vez. Nesse meio tempo havia se tornado desabrigado. Essa situação representa um grande peso para mim.

HELLINGER Agora, o que seria pra você a total concordância com o seu filho? Seria concordar também com o desabrigo do seu filho.

MULHER Isso é difícil.

HELLINGER Eu vi que você entendeu. O que acontece com ele se você concordar com ele assim? Torna-se mais forte ou mais fraco?

MULHER Mais forte.

HELLINGER Mais forte. Torna-se mais calmo ou mais inquieto?

MULHER Mais calmo.

HELLINGER Exatamente. Se você disser a ele: “Eu amei muito o seu pai”, o que acontece com ele?

MULHER Ele encontra o caminho para si mesmo.

HELLINGER Exatamente. E se você disser a ele: “No meu coração ainda amo o seu pai”?

MULHER Isto é bom.

HELLINGER E: “Quando vejo você, amo seu pai em você.”

MULHER Isto é bonito.

HELLINGER Exatamente. Não preciso fazer mais nada.

Ambos riem um para o outro.

MULHER Foi bem simples.

HELLINGER Exatamente. Então tudo de bom para vocês.

O que faz crianças felizes?

Crianças sentem-se felizes quando seus pais estão felizes em relação a elas. Quando ambos os pais estão felizes em relação à criança? Quando respeitam e

amam o parceiro - homem ou mulher - na criança e se alegram com ele.

Falamos muito sobre o amor, mas como o amor se mostra da forma mais bela? Quando estou contente com o outro, exatamente da maneira como ele é, e quando nos alegramos com a criança, exatamente como ela é.

Então, de repente os pais vivenciam o poder que têm sobre o filho - principalmente as mães experimentam esse poder de forma profunda, já que vivem em simbiose com o filho durante tanto tempo — como uma tarefa. Não experimentam mais esse poder como um poder próprio e sim como um poder que está a serviço da criança, durante um tempo.

Há alguns dias estive em um curso do qual participou uma mulher com um filho de cinco meses que segurava diante do seu peito. Estava sentada a meu lado. Disse a ela: "Olhe para além da criança para algo que está por detrás dela." E então olhou para além da criança. A criança respirou aliviada e sorriu para mim. Sentiu-se feliz.

Nessa referência que está além de nós, ambos são mais livres, tanto os pais como a criança. Ambos podem entregar-se mais àquilo a que estão destinados e alegrarem-se através disso. Dessa forma, ambos também soltam o outro - o tanto quanto necessário.

Exemplo: *"*Mamãe, por favor, fique"

HELLINGER *para um casal de pais* Do que se trata?

MULHER Trata-se de nosso filho e sobre nós.

HELLINGER O que tem com o filho?

MULHER Foi diagnosticado de TDAH (Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade)

HELLINGER Que idade ele tem?

MULHER Seis anos.

HELLINGER *para o grupo* Se deixarmos esse sistema fazer efeito sobre nós, o homem, a mulher, o filho com quem devo começar para ir diretamente ao assunto?

A mulher aponta para si mesma.

HELLINGER Com a mãe. Isto é totalmente óbvio.

Hellinger escolhe uma representante para a mulher e pede que ela se posicione.

HELLINGER *após algum tempo, quando a mulher toma-se inquieta* Permaneça assim. Você terá o tempo de que precisa.

Hellinger posiciona um representante do filho de frente para ela.

HELLINGER *após algum tempo, para o filho* Diga a sua mãe: “Mamãe, por favor, fique.”

FILHO Mamãe, por favor, fique.

A representante da mãe anda para trás lentamente. O filho dá um passo em sua direção. A mulher olha para um determinado ponto do seu lado. Hellinger posiciona um homem nesse lugar. Não é dito, porém, quem ele representa. O filho respira aliviado e volta-se para o homem.

HELLINGER *para o grupo* Quando esse homem entrou, o filho imediatamente respirou aliviado.

Apôs um tempo, o homem dá um pequeno passo para frente e olha para o chão. Hellinger escolhe uma representante para uma pessoa morta e pede que ela se deite no chão, de costas, diante do homem.

A mulher aproxima-se da pessoa morta, lentamente, ajoelha-se do seu lado e a toca. O homem olha de cima para a morta.

HELLINGER *para o filho* Como você está agora?

FILHO Sinto-me totalmente calmo. É a primeira vez que me sinto muito calmo.

HELLINGER *para os representantes* Ok, isto é suficiente. Obrigado a todos.

A inquietude

HELLINGER *para o grupo* A inquietude que uma criança mostra muitas vezes é uma inquietude direcionada a uma pessoa morta que não é olhada. Não sabemos quem é a pessoa morta aqui, neste caso, e não precisamos sabê-lo. Frequentemente também é uma criança abortada, mas não é necessário pesquisar. Também não precisamos fazer mais do que fizemos. Algo veio à luz. Assim sendo, inicia-se um movimento na alma de todos os envolvidos, e isso é totalmente suficiente. Ninguém pode interferir, por exemplo, por curiosidade.

para os pais Confio que isso que ocorreu aqui terá um efeito bom sobre o filho. Eu deixo aqui. Tudo de bom para vocês.

A vida

HELLINGER Gostaria de dizer algo geral sobre a vida.

A vida nos tem, usa-nos e nos possui. Faz algo por nós e depois continua. Quando os pais sentem isso e entram nesse movimento permanecem permeáveis. Isso, porque a vida nos atravessa, porém, não completamente, porque também nos segura. Temos apenas uma parte da vida.

A vida flui para os filhos, mas as crianças não têm a nossa vida. No entanto, a vida os alcança através dos pais de forma especial. Por este motivo, toda criança é

diferente, pois a vida toma posse dela de uma forma especial. Através das crianças a vida também continua a fluir. Foi assim desde sempre; através dos nossos pais, avós e bisavós a vida nos alcançou.

Estar a serviço da vida significa que nos entregamos a esse fluxo, que pessoalmente damos um passo para trás para realizarmos algo como parte desse fluxo. Como realizamos algo? Pais o fazem, principalmente, por terem filhos, por alimentá-los durante muitos anos, por cuidar desses filhos e posteriormente entregá-los ao fluxo da vida.

Professores fazem o mesmo. A vida os atravessa e aqui também alcança as crianças de uma maneira especial. Eles reconhecem que essas crianças não pertencem aos pais nem a eles, pertencem à vida. Aquilo que os professores transmitem serve à vida e a essas crianças para que possam seguir adiante. De repente, encontramo-nos todos no mesmo grande fluxo de vida, somos levados por ele, remamos um pouco por conta própria, mas isto não tem muita importância. Assim a vida continua fluindo.

No nosso trabalho como professor, educador, assistente, psicoterapeuta, seja como for, podemos confiar nesse fluxo e ao mesmo tempo podemos transcender a dimensão mais próxima e deslocar-nos até o nível espiritual e, assim, entrar em contato com a origem da vida, com a sua essência. Lá tudo se mostra de forma diferente. De repente uma força maior atua em tudo que vemos, em tudo que é bom e em tudo que é mim. Em conexão com essa força olhamos para tudo, assim como é, de forma serena e com a máxima reverência. Apenas quando tivermos atingido este estágio, estaremos livres de preocupações, sem intenções, conectados a tudo, porém livres no nosso interior.

De um outro curso

Crianças portadoras de deficiência

A alma sempre é plena, sempre possui o brilho absoluto e transparece também através de uma deficiência. Quando pais têm uma criança portadora de deficiência, frequentemente se perguntam se fizeram algo de errado. Então olham mais para si próprios que para a criança portadora de deficiência. A deficiência é um destino para todos os envolvidos, não apenas para a criança, mas também para os seus pais e irmãos.

Quando encontramos uma família assim, somos conectados com as profundezas da vida de uma forma especial e também com a sua seriedade e o seu risco.

Alguns pais temem que as crianças saudáveis carreguem um peso devido à criança portadora de deficiência. Normalmente elas não carregam um peso por causa da

criança que sofre de uma deficiência. Os filhos saudáveis, na maioria dos casos, têm um sentimento muito caloroso em relação à criança portadora de deficiência, quando isto é permitido dentro da família. Muitas vezes, porém, observamos que não têm coragem de viver a sua própria vida plenamente por existir do seu lado um irmão portador de deficiência.

Para isto existe uma boa solução. As crianças saudáveis internamente falam para a criança portadora de deficiência (não precisam falar em voz alta, o importante é a postura): "Curvamo-nos diante do seu destino. Você possui uma deficiência, nós somos saudáveis. Tomamos o nosso destino da maneira como o recebemos. Você, porém, pode fazer parte. Construiremos algo e, quando você precisar, estaremos do seu lado." Assim, podem aceitar plenamente que são saudáveis. Assim, todos se sentem bem: a criança portadora de deficiência, as crianças saudáveis, e os pais também.

Mais um ponto importante para pais de um filho portador de deficiência: eles dizem à criança: "Você é o nosso filho e nós somos os seus pais. Desejamos tê-lo e estamos do seu lado com amor." Depois se entreolham e dizem um ao outro: "É o nosso filho. Tudo que solicitar de nós carregaremos juntos." Assim o amor flui livremente entre os pais, e o peso não é o mesmo de antes, podem carregá-lo mais facilmente.

A felicidade

Não há nada mais difícil de suportar que a felicidade. Muitos suportam facilmente a infelicidade, mas e a felicidade? Posso explicar o porquê. A maioria das pessoas, quando se sente infeliz, sente-se também conectada com a sua família através da sua infelicidade. As pessoas sentem-se inocentes e possuem a consciência tranquila. A consciência tranquila no contexto da infelicidade representa um grande consolo para elas. Quando alguém, porém, toma-se feliz mesmo que outros membros da sua família estejam infelizes, muitas vezes tem a consciência pesada. Frequentemente faz de tudo para tornar-se infeliz novamente e assim se sente feliz em sua infelicidade.

Quem é feliz ou possuiu alguma vantagem, enquanto outras pessoas ao seu redor estão infelizes ou possuem alguma desvantagem, sente-se culpado em relação a elas, mas também se sente culpado em relação ao destino e a Deus. Quando alguém se torna feliz, por exemplo, por ser salvo de uma doença grave, o que faz, se for uma pessoa religiosa? Oferece um sacrifico a Deus para assim pagar por sua felicidade. Muitas pessoas acham que quanto mais pagam pela sua felicidade mais felizes se tornam. Eu, porém, nunca vi isso acontecer. Quem pagou muito perdeu muito e não ganhou quase nada, apenas o sentimento de inocência.

Então, o que deve ser feito, no intuito de preservar a felicidade? Em primeiro lugar devemos agradecer, pois grande parte da felicidade é um presente. Tomá-la simplesmente como presente sem fazer algo em troca é difícil. É mais fácil tomá-la, se a tomamos com gratidão.

Para que tenhamos coragem de manter a felicidade, temos que fazer mais uma coisa: deixar que outros participem dela, ou seja, repassar algo da felicidade. Assim, outros também se tornam felizes. Dessa forma a felicidade cresce e pode permanecer. Este é um dos segredos da felicidade.

Se em uma família um dos filhos é portador de deficiência, e os outros filhos são saudáveis, estas frequentemente acham que não podem aceitar a felicidade de serem saudáveis, pois existe um irmão doente. Acham que ficando doentes ou privando-se, a criança doente se sentirá melhor, alimentando a fantasia de que "melhor duas pessoas infelizes do que apenas uma".

Qual seria a solução aqui? Os irmãos saudáveis dizem ao irmão portador de deficiência: "Você está doente, nós somos saudáveis. Temos uma vantagem por seremos saudáveis. Construiremos algo com a nossa saúde, algo grande, e você poderá participar. E, se mais tarde você precisar de nós, estaremos do seu lado." Então o irmão portador de deficiência também se sente feliz.

CRIANÇAS, PAIS E PROFESSORES

De um curso no México, 2003

O respeito diante dos pais da maneira como eles são

Quero dizer algo sobre crianças, sobre seus pais e seus professores. Eu já fui professor e diretor de uma escola grande na África do Sul. Assim sendo, sei como se sentem os professores e como se sentem os alunos e aqueles que devem dirigir um colégio de acordo com as expectativas dos pais das crianças.

O professor se junta às crianças e aos pais por último. Antes dele havia os pais e as crianças. Os pais deram a vida aos seus filhos, este é o maior serviço que um homem e uma mulher podem prestar. O professor apoia os pais neste sentido. Quando vê os alunos também vê os seus pais por detrás deles. Toma os pais para dentro do seu coração, independente de como sejam, pois todos os pais são perfeitos, no seu papel de pais. Repassando a vida fizeram tudo corretamente, não retiraram nada e não puderam acrescentar nada. Passaram adiante o que receberam. Neste sentido, existem somente pais perfeitos.

Alguns pais se deparam com dificuldades na educação de seus filhos. Isto se deve ao fato de que eles também vieram de uma família onde existiam dificuldades. No entanto, sempre que filhos deixam uma família e criam uma própria família eles

vieram de uma que fez tudo certo. Talvez essa família tenha feito de modo diferente que todas as outras famílias, pois as famílias são diferentes, mas à sua maneira, todas são corretas. Por este motivo, um professor respeita o que tem de especial em uma família, quando encontra uma criança, sem ter a fantasia de que essa família deveria ser diferente do que ela é.

Se olharmos para a vida vemos que ela é diversificada. Não apenas cada pessoa é diferente das outras, também cada família, mas que transmite às crianças algo de especial.

Alguns professores e também pais têm a fantasia de que existe um modelo de família ideal a que todas as outras devem se adaptar. Uma família, porém, que eventualmente consideramos ser difícil e onde também os filhos fizeram experiências que podem representar um peso, essas dificuldades e o peso dão às crianças uma força especial, uma força que crianças que vêm de uma família ideal não podem possuir da mesma maneira. Portanto, a postura básica mais favorável à vida é a de que concordemos com tudo da maneira como é, sem querermos mudar algo.

Quando me aproximo de um aluno ou uma criança com essa postura, eles não precisam ter medo de mim, por exemplo, medo de que eu queira mudar algo na sua família ou tenha alguma crítica em relação a ela.

Exemplo: "Querida mamãe, morro no seu lugar"

Hellinger pede que os pais de um menino, que segundo eles não quer mais estudar, sentem-se do seu lado.

HELLINGER *para o grupo* Eu conversei com esses pais alguns instantes atrás. Falaram-me que são separados. Ali está seu filho com o qual dizem ter dificuldades. Crianças, porém, nunca são difíceis, sabiam? Crianças difíceis não existem. Aquilo que parece difícil é um amor especial dentro da criança, pois a criança que causa dificuldades está conectada a alguém que não tem lugar na família. Assim sendo, neste caso específico, também não olho para o filho. Deixei-o sentado no seu lugar. Quero falar primeiro com os pais para descobrir quem o filho ama secretamente, para que eles possam ver a criança de modo diferente. A criança também pode se ver de maneira diferente.

Os pais concordam com a cabeça.

HELLINGER *para os pais* Imediatamente gostei do seu filho.

Os olhos dos pais brilham de alegria. O pai olha em direção ao filho e coloca a mão sobre o peito com orgulho.

HELLINGER Também gostei do pai. E a mãe? Vejo que ela tem dificuldades. De

que tipo, não sabemos.

para o grupo Demonstrarei como podemos prosseguir neste caso.

Hellinger escolhe uma representante para a mãe e a posiciona.

HELLINGER *para esta representante* Você representa a mãe. Deixe acontecer o que quiser no seu corpo. Nós vamos apenas assistir.

A representante da mãe respira com dificuldade. Põe uma mão sobre o peito e começa a tremer. Fazendo isso, olha para o chão.

Hellinger escolhe uma representante para uma pessoa morta e lhe pede que se deite no chão, de costas, diante da representante da mãe, que fecha os punhos.

HELLINGER *para o grupo* Olhem para as suas mãos.

A representante da mãe põe a mão sobre o peito como se tivesse dores fortes.

Hellinger chama o filho e pede que ele se deite no chão ao lado da pessoa que está deitada. A representante da mãe dá alguns passos para trás. Abre os punhos, mas continua com a mão sobre o peito como se tivesse fortes dores. Respira com dificuldades e curva o corpo.

HELLINGER *para a representante da mãe* Você se sente melhor ou pior desde que o seu filho está deitado no chão?

REPRESENTANTE DA MÃE *quase não consegue falar* Tenho dores.

HELLINGER *no momento em que ela quer dizer algo* Não diga nada. Aproxime-se.

Ela aproxima se, agachada e com fortes dores, da mulher deitada no chão.

HELLINGER Olhe para ela.

A representante da mulher contorce-se com dores fortes e lentamente se afasta novamente. Depois ergue o corpo.

HELLINGER *para o filho deitado no chão* Como você se sente nesse lugar?

FILHO Eu me sinto bem aqui.

A representante da mãe continua com as mãos sobre o peito, sentindo dores fortes.

Hellinger pede ao filho que se levante e se posicione de frente para a mãe, sendo que a mulher no chão está deitada entre eles. Ela olha para a representante da mãe que agora ergue totalmente o corpo e se acalma.

HELLINGER *para o grupo* A mulher no chão é uma pessoa morta. Ela olha para a representante da mãe. Quer algo dela. Não sabemos, porém, quem ela é.

Após algum tempo, Hellinger pede que a mãe ocupe o lugar de sua representante.

Durante muito tempo ela permanece imóvel. Depois faz movimentos com os braços como uma pessoa desamparada.

HELLINGER *para a mãe após algum tempo* Essa pessoa morta é sua. É uma criança morta.

MÃE É meu filho mais velho que está muito distante de mim.

HELLINGER *para o grupo* Quando se fala isso geralmente retira-se energia. Podemos ver o essencial nos movimentos das pessoas que estão sendo consteladas. De tudo que está acontecendo aqui a minha imagem é de que a pessoa morta é uma criança abortada.

A mãe faz que sim com a cabeça.

HELLINGER *para a mãe* Sim, olhe para lá.

A mãe respira profundamente e começa a soluçar.

HELLINGER *para o grupo* O filho ama essa criança. Ele quer que ela seja lembrada.

O pai está tocado e faz que sim com a cabeça. Ele também respira profundamente.

HELLINGER *para o grupo* Não vou continuar. Apenas trouxe a situação à luz. Talvez agora seja mais fácil entender o que acontece com o filho.

Apenas explicarei brevemente o que aconteceu aqui. A mãe quer morrer. Quer seguir a criança. O filho diz a ela internamente: "Querida mamãe, eu morro no seu lugar." Por este motivo também não precisa fazer mais nada na escola. Para quê? Se ele quiser morrer não precisa fazer mais nada.

Hellinger posiciona o pai de frente para o filho.

HELLINGER *para o pai* Espere mais um pouco. Entre primeiro no seu sentimento e olhe para o seu filho.

Pai e filho olham-se longamente. O pai sorri para o filho. Hellinger leva o filho para mais perto do pai. O pai aproxima-se do filho e ambos abraçam-se longamente. Depois, Hellinger pede que o filho se vire e o leva alguns passos para frente.

HELLINGER *para o filho* Como você se sente aqui. Melhor ou pior?

FILHO Pior.

Hellinger pede que o pai se sente novamente.

HELLINGER *para o grupo* O filho diz que se sente pior, mas podemos ver, em seu rosto e em sua postura, que ele se sente melhor lá, sente-se melhor que com o pai, onde não tem estabilidade.

Interrompo aqui. Muito obrigado aos representantes.

Os pais e o menino sentam-se ao lado de Hellinger.

Ajudar em sintonia com o destino de uma criança

HELLINGER *para o grupo* Na posição de professor, às vezes, vocês são confrontados com esse tipo de situação: têm uma criança difícil. Não se esforça mais no colégio e vocês, talvez, esperem receber ajuda por parte dos pais. Às vezes, porém, os pais não ajudam, como aqui neste caso. A questão é: o que podemos fazer então? Vejo em seus rostos que esta é uma pergunta difícil para vocês, porque frequentemente são confrontados com esse tipo de situação.

para os diretores desta escola Agora farei um exercício com vocês.

Hellinger posiciona os dois diretores — um casal — lado a lado e posiciona o menino de frente para eles. Por detrás desse menino, bem distante, ele posiciona um representante para o seu destino.

HELLINGER *para os diretores desta escola* Ao invés de olharem para o menino, agora olhem para o seu destino.

Após algum tempo, a diretora faz uma reverência e depois olha para cima novamente.

HELLINGER *para os diretores da escola* Como se sentem agora?

DIRETOR Melhor.

DIRETORA Melhor.

HELLINGER *para o grupo* Se olharmos para o menino, como acham que ele está? Está melhor.

para os representantes Obrigado.

para o grupo Na posição de ajudantes e professores muitas vezes temos a fantasia de que temos que manter alguém vivo e ajudá-lo a ter uma vida feliz, a qualquer custo. Ele, porém, está entregue a outras forças diante das quais os nossos esforços fracassam. Ao invés de nos vermos somente diante da pessoa que procura ou precisa da nossa ajuda, devemos olhar para além dela. De repente sentimos que existem outras forças que são maiores que nós, então ficamos calmos. Frequentemente também, podemos olhar para a criança de maneira diferente, sem preocupação.

Sem preocupação

HELLINGER *para o grupo* Quando acontece algo como nesta situação, onde ambos os pais estão emaranhados e ainda permanecem no emaranhamento por algum tempo, não precisamos nos preocupar.

para os pais Não me preocupo com a mãe e não me preocupo com o pai. Algo importante veio à luz, e isso iniciou um movimento em suas almas, principalmente na mãe. Esse movimento continua, necessita do seu tempo.

Depois talvez vocês estranhem que após algumas semanas ou alguns meses algo se tome diferente. Tudo de bom para vocês.

Os dois agradecem.

HELLINGER *para o pai* O menino precisa do pai. Dê-lhe um lugar no seu coração.

Piercing

HELLINGER *para o grupo* Existem determinados sinais nos quais podemos prestar atenção, também em se tratando de um aluno. Aqueles que colocam um *piercing* abriram mão do respeito em relação a sua própria vida. Este menino, por exemplo, também.

Vocês fariam algo assim com uma outra pessoa, se a amassem? Fazem isso com o próprio corpo? Talvez com isso demonstrem que desistiram de sua vida. Este é um sinal e devemos levá-lo a sério.

para este menino Certamente isso pode ser removido de novo. Ok?

Ele concorda com a cabeça.

Crianças difíceis

HELLINGER *ao grupo* Quero dizer algo sobre doenças. Talvez vocês acreditem que isso não tenha nada a ver com que acontece aqui. Observei, no entanto, que quando alguém tem uma doença específica ou sofre de um determinado mal físico, principalmente quando se trata de uma doença grave, então aquilo que machuca e adoece se encontra em ressonância com outra pessoa. Está em ressonância com uma pessoa que foi excluída ou esquecida pela família. Apesar da doença se afastar de nós, esta se volta para outra pessoa, deseja guiar o nosso olhar para esta pessoa. Quando honramos esta pessoa, quando a acolhemos em nosso coração, a doença muitas vezes pode partir. O mesmo acontece no caso de uma criança difícil. Ela está em ressonância com uma outra pessoa, assim como este menino aqui. Ele se encontrava em ressonância com a criança abortada. Então, ao invés de querer eliminar as suas dificuldades na escola, fazendo-lhe, por exemplo, boas recomendações, que na maioria dos casos, não levam a nada, olhamos juntamente com ele para a pessoa da família que deseja ser incluída. Já basta esta ideia de incluir a criança para nos sentirmos mais aliviados. A criança então já não é mais "tratada" por nós, e sim, fazemos com ela o caminho até essa pessoa. Neste caminho ela se sente segura em nossa companhia.

Exemplo: “Senti muito a sua falta”

HELLINGER Quem deseja trabalhar comigo agora?

Uma mulher se apresenta e se senta ao lado de Hellinger. Ele a olha por um longo tempo.

HELLINGER *ao grupo* Ela respeita os homens?

A mulher acena que sim, com a cabeça.

HELLINGER *para a mulher* Mesmo?

Os dois se olham e riem.

HELLINGER Do que se trata?

MULHER Trata-se de ajudar a minha filha.

HELLINGER A filha também tem um pai?

MULHER Meu marido e eu decidimos juntos ter filhos. Foi uma decisão a dois. Eu sabia que não iríamos conseguir viver juntos. Assumi a responsabilidade pela minha filha e a criei. Mas agora ela passa por uma situação emocional especialmente difícil.

HELLINGER Qual foi a minha primeira pergunta?

MULHER Respeito sim os homens, tenho uma consideração especial por eles.

HELLINGER O que acontece com a filha? Ela pode ter consideração pelos homens?

MULHER Jamais falei do pai para ela.

HELLINGER Ok. Começo com duas pessoas.

Hellinger escolhe um representante para o pai da filha e posiciona a mulher diante dele. Os dois se olham por um longo tempo, sem se mover.

Após um tempo, Hellinger pede para que o representante do pai se sente ao seu lado e coloca em seu lugar uma representante da mãe da mulher.

A mãe da mulher dá uns passos para trás Volta-se para direita e olha para além da mulher.

HELLINGER *para grupo* A mãe da mulher olhou para outra direção. Está olhando para uma outra pessoa. Vou averiguar agora se está olhando para sua mãe.

Hellinger posiciona uma outra mulher na direção para qual a primeira está olhando. A outra mulher representa a sua mãe.

A mãe da mãe da mulher encontra-se parcialmente voltada para esquerda, atrás da mulher. Quando nada acontece, Hellinger afasta a mulher para que esta não

desvie a atenção das outras duas mulheres, que continuam imóveis.

HELLINGER *após um tempo, para o grupo* Explico o que aqui se toma visível.

A mãe desta mulher não pode ir até sua mãe. Mais tarde tem uma filha e espera dela que se comporte assim como o esperava de sua mãe. Enxerga na filha a sua própria mãe. Chamamos isto de parentificação, isto é, uma mulher que não pode ir até a sua mãe da qual espera algo especial, espera o mesmo de sua filha. Por isso a filha assume para ela o papel da mãe. A consequência é que a filha não pode ir até sua mãe, enquanto filha, mas agora esta filha também tem uma filha e vamos ver o que acontece entre elas.

Hellinger escolhe uma representante para a filha da mulher e a posiciona diante dela. As duas se olham por um longo tempo. Então a filha olha para mãe de sua mãe e se movimenta lentamente em sua direção.

HELLINGER *para o grupo* Aqui se revela para nós, de modo magnífico, o que significa parentificação.

A filha se aproxima ainda mais de sua avó.

HELLINGER *para o grupo* Existe aqui um segredo. Vou contar para vocês. Uma mulher que não pode ir até a sua mãe não respeita os homens. O respeito pelos homens a mulher aprende com a mãe. Não é de se estranhar que a mulher não quisesse um homem. Isto agora se estende para a próxima geração.

MULHER Minha mãe ficou viúva quando ainda éramos muito pequenos. Meu pai era paralítico, era como uma criança a mais na família, pois minha mãe tinha que cuidar de todos nós. No meu caso não se trata, portanto, de uma falta de consideração. Simplesmente falta a imagem de um pai. Não tive um pai.

HELLINGER *para o grupo* Ainda existe algo aqui. Ela ficou muito emocionada ao falar sobre isto. Vocês viram? A criança é fiel à sua mãe. Quando a criança percebe que a mãe não pôde segurar seu marido, que o perdeu cedo, então a criança, em função de sua fidelidade em relação à mãe, também não ousa ter e manter um marido.

A mulher acena de modo compreensivo para Hellinger e sorri.

HELLINGER Agora procuramos por uma solução.

Hellinger pede para que as representantes da mãe e da avó da mulher se sentem novamente.

HELLINGER *para o grupo* Quem é a pessoa importante que pode transformar a situação?

para a mulher Vou lhe mostrar isto agora.

Hellinger escolhe um representante para o pai da mulher e o posiciona diante dela. Os dois se olham por um longo tempo.

HELLINGER *após um tempo, para a mulher* Diga-lhe: “Senti muito a sua falta.”

MULHER *muito comovida e chorando* Teria precisado muito de você. Amei muito você, que não me apoiou, não pôde me apoiar.

HELLINGER Diga apenas: “Senti muito a sua falta.”

MULHER Senti muito a sua falta.

Ela seca as lágrimas.

HELLINGER Olhe para ele.

Hellinger a aproxima suavemente de seu pai. Este vai em sua direção. Os dois se abraçam profundamente. Após um tempo, Hellinger também aproxima mais a filha da mãe. A mulher se solta de seu pai e olha para a filha.

HELLINGER *para a mulher* Diga a ela: “Este é o meu pai.”

MULHER Este é o meu pai.

HELLINGER “Senti muito a falta dele”

MULHER Senti muito a falta dele.

O pai coloca os braços em volta dela e de sua filha.

Hellinger escolhe um representante para o marido da mulher e coloca junto a ela.

HELLINGER Diga para sua mãe: “Este é o meu pai.”

MULHER Este é o meu pai.

HELLINGER “Senti muito a falta dele.”

MULHER Senti muito a falta dele.

Agora Hellinger coloca uma representante da filha de forma que ela possa olhar bem para todos.

HELLINGER *para a mulher* Diga para seu marido: “Agora eu tomo você como pai de nossa filha.”

MULHER Agora eu tomo você como pai de nossa filha.

O marido alcança a mão dela e a abraça levemente.

Hellinger coloca a filha de costas, junto ao pai, que está diante de sua mulher. Esta está muito comovida e enxuga as lágrimas.

Hellinger coloca o pai da mulher atrás do marido dela. Afilha responde aliviada, mas a mulher não se movimenta. Após um certo tempo, afilha se afasta lentamente da mãe dirigindo-se ao pai e olha para ele.

HELLINGER *após um tempo, para a filha* Diga ao seu pai: “Eu sinto muito a sua falta.”

FILHA Eu sinto muito a sua falta.

A mulher se aproxima um passo da filha. Pai e filha, porém, permanecem parados. O pai da mulher está muito comovido e seca constantemente o seu suor.

HELLINGER *após um tempo, para a filha* Diga a seu pai: “Por favor.”

FILHA Por favor.

Após um tempo, Hellinger aproxima mais a mulher de seu marido, para que a filha possa ver os dois.

O homem se volta para sua mulher, depois novamente para afilha e luta consigo mesmo, mas ninguém se move.

Após um tempo, Hellinger conduz a filha suavemente em direção ao pai. Este coloca o braço em torno dela. A mulher coloca seus braços em torno dos dois. O pai chora. Também coloca o seu braço em torno da mulher.

HELLINGER Como a filha está agora?

FILHA Bem.

HELLINGER Como está o pai?

PAI Bem.

Todos sorriem uns para os outros.

HELLINGER *para os representantes* Ok, agradeço a todos.

A mulher seca as lágrimas.

HELLINGER *para a mulher* O que está acontecendo com a sua filha?

MULHER Emocionalmente ela está muito mal. Ontem me disse que não quer trabalhar. Não se interessa por quase nada. Não quer viver. Ela se pergunta: para quê?

HELLINGER É claro, ela sente falta do pai. Quem pode ajudá-la? Quem precisa dar os primeiros passos?

MULHER Para vê-lo?

HELLINGER Quem precisa dar os primeiros passos para que a filha fique melhor?

MULHER Eu.

HELLINGER Sim. Você pode fazer isso fácil, fácil. Só precisa imaginar que seu pai está atrás de você.

Ela acena com a cabeça, fecha os olhos e parece já imaginar tal fato.

HELLINGER Agora vá até o seu marido - respeite-o - e diga a ele: “Sinto muito a sua falta.”

quando ela sacode a cabeça Diga a ele: “Sinto muito a sua falta.”

MULHER Sinto muito a sua falta.

HELLINGER Diga a ele: “Sinto muito a sua falta.”

MULHER Sinto muito a sua falta.

HELLINGER “Preciso de você.”

MULHER Preciso de você.

HELLINGER “Por favor.”

Ela hesita por um longo tempo.

HELLINGER “Agora tomo você como meu marido.”

Ela seca suas lágrimas.

MULHER Agora tomo você como meu marido.

HELLINGER “E você pode me ter como sua mulher.”

MULHER E você pode me ter como sua mulher.

Ela ainda se encontra de olhos fechados e profundamente centrada.

HELLINGER *após um tempo* Seu pai vai ficar feliz ao ver isso, sua mãe também e principalmente a sua filha. Concorda?

MULHER Sim.

Abre os olhos e olha para Hellinger.

HELLINGER Ok. Tudo de bom. Você consegue. Posso ver isso agora.

A filha da mulher estava no grupo e pôde acompanhar tudo.

A felicidade completa

HELLINGER Quero dizer algo sobre a felicidade completa. O que é a felicidade completa? Uma criança fica feliz quando nela a mãe respeita e ama o pai e quando o pai, nela, respeita e ama a mãe. Este é o primeiro passo.

O segundo passo acontece quando a mãe não apenas respeita e ama o pai na criança, mas também toda sua família, e quando o pai não apenas ama a mãe na criança, mas também toda sua família.

Quando somos um pouco mais velhos experimentamos o fato de que não apenas o nosso pai e a nossa mãe possuem um lugar em nosso coração, mas também todos que pertencem à família do pai e da mãe, inclusive aqueles que foram excluídos

ou esquecidos.

Meditação

Agora faremos um pequeno exercício e caminharemos alguns passos na estrada para a felicidade completa.

Fechem os olhos. Vejamos a nossa mãe diante de nós, em nossa alma. Ao lado dela, o nosso pai. Olhamos para eles com amor. Dizemos a eles: "Tudo que tenho vem de vocês. Minha vida, conforme é, vem de vocês. Vocês a deram para mim e agora a tomo de vocês em sua plenitude. Obrigado. Faço algo dela em homenagem a vocês e para a felicidade de vocês. Alegro-me com vocês, do jeito que são e me alegro com a vida, da forma que a recebi de vocês."

Depois olhamos para os pais dos pais e nos alegramos com eles do jeito que são, para os tios e as tias, todos do modo que são e nos alegramos com eles.

Depois olhamos para o nosso parceiro e para sua família e lhes concedemos um lugar no coração e nos alegramos com eles. Se tivermos filhos olhamos para as crianças e com elas também nos alegramos. Alegramo-nos com os nossos filhos exatamente da forma que são.

Deste modo experimentamos o que é a alegria e a felicidade completa.

Exemplo: "Por favor, fique"

HELLINGER *para um menino de mais ou menos 16 anos* Ouvi dizer que você é um pouco agitado na escola, é verdade isso?

MENINO Sim.

HELLINGER O que você faz quando está agitado?

MENINO Às vezes me comporto mal em sala de aula.

HELLINGER O que você faz quando se comporta mal?

MENINO Me torno explosivo.

HELLINGER Você tem bastante energia.

MENINO Sim.

HELLINGER Quando não é possível fazer algo melhor com esta energia tem que se fazer algo assim.

MENINO Sim.

HELLINGER Quem mais em sua família é tão cheio de energia assim? MENINO Ninguém.

HELLINGER Você é o único?

MENINO Sim.

HELLINGER Os seus pais ainda estão juntos?

MENINO Não.

HELLINGER O que aconteceu?

MENINO Eles se separaram há dez anos.

HELLINGER Com quem você está agora?

MENINO Com o meu pai

HELLINGER Gosta bastante dele.

MENINO Sim.

O menino está muito comovido e concorda com a cabeça.

HELLINGER Dá para ver.

O menino fica contente e concorda com a cabeça.

HELLINGER Como está seu pai?

MENINO Mal.

HELLINGER O que há com ele?

MENINO Está mal de saúde.

HELLINGER O que ele tem?

MENINO *suspira* Ele tem edema pulmonar e insuficiência renal. Não sei que outros problemas mais tem.

HELLINGER Ok. Vou trabalhar com você e com seu pai. Concorda?

MENINO Sim.

Hellinger escolhe um representante para o pai e o coloca.

HELLINGER *para este representante* Agora você toma o pai do menino em seu coração. Repare no que acontece em seu corpo e se deixe guiar. Então procuraremos por uma boa solução para todos.

O representante fica imóvel por um longo tempo.

HELLINGER *para o menino* Aconteceu algo de especial na família do seu pai?

MENINO O que, por exemplo?

HELLINGER Alguém morreu cedo?

MENINO Sim.

HELLINGER Quem?

MENINO O pai dele.

HELLINGER Quantos anos tinha seu pai quando o pai dele morreu?

MENINO 19 anos.

HELLINGER De que o pai dele morreu?

MENINO Eu não sei.

HELLINGER Tem alguém de sua família aqui?

MENINO Sim, a minha mãe.

Hellinger chama a mãe e pede para sentar-se ao lado dele.

HELLINGER *para a mãe* O que aconteceu na família do pai dele?

MÃE O pai do pai dele morreu aos 45 anos durante uma cirurgia de úlcera gástrica.

Hellinger escolhe um representante e diz para este se deitar de costas no chão, aos pés do pai.

HELLINGER *para o grupo* O olhar do representante do pai foi em direção ao chão. Por isso, Coloquei alguém diante dele aí. Não sei quem é ele, mas talvez seja seu pai.

Após um tempo, Hellinger coloca o menino diante de seu pai, mas de um modo que o morto fica entre os dois.

HELLINGER *para o menino* Diga a seu pai: "Por favor, fique."

MENINO Por favor, fique.

HELLINGER *após um tempo* Diga mais uma vez.

MENINO Por favor, fique.

Ele o disse com uma voz agressiva, os seus punhos estão fechados.

HELLINGER *após um tempo* Diga-o em voz alta.

MENINO Por favor, fique.

Ele grita a frase de forma muito comovida e chora. Hellinger faz com que o diga mais algumas vezes em voz alta. Depois o menino começa a soluçar. Hellinger o leva para diante de seu pai.

HELLINGER *para o menino quando este se encontra diante de seu pai* Diga: "Por favor, fique."

MENINO Por favor, fique.

HELLINGER "Por favor."

MENINO Por favor, fique.

HELLINGER “Por favor.”

MENINO Por favor.

Ele ainda está de punhos cerrados. O pai não se mexe.

HELLINGER *para o pai* Diga a ele: “Estou morrendo.”

PAI Estou morrendo.

HELLINGER *para o menino* Diga: “Por favor, fique.”

MENINO Por favor, fique.

HELLINGER *para o pai* “Estou morrendo.”

PAI Estou morrendo.

HELLINGER “Estou doente. Estou morrendo.”

PAI Estou doente. Estou morrendo.

HELLINGER “Assim como meu pai”.

PAI *falando claramente* Assim como meu pai.

Pai e filho se olham longamente. O menino respira profundamente. Ainda está de punhos cerrados. Então abaixa a cabeça e abre os punhos.

HELLINGER *para o menino* Diga: “Querido papai.”

MENINO Querido papai.

HELLINGER Olhe para ele e diga: “Por favor, fique.”

MENINO Por favor, fique.

HELLINGER *para o pai* Diga a ele: “Mesmo eu morrendo, você sempre será meu filho.”

PAI Mesmo eu morrendo, você sempre será meu filho.

Hellinger conduz o menino para mais perto do pai. Os dois se abraçam longa e profundamente. O pai segura o filho e acaricia suas costas. Quando se soltam, o pai coloca uma mão em seu ombro. Assim se olham por um longo tempo. O menino respira profundamente. Quando o pai dá um passo

para trás, Hellinger pede para que se deite no chão, ao lado do representante de seu pai, e olhe para ele. Vira o menino e pede para que olhe para o pai e o avô que estão no chão.

Os dois, pai e avô, se olham e se seguram pelas mãos.

HELLINGER *após um tempo, para o menino* Diga para seu pai e para seu avô: “Em mim vocês continuam vivendo.”

MENINO Em mim vocês continuam vivendo.

HELLINGER “Eu permaneço vivo. Em homenagem a vocês.”

MENINO Eu permaneço vivo. Em homenagem a vocês.

HELLINGER “Faço algo grande de minha vida. Em homenagem a vocês.” MENINO Faço algo grande de minha vida. Em homenagem a vocês.

Ele está muito comovido. Respira profundamente e fecha os punhos novamente.

HELLINGER *após um tempo, para o menino* Deite-se ao lado deles.

Ele se deita ao lado de seu pai no chão e olha para o mesmo. Mas este não o olha.

HELLINGER *para o menino* Como você se sente ai? Melhor ou pior? MENINO Pior.

HELLINGER *para o pai* Como você se sente quando seu filho se deita ao seu lado?

PAI É desagradável para mim.

HELLINGER Diga ao seu filho: “Vá!”

PAI Vá!

Hellinger pede para o filho se levantar. Este se levanta e dá as costas para a cena.

HELLINGER Como é isso agora?

MENINO Estou chateado.

Hellinger o coloca novamente diante de seu pai e de seu avô. Do outro lado deles, coloca um representante para a morte, diante do menino.

HELLINGER *para o menino* Esta é a morte.

O menino fecha os punhos, mas a morte não se move. Ele respira profundamente e olha novamente para seu pai, que está no chão. Respira cada vez mais rápido, aparentemente com muita raiva.

HELLINGER *após um tempo, para o menino* Diga para a morte: “Vou te vencer.”

MENINO *com agressividade* Vou te vencer.

HELLINGER Fale alto.

MENINO *gritando em voz alta e agressivo* Vou te vencer.

Olha longamente para a morte com agressividade.

HELLINGER “Vou te vencer...”

HELLINGER “Mesmo que isso custe a minha vida.”

MENINO *desafiante e agressivo* Mesmo que isso custe a minha vida.

Ainda está de punhos fechados. A morte continua impassível e olha para os

mortos.

HELLINGER *para o menino* A morte não olha para você. Para ela você não existe.

O menino olha novamente para seu pai e seu avô que estão no chão. Após um tempo, respira profundamente e começa a chorar. É sacudido pelo choro. No meio disso olha para a morte e abaixa a cabeça. Seca as lágrimas. Assim luta consigo mesmo por um longo tempo e abre os punhos.

HELLINGER *para o menino* Diga para seu pai e seu avô "Ainda fico um tempinho."

MENINO Ainda fico um tempinho.

HELLINGER "Depois morro também."

MENINO Depois morro também.

HELLINGER *para grupo* Agora soltou os punhos. Agora a agressividade desapareceu.

para o menino Agora você está próximo da verdade. Agora é grande. Apenas crianças ficam tão aborrecidas! Está bem?

MENINO Sim.

HELLINGER *para os representantes* Agradeço a todos vocês.

O menino senta-se novamente ao lado de Hellinger.

HELLINGER *para a mãe* Como você se sente?

MÃE *suspira* Melhor.

HELLINGER Você não tem um filho grande?

MÃE Sim, um filho grande.

HELLINGER E ele tem tanto amor!

O filho respira fundo.

MÃE Sim.

HELLINGER É isso mesmo.

O menino olha de modo aliviado para Hellinger. Este lhe dá um soco no meio das costas.

HELLINGER Agora você foi nomeado cavaleiro.

O menino ri e o grupo ri junto. Hellinger e o menino se dão as mãos.

HELLINGER Ok, tudo de bom para você.

Aplausos fortes no grupo.

HELLINGER *para o grupo* O que acabei de fazer - bater nele - é apenas um lado da história. Quando algo de essencial se modifica em uma pessoa, precisamos bater nela. Não tão forte como o fiz agora. Somente assim a modificação é armazenada no sistema nervoso.

para os professores presentes Agora os professores vão se alegrar com a sua volta para a sala de aula. Existem somente crianças boas. Precisamos apenas descobrir onde se encontra ocultado o seu amor. Aqui se tornou maravilhosamente claro onde o amor estava escondido.

Onipotência e impotência

Ainda devemos considerar outro fator importante. Muitos acreditam que é possível apoderar-se da vida como se tivéssemos poder sobre vida e morte. Principalmente as crianças pensam assim. Por isso, muitas vezes, carregam em sua alma a ideia de que seus pais estarão melhores, caso assumam o sofrimento destes em seu lugar. Como se tivessem o poder de redimir os pais, sacrificando-se. Então muitas vezes dizem em sua alma: "Prefiro que eu morra ao invés de você." Nessas horas têm sentimentos de onipotência.

Como alguém se toma adulto? Quando sabe o quão limitado é o seu poder. Alcançar tal ponto é uma batalha dura, pois muitos adultos ainda acreditam que podem redimir o outro de seu destino. Alguns professores também acreditam que podem modificar os seus alunos. Outros chegam a acreditar que podem transformar o mundo inteiro, mas logo percebem que não é possível. No caso deste menino pudemos ver o quanto esta batalha é dura e difícil. Que luta! Mas ele a venceu.

O emaranhamento

Somos conectados com os destinos de nossas famílias através de várias gerações. Quando, no entanto, encontramos pessoas que, a nosso ver, comportam-se de modo estranho ou que cometem algo grave, sabemos que encontram conectadas com algo que elas mesmas não compreendem. Então olhamos para além delas e sem interferir consideramos o seu destino especial. À medida que o respeitamos, sem querer interferir, elas ganham força.

Frequentemente possuímos alguma ideia sobre o livre arbítrio humano, que possuímos apenas de forma limitada. Quando se trata de coisas maiores, como por exemplo vida e morte, outras forças entram em ação. O que podemos fazer em tais casos? Depositamos a nossa confiança nestas forças maiores, também em relação ao nosso destino. Quando o fazemos, muitas vezes ajudamos a uma outra pessoa, porém, em sintonia com estas forças.

Deste modo, o trabalho dos professores se tomará mais fácil, o trabalho dos pais, também e as crianças estarão melhores. Por trás disso tudo existe a grande

confiança de que, no final, tudo dará certo, que as diferenças que fazemos entre bem e mal no final sucumbem. Bem e mal então não existirão mais e sim, somente seres humanos.

Exemplo: “Amei muito o seu pai”

HELLINGER Existe mais alguém que quer trabalhar comigo?

Uma professora chama uma menina que tem cerca de 16 anos e que se senta ao lado de Hellinger. Ela olha brevemente para Hellinger, sorri e depois olha para o chão.

HELLINGER *para o grupo* Quando vocês olham para ela, quantos anos ela tem, de acordo com a alma e o sentimento dela? - Três anos. Algo aconteceu quando tinha três anos.

para a menina O que aconteceu?

Ela sacode a cabeça e olha para sua mãe que está no grupo. Hellinger chama a mãe e pede que se sente ao lado dele.

HELLINGER *para a mãe* O que aconteceu quando ela tinha três anos?

MÃE Nós mudamos para a casa de meu atual marido.

A menina começa a chorar e soluça.

HELLINGER O que há com o pai dela?

MÃE O papai dela nos deixou. Foi embora com uma outra mulher.

HELLINGER Ela sente falta do pai, isto se vê imediatamente.

Hellinger olha em sua direção. Ela sacode a cabeça, negando enfaticamente.

HELLINGER *para o grupo* Ela sacode a cabeça. Sabem por quê? Sente medo de assumi-lo diante de sua mãe.

Hellinger olha para a mãe.

HELLINGER *para a mãe* Diga a ela: “Eu amei muito seu pai.”

MÀE Eu amei muito seu pai.

HELLINGER Diga isso com amor.

quando ela quer responder imediatamente Devagar. Lembre se de quanto você o amou. Então o diga a partir de sua alma.

Ela suspira profundamente.

HELLINGER Olhe para ela.

MÃE Eu amei muito seu pai.

A mãe está profundamente comovida. A menina chora. Hellinger pede à mãe que se sente ao lado da filha e abrace-a. Ela abraça a filha, beija-a e acaricia. Então ficam sentadas de mãos dadas, uma ao lado da outra.

HELLINGER *para o grupo* É tudo que devo fazer.

para a mãe Tudo de bom.

Os dois pais

HELLINGER Ainda quero dizer algo em relação ao tema. Toda criança tem dois pais. Necessita sempre dos dois pais e precisa poder amar os dois. Uma criança não entende por que seus pais se separam. Ama os dois do mesmo modo. Às vezes, porém, quando os pais se separam e a criança permanece com a mãe, depende desta em todos os sentidos. Por vezes, sente medo de mostrar que ama o pai da mesma forma. Sente medo de aborrecer a mãe e de perdê-la, juntamente com o pai, mas, em segredo, sempre ama o pai. Quando ouve sua mãe dizer que amou muito seu pai, então ela pode demonstrar para esta que também o ama. Assim a criança se sente aliviada.

Aqui a mãe compreendeu bem a situação. Agora a criança pode dizer com facilidade que ama o pai. Sabe também que pode ir até ele. Lá a menina se sentirá bem. Agora está contente.

para a menina Você pode demonstrar isso. A mãe também está contente.

Mãe e filha sorriem uma para a outra. A mãe coloca o braço em volta dela e a beija.

CRIANÇAS DE RUA

De um curso no México, 2001

A vida real

Muitas vezes ficamos imaginando como seria uma infância realmente feliz e o que nos prepararia melhor para a vida. Isto é, pais amorosos, infalíveis, sensíveis, sempre presentes, sempre nos estimulando e nos protegendo de tudo que há de nocivo. Como esses filhos se sentem mais tarde na vida? O que sabem sobre a dureza da vida e das exigências que faz? O quão eficazes serão? Quando se trata de sobreviver diante de grandes dificuldades, muitas vezes se encontram em desvantagem em relação às crianças que tiveram uma infância difícil.

Na Alemanha, geralmente comparo estudantes universitários com os meninos de seis, sete anos daqui, da América Latina, que ficam vendendo jornais. Como são fortes e independentes. O quanto já se sentem corresponsáveis pelo sustento de sua família e contribuem naturalmente para este. Quanta vivacidade e força interna.

Considero-as profundamente. Sabem algo sobre a dureza da vida e o que, em última instância, esta exige de nós.

Exemplo: "Por favor"

Hellinger pede para que um menino de mais ou menos 13 anos se sente ao seu lado. Este se aproxima com as mãos no bolso e se senta de modo tímido e desajeitado ao lado de Hellinger.

HELLINGER *para este menino* Você ainda não conhece isso.

O menino está muito comovido e olha para o chão.

HELLINGER Olhe para mim.

A postura do menino é curvada, olha Hellinger de baixo para cima. Depois volta a olhar para o chão.

HELLINGER Para mim está bom assim. Simplesmente olhe para mim. *Hellinger coloca a mão no joelho do menino.*

HELLINGER Quando olho para você, vejo que desistiu de confiar em outras pessoas. Parece que passou por muitas dificuldades.

O menino acena com a cabeça.

HELLINGER Posso ver isto.

O menino volta a olhar para o chão.

HELLINGER Às vezes, durante a noite escura, as pessoas esperam ansiosamente para que o sol nasça novamente. É tão bom ver o sol brilhar novamente, após uma noite escura! Muitas vezes também é assim na vida. Também aqui o dia amanhece novamente após uma noite escura. Devemos espreitar a luz? A sua luz?

O menino olhou o tempo inteiro para o chão.

HELLINGER Olhe novamente para mim.

O menino sorri para Hellinger.

HELLINGER Vejo que você está mais esperançoso. Conte-me algo de sua vida.

O menino suspira profundamente e começa a chorar. Hellinger coloca o braço em torno dele, aproxima-o de si e o segura por um longo tempo. O menino apoia a cabeça no peito de Hellinger. Quando Hellinger o solta, o menino desvia o olhar e olha para o lado, para o chão.

HELLINGER Conte-me algo de seu pai e de sua mãe.

MENINO O que devo dizer?

HELLINGER Algo sobre o que vivenciou com seu pai e sua mãe.

MENINO Não tive um bom relacionamento com os meus pais.

MENINO Fugi de casa, pois não suportava mais.

HELLINGER Quantos anos você tinha?

MENINO Dez anos.

HELLINGER Para onde você foi?

MENINO Para a rua.

Hellinger espera por um longo tempo. Mantém a mão direita no ombro do menino, que continua olhando para o chão.

HELLINGER Então sabe como sobreviver sozinho.

Novamente uma longa pausa.

HELLINGER Você visita os seus pais às vezes?

MENINO Sim, às vezes.

HELLINGER Quer dizer algo sobre isso?

MENINO Não.

HELLINGER Vou fazer um pequeno exercício com você. - Feche os olhos.

Imagine os seus pais, o modo como olharam para você logo após seu nascimento. Como aceitaram você enquanto filho deles. Alimentaram você. Ajudaram-no, e você pôde viver com eles. Tinham poucos meios, mas tentaram fazer o melhor.

Enquanto criança pequena, você olhou com amor para eles. Eram os únicos com que pôde contar. Então você cresceu. Percebeu o quanto era difícil para seus pais. Talvez também percebeu que não tinham meios suficientes para alimentá-lo. Quem sabe você disse internamente: "Não quero ser um peso para vocês. Agora cuido sozinho de mim. Assim, será mais fácil para vocês." Então, você foi embora, mas às vezes visita os seus pais. Diz a eles: "Consegui sozinho. Fui forte suficientemente para conseguir sozinho, mas sinto muita falta de vocês. Olhem com amor para mim."

Após um tempo, Hellinger retira a mão do ombro do menino. Ele permanece na mesma postura e olha para o chão. Então Hellinger coloca sua mão em cima da mão do menino. Assim permanecem por um longo tempo.

HELLINGER *após um longo tempo* Como se sente agora?

O menino olha para Hellinger.

MENINO Bem.

HELLINGER Ainda vou fazer algo por você. Está bem?

O menino acena com a cabeça.

Hellinger escolhe representantes para a mãe e para o pai do menino e os posiciona um ao lado do outro. A mãe ao lado esquerdo do pai. Quando o menino vê isto, cobre os olhos com as mãos. Hellinger o posiciona diante dos pais.

HELLINGER *para o menino* Imagine que acaba de voltar da rua para casa. Olhe para eles.

Todos permanecem parados por um longo tempo. Então a mãe se afasta do pai com um pequeno passo. Depois dá mais um e mais outro. Enquanto isso olha o tempo inteiro para o chão.

Após um tempo, Hellinger escolhe um representante para um morto e pede para que se deite de costas no chão, diante da mãe. Quando ele se deita, a mãe dá um pequeno passo para trás, porém, olha constantemente para o morto. Então dá mais um pequeno passo para trás. O morto olha constantemente para ela, depois olha para o menino. A mãe olha rapidamente para o pai. Este, no entanto, não se move. Olha sempre fixamente para a frente.

Após um tempo, a mãe se ajoelha e olha para o morto. Este olha alternadamente para ela e para o menino. Estende uma mão para o menino, porém afasta-a novamente, segura a cabeça com as duas mãos e começa a soluçar em voz alta. A mãe se levantou novamente e deu vários passos para trás. Coloca a mão esquerda no coração. O pai continua parado.

HELLINGER *após um tempo para o menino* Você sabe quem poderia ser esta pessoa no chão?

MENINO Eu.

HELLINGER É uma pessoa morta à qual sua mãe se encontra ligada. Quem poderia ser?

MENINO Minha tia.

HELLINGER O que ocorreu com ela?

MENINO Não sei.

HELLINGER Sua mãe estava olhando para o chão. Isto mostra que estava olhando para um morto. Pode ser que o morto seja um filho de sua mãe. Você sabe algo sobre isso?

MENINO Não.

Nesse meio tempo, a mãe colocou as duas mãos no coração.

HELLINGER Podemos ver algo claramente aqui. Sua mãe não estava disponível para você. Sente-se atraída por uma outra pessoa. Você pode confiar apenas em

seu pai.

Hellinger o aproxima do pai. O menino se posiciona ao lado dele. Este coloca o braço direito em torno do filho e a mão esquerda em seu ombro. O menino olha para o chão e esconde as mãos no bolso. Permanecem assim por um longo tempo. No meio disso o menino levanta levemente a cabeça, porém a abaixa imediatamente e olha para o chão.

HELLINGER *após um tempo, para o menino* Você também está olhando para um morto? Quem sabe para um amigo?

MENINO Para um amigo.

Após um tempo, Hellinger escolhe um representante para este amigo e faz com que se deite de costas no chão, diante do menino.

O outro morto vira para o lado. A mãe se afastou mais ainda.

HELLINGER *para o menino* Vá até ele.

O menino se ajoelha ao lado do morto e chora.

HELLINGER *para o menino* Siga o seu movimento.

HELLINGER *para o este morto* O que acontece dentro de você?

ESTE MORTO Sinto o mesmo que ele. Também estou olhando para um morto.

O menino e o morto se olham. Então Hellinger coloca a mão do menino na barriga do morto.

HELLINGER *após um tempo, para o menino* O que acontece com você?

MENINO Estou triste.

HELLINGER Diga para ele: “Penso em você com amor.”

MENINO Penso em você com amor.

Após um tempo, Hellinger pede para que o menino se levante e se volte para seu pai.

HELLINGER Olhe para seu pai e diga a ele: “Sou seu filho.”

MENINO Sou seu filho.

HELLINGER “Olha para mim enquanto seu filho.”

MENINO Olhe para mim enquanto seu filho.

HELLINGER “Me tome como seu filho.”

MENINO Me tome como seu filho.

HELLINGER “Por favor.”

MENINO Por favor.

O pai coloca seus braços em torno dele. O menino ainda esconde as mãos no bolso da calça. Hellinger o apoia no sentido de colocar seus braços em torno do pai. Pai e filho permanecem assim por um longo tempo. O pai o beija e acaricia a sua cabeça. O menino desvia a cabeça o tempo inteiro. O pai acaricia novamente a sua cabeça e suas costas. Após um tempo, soltam-se.

HELLINGER *para o menino* Como se sente agora?

MENINO Bem.

HELLINGER Paro aqui. Tudo de bom para você.

Exemplo: O amor

HELLINGER *para um jovem rapaz de mais ou menos dezoito anos que também vive na rua* Do que se trata, no seu caso?

JOVEM RAPAZ Sou muito agressivo e muitas vezes me sinto muito só.

HELLINGER Quando é agressivo, o que faz?

JOVEM RAPAZ Perco a consciência. Não consigo mais me controlar.

HELLINGER Quem mais era agressivo em sua família?

JOVEM RAPAZ Alguém na família de meu pai e também na família de minha mãe.

HELLINGER O que aconteceu?

JOVEM RAPAZ O pai de meu pai era muito agressivo. Tinha ainda uma outra mulher. Na família de minha mãe existe um tio cujo filho se matou. Este tio matou o namorado de sua irmã.

HELLINGER Quando alguém é tão agressivo como você, normalmente se encontra identificado com alguém de sua família. Talvez você se encontre identificado com este tio que matou o namorado da irmã. Por isso, vamos olhar para isto agora. Quem sabe encontramos um caminho que lhe permita se soltar disto. Concorda?

JOVEM RAPAZ Sim.

Hellinger escolhe um representante para o tio que matou o namorado de sua irmã e para o filho do tio que se matou. Depois escolhe uma representante para a irmã do tio e um representante para o namorado da irmã que foi assassinado.

Hellinger posiciona o namorado assassinado da irmã do tio diante deste e a irmã ao lado de seu namorado. Posiciona o filho do tio mais para trás, de lado, atrás da irmã do tio.

O representante do namorado assassinado cai imediatamente para trás, deitado

de costas e abre os braços. Então o tio também cai para trás, com um estrondo alto e permanece deitado no chão com as pernas e os braços estendidos.

Quando o jovem rapaz vê isso começa a soluçar. Hellinger coloca o braço em volta dele. Este apoia a cabeça no peito de Hellinger e respira profundamente.

Agora o filho do tio também vai para o chão. Deita-se virado para direita e olha para o pai. A irmã do tio permanece imóvel ao lado de seu namorado que se encontra deitado no chão.

O jovem rapaz soluça em voz alta e continua apoiado no peito de Hellinger.

HELLINGER *para o grupo* Quem é o real culpado neste caso?

Aponta com o dedo para a irmã do tio. A irmã do tio é a real culpada.

Ela permanece imóvel.

HELLINGER Quem pagou por esta culpa?

Aponta para o filho do tio. O filho que se matou.

Ele pagou por isto.

O jovem rapaz continua soluçando de olhos fechados.

HELLINGER *para o jovem rapaz* Agora vá até o namorado assassinado da irmã do tio e o abrace.

Hellinger o conduz até o namorado assassinado que se encontra deitado no chão e pede para que se ajoelhe ao lado deste. O jovem rapaz olha para o namorado assassinado e soluça em voz alta, porém, não tem coragem de tocá-lo. A irmã do tio continua imóvel.

HELLINGER *para o jovem rapaz* Diga a ele: “Dou-lhe uma lugar em meu coração.”

JOVEM RAPAZ *soluçando em voz alta* Dou-lhe um lugar em meu coração.

HELLINGER *após um tempo* Toque-o. Assim está bem. Toque-o.

Ele o toca de modo bem tímido e coloca uma mão em seu peito. A irmã do tio vira a cabeça e olha para os dois. O jovem rapaz se acalma, para de soluçar.

Hellinger pede para que se levante e o conduz até o seu tio, o assassino. Lá, o rapaz começa a soluçar novamente. Hellinger pede para que se ajoelhe ao lado do tio. Ele se ajoelha e soluça em voz alta.

HELLINGER *após um tempo* Toque-o também.

Ele coloca timidamente uma mão em seu peito.

HELLINGER *após um tempo* Olhe para ele e diga: “Dou-lhe um lugar em meu

coração.”

JOVEM RAPAZ *soluçando em voz alta* Dou-lhe um lugar em meu coração.

Ele continua a soluçar em voz alta. Após um tempo, Hellinger pede para que se levante. Hellinger conduz a irmã do tio até seu namorado assassinado.

HELLINGER *para a irmã do tio* Olhe para ele.

O jovem rapaz está ao lado de Hellinger e se apoia nele. Este coloca o braço em volta do jovem, enquanto este continua soluçando em voz alta.

HELLINGER *para a irmã do tio* Abaixe-se ao lado de seu namorado.

Ela se ajoelha ao lado dele, coloca uma mão em seu peito, inclina o corpo em sua direção, abraça-o e soluça. Acaricia seu rosto. Ele fecha os olhos.

HELLINGER *para grupo* Fechou os olhos. Agora está em paz.

Hellinger conduz o jovem rapaz até o filho de seu tio, o que se suicidou. Ele está diante dele e olha para baixo em sua direção.

HELLINGER *para o jovem rapaz* Diga-lhe “Dou-lhe um lugar em meu coração.”

JOVEM RAPAZ *soluçando, em voz alta* Dou-lhe um lugar em meu coração.

HELLINGER Abaixe-se até ele.

Ele se abaixa e soluça em voz alta.

HELLINGER Toque-o.

Ele coloca a mão no peito dele e se acalma. O filho, no entanto, olha na direção de seu pai.

Hellinger pede para que o tio se levante e o conduz até seu filho.

HELLINGER *para o tio* Abaixe-se até ele.

Ele se ajoelha ao lado de seu filho. Este estende a mão em sua direção, seu pai toma-a e então o filho fecha os olhos.

HELLINGER *para o grupo* Agora também fechou os olhos. Expiou a culpa no lugar de seu pai. Pagou pelo seu pai.

O tio se deita ao lado de seu filho e fecha igualmente os olhos.

Hellinger pede para que o jovem rapaz se levante e se volte para o grupo.

HELLINGER Agora olhe para frente. Olhe para o mundo. Diga a todos os presentes aqui: “Agora estou a serviço da paz.”

JOVEM RAPAZ *respira profundamente* Agora estou a serviço da paz.

HELLINGER Olhe para todos eles. Diga a eles: “Agora estou a serviço do amor e da paz.”

JOVEM RAPAZ Agora estou a serviço do amor e da paz.

Respira profundamente. Hellinger o pega pela mão.

HELLINGER Agora suas mãos estão muito suaves.

Ele continua respirando profundamente.

HELLINGER Ninguém mais precisa ter medo de você.

JOVEM RAPAZ Sim.

HELLINGER Está bem. Tudo de bom para você.

JOVEM RAPAZ Obrigado.

Os dois se abraçam e se dão as mãos.

CRIANÇAS AUTISTAS

Uma noite de caráter ilustrativo, Taipei, 2004

Exemplo: Menino autista

HELLINGER *para o grupo* Encontram-se presentes alguns pais que têm dificuldades com seus filhos, mas não existem apenas dificuldades pois, além destas, as crianças também são excepcionais. Não é fácil para os pais nem para os filhos. Vamos olhar para isto, quem sabe apenas brevemente, para que pais e filhos fiquem melhores.

para uma mulher Venha aqui com o seu filho. Sentem-se do meu lado.

A mulher arrasta seu filho de mais ou menos quatorze anos com ela e se senta ao lado de Hellinger. Seu filho senta à sua direita.

HELLINGER *para grupo* Já falei com a mãe antes, porém, não quero repetir nada disso aqui. Vou constelar a situação. Veremos então através do movimento dos representantes do que se trata.

Hellinger escolhe uma representante para a mãe e pede que esta a constele. A representante começa a cambalear, como se fosse cair para trás e dá rapidamente alguns passos para trás.

HELLINGER *para o grupo* Podemos ver que a mulher hesita diante de algo que aconteceu em sua família.

HELLINGER *para a mãe* O que aconteceu em sua família de origem?

MÃE Quando meu pai tinha 19 anos, um irmão mais velho foi assassinado por alguém, parece que foi meio sem querer. Quando eu tinha sete anos, um irmão mais novo do meu pai morreu.

HELLINGER Mas o que significa isto — ser assassinado sem querer?

MULHER Alguém queria matar outra pessoa, mas sem querer matou o irmão do meu pai.

HELLINGER Existe aí um assassinato. Não foi sem querer, nem coincidência.

para o grupo O filho é autista. Encontramos isto com frequência no contexto de um assassinato na família.

O filho ouviu tudo atentamente e não para de olhar para Hellinger.

HELLINGER *para o grupo* Vocês viram o modo concentrado e atento com o qual o menino acompanhou tudo? Entendeu exatamente do que se trata aqui.

A mãe seca as lágrimas.

Hellinger escolhe um representante para um morto e pede para que se deite no chão diante do irmão mais velho do pai.

O irmão mais velho do pai, que tinha sido assassinado, dirige-se lentamente para o seu assassino e então fica se movimentando em círculos perante ele. Depois gira duas vezes em torno do seu assassino.

HELLINGER *para a mãe* Quando olhamos para isso, quem é aqui o assassino?

Ele aponta para o representante do irmão mais velho do pai.

HELLINGER Ele é um assassino.

A mãe concorda espontaneamente com a cabeça.

HELLINGER O irmão mais velho do pai aqui também é um assassino.

A mãe segura a cabeça com as mãos e esconde seu rosto.

HELLINGER Nós podemos ver isso aqui.

A mãe concorda com a cabeça. Enquanto isso o representante do irmão mais velho do pai continua andando em círculos ao redor de seu assassino.

HELLINGER Pelo menos estava envolvido também em atos violentos.

A mãe concorda com a cabeça.

Hellinger escolhe um representante para um morto e pede para ele se deitar em frente ao irmão mais velho do pai. Ele coloca este em frente ao morto.

HELLINGER *para a mãe, quando olha para o representante do morto deitado no chão* O morto também foi violento. Pode se ver isso a partir do modo que fecha os punhos. Parece que existiam muitos agressores neste caso. Parece que se tratava de um bando, de uma gangue de criminosos.

MÃE Não sei nada sobre isto.

HELLINGER Podemos ver isso aqui.

O morto estende sua mão direita, com o punho fechado, para o lado. O assassino e o irmão mais velho do pai olham para o morto. O assassino dá um passo para trás. O irmão mais velho do pai aproxima-se com um passo e fecha os punhos. O assassino dá mais um passo para trás. Então o irmão mais velho do pai também dá um passo para trás.

Hellinger agora chama o menino autista e pede para que se sente no chão diante do grupo todo. O morto no chão olha rapidamente para o menino, então afasta as pernas e estende os dois braços com os punhos fechados. O irmão mais velho do pai dá mais um passo para trás, mas mantém os punhos fechados.

HELLINGER *para o representante do assassino* Siga o seu movimento.

O representante do assassino anda lentamente na direção do menino autista e se posiciona de costas na frente deste, escondendo e protegendo-o dos outros.

O irmão mais velho do pai dá mais um passo para trás, está com os punhos fechados. Após um tempo, olha na direção de seu assassino e abre os punhos. Mantém o olhar nesta direção por um longo tempo. Agacha-se diante do outro morto e se senta diante dele.

A mãe se levanta. Ajoelha-se diante do morto e se curva até o chão. O irmão mais velho do pai cai para trás, deitado de costas Seu assassino se movimenta um pouco para o lado, de modo que não impede mais a visão do menino, e se senta no chão. Também se deita de costas e abre os dois braços.

O menino se vira e sorri. A mãe se ergue um pouco, e se curva novamente e soluça em voz alta.

Após um tempo, Hellinger pede para que o filho se deite de costas ao lado do assassino e pede para que o assassino coloque o braço em volta deste.

O assassino coloca seu braço esquerdo em volta do menino, que estende seu braço direito de modo relaxado e de repente se encontra totalmente sério e centrado.

HELLINGER *para a mãe* Levante-se.

quando ela se levantou Você não tem nada a ver com tudo isso. Nada. Eles agora estão em paz. Acabou tudo.

Ela acena com a cabeça.

Hellinger conduz a mãe para diante de seu filho e do assassino do irmão mais velho de seu pai.

HELLINGER *para a mãe* Este é o assassino do irmão do seu pai. Diga a ele: “Por favor, proteja o meu filho.”

MÃE Por favor, proteja o meu filho.

Ela faz uma reverência profunda enquanto diz isto.

HELLINGER *para o grupo* O menino está totalmente centrado e calmo.

para a mãe Seu filho não fica bonito assim? Está muito melhor. Recebe força do assassino. Seu filho obtém força dele. Deve ainda ficar um tempo com ele, isto lhe fará bem. Mais tarde pode afastar-se. Vou parar por aqui.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

HELLINGER *para o grupo, quando todos se encontram novamente sentados* Quando vocês olham para o filho, percebem o quanto está preocupado com sua mãe. Encontra-se repleto de amor por ela.

A indulgência

Gostaria de falar algo mais sobre pais e filhos. Pudemos ver aqui o quão profundamente estamos conectados com o que ocorreu em nossa família, coisas que geralmente aconteceram muitas gerações atrás. Quando olhamos para uma criança assim e a chamamos de estranha, cometemos uma grande injustiça. Apenas quando olhamos para além da criança, em direção àqueles que foram excluídos, como no caso do assassino do irmão de seu avô e os acolhemos novamente na família, a criança é libertada do peso.

Talvez muitos de vocês dirão: como podemos acolher um assassino novamente na família?! Devemos rejeitá-lo e puni-lo. O que acontece conosco, em nosso coração, quando dizemos algo assim? Também nos tornamos assassinos então sentimos em nós a mesma raiva assassina.

A solução é compreender que toda pessoa se encontra emaranhada em algo que ocorreu em sua família. Por isso aqueles que se tornaram assassinos não se encontram livres, estão emaranhados.

Um tempo atrás ouvi falar de um menino que sempre roubava. Um professor perguntou para ele: “Por que você rouba?” O menino respondeu: “Não consigo resistir. Quando vou a um mercado onde encontro algo que me atrai, tenho que roubá-lo.”

O professor sabia que o pai deste menino já estava há muitos anos na cadeia. Então sugeriu ao menino: “Da próxima vez que for ao mercado, imagine que seu pai se encontra atrás de você.” O menino disse: “Então não vou poder roubar mais.” Era um bom menino.

Quando estamos cientes das circunstâncias, compreendemos melhor as crianças e nos tornamos mais indulgentes com elas.

Complemento

Antes do evento, quando falei com a mãe sobre seu filho, ela me disse que ele era deficiente mental e autista. Ela é psicoterapeuta. Nesta noite ilustrativa, porém, o menino acompanhou o curso com bastante atenção.

Duas semanas mais tarde, Chou Ting-Wen, o organizador dessa noite e do curso que se segue, veio ao meu encontro em Shen Zhen, na China, onde eu estava oferecendo outro curso. Contou-me que esse menino havia participado também de um curso seu. Comportou-se e falou de modo totalmente normal.

De um curso de Treinamento em Santa Bárbara 2003

Exemplo: Família com dois filhos autistas e um filho com deficiência de aprendizagem.

HELLINGER *para o grupo* Vou continuar. Agora estamos sendo desafiados de modo especial. Encontra-se ao meu lado um casal. Conversamos rapidamente e disseram-me que tinham dois filhos autistas e outro deficiente.

Algum de vocês sente pena? Caso sim, não está em sintonia com as forças maiores. Consideramos este destino com humildade e nos inclinamos diante dele. Assim, estaremos prontos para este desafio.

para os pais Primeiro vou fazer algumas perguntas. Os filhos são meninos ou meninas?

MÃE Todos três são meninos.

HELLINGER Qual dos filhos é autista?

MÃE O primeiro e o terceiro.

HELLINGER O que acontece com o segundo filho?

MÃE Tem uma deficiência grave de aprendizagem

HELLINGER *para o grupo* Qual é o procedimento indicado aqui? Quando consideramos o que ela disse - com quem devo começar? Sintam - onde se encontra mais força? Começo com os três filhos ou apenas com um? Vocês sentem a diferença? Devo começar apenas com um. Não sabemos, no entanto, qual será o resultado.

para os pais Faremos uma coisa atrás da outra, passo a passo, e veremos o que vem à luz. Antes, porém, ainda farei algumas perguntas.

para a mãe Aconteceu algo especial em sua família de origem?

MÃE Os meus dois avôs se suicidaram.

HELLINGER De que forma se suicidaram?

MÃE O pai do meu pai se matou com gases de escapamento de carro. O pai da minha mãe jogou seu carro na frente de um trem.

HELLINGER Você sabe algo sobre o que aconteceu nas gerações anteriores?

MÃE Os dois foram expulsos de casa. Tiveram que deixar o país.

HELLINGER Com que idade?

MÃE O pai da minha mãe tinha 13 anos, o pai do meu pai, 22.

HELLINGER Eles vinham de que país?

MÃE Os dois da Inglaterra.

HELLINGER *para o pai* Aconteceu algo de especial em sua família de origem?

PAI Meu avô era adotado e era alcoólatra.

HELLINGER Esse avô é pai de quem?

PAI Do meu pai.

HELLINGER Ele foi adotado por quem?

PAI Acredito que foi por sua própria avó. Sua irmã teve um filho sem estar casada. Era ao mesmo tempo sua mãe. Quer dizer, a pessoa ao lado da qual cresceu como irmão, era ao mesmo tempo sua mãe.

HELLINGER Espere um pouco, estou um pouco confuso. Então a mãe dele era a filha da avó dele? A pergunta é: quem era o pai?

PAI Não sei.

HELLINGER *para o grupo* Esta é a questão. Todos se perguntaram isso, exceto ele. Naturalmente, então, o que acham: quem é o pai?

PAI Provavelmente seu avô.

HELLINGER Naturalmente.

Ele acena com a cabeça

HELLINGER Então ele não foi adotado.

para o grupo Agora que sabemos mais sobre as circunstâncias, podemos imaginar o quanto este passado deve pesar para os filhos.

PAI Quer saber mais? Sobre minha mãe?

O grupo ri em voz alta

HELLINGER Estou extremamente impressionado com as informações que recebi até então, mas se você diz que existem mais coisas que podem ser importantes...

PAI O pai da minha mãe era alcoólatra. Batia na minha avó. Por isso se separaram.

Na separação as crianças foram entregues a dois parentes diferentes. Uma irmã da minha mãe jamais voltou. Foi mandada embora para sempre. Enquanto filha mais nova, minha mãe permaneceu com a mãe. Mais tarde, saí de casa e também nunca mais voltei.

HELLINGER *para o grupo* Quando comparamos estas informações com as outras, são importantes? Não.

para o pai Aqui podemos deixá-las de lado.

Agora Hellinger posiciona representantes para as pessoas mais importantes: para o avô, sua mãe, sua avó e seu avô, que provavelmente é também o seu pai. Após um certo tempo eles formam um círculo.

Hellinger escolhe um representante para o filho autista mais velho e o coloca um pouco de lado. Após um certo tempo ele se dirige lentamente em direção aos outros. Ele se agacha e quer se posicionar entre eles. Alguns representantes acariciam suas costas. O filho autista se ajoelha perante duas mulheres e as abraça com ambas as mãos.

HELLINGER *para o filho autista* Grite! Grite!

O filho autista grita de modo extremamente comovente. Depois apenas geme e chora. Deseja gritar novamente, mas consegue dar apenas gritos curtos. Hellinger o encoraja a gritar novamente. Após um tempo ele consegue, depois volta a gemer. Tenta novamente gritar e geme de novo.

Neste meio tempo, Hellinger levou o pai para perto do grupo. Alguns dos representantes ajoelharam-se junto com o filho autista, colocando as mãos sobre ele.

Após um tempo, Hellinger afasta o pai um pouco e coloca a mãe ao lado dele. Pede para que o filho autista se levante e o coloca diante de seus pais. O filho autista faz constantemente movimentos abruptos com seu corpo.

HELLINGER *para o filho autista* Diga algo e abra os olhos.

O filho autista se inclina para frente e olha intensamente para os pais. Em seguida levanta, inclina-se para trás e se encosta ao avô.

HELLINGER *para o filho* autista Diga: “Por favor.”

O filho autista se contorce enquanto o avô o segura por trás. Tenta dizer algo, mas não consegue. Inclina-se para frente e olha lã de baixo para os seus pais. Começa com um movimento rítmico para cima e para baixo e respira profundamente, enquanto isso. Então a mãe coloca as mãos em suas costas. O filho coloca sua mão no ombro da mãe, levanta-se e diz em voz baixa: ‘Por favor”. Ela o segura com as duas mãos. O pai coloca a mão em volta do filho e este coloca

a sua no ombro do pai. Os pais o abraçam. O menino se envolve em seus braços e chora em voz alta.

Todos três se abraçam fortemente. Então o filho começa a gritar novamente. Grita com toda força. Depois volta a gemer.

HELLINGER *para o filho autista* Agora diga: "Mamãe"

Ele o diz hesitante e em voz baixa e o repete algumas vezes, como se tivesse de exercitar. Tenta novamente gritar, mas não consegue.

HELLINGER Grite!

Ele grita novamente. A mãe o aperta fortemente contra ela e acaricia suas costas e sua cabeça. Após um tempo, ele se levanta, inclina-se mais uma vez largamente para trás e olha nos olhos de sua mãe.

HELLINGER "Mamãe."

Ele olha a mãe com amor e diz várias vezes, uma atrás da outra: Mamãe. Os dois riem um para o outro.

O filho volta a fazer movimentos abruptos, porém não deixa de olhar para a mãe. Esta acaricia a sua face, ele coloca a cabeça em seus ombros. Os dois se abraçam profundamente e o pai também os abraça. O filho se acalmou.

Após um tempo o filho autista se levanta. Todos os outros formaram um círculo estreito em volta dele e se abraçam por trás.

HELLINGER *para o filho autista* Agora olhe para seu pai e diga: "Papai."

O filho autista e seu pai se olham longamente. Então o filho diz ao pai: "Papai". Abraçam-se longa e profundamente.

HELLINGER *após um tempo* Posso parar aqui.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

Hellinger pede para que os pais se sentem novamente ao seu lado.

HELLINGER *para o grupo* Fechem os olhos. Olhem para esta família, inclusive para os dois outros filhos - com amor. E agora olhem para seus pais - com amor. Então olhem para seus antepassados, todos, - com amor. Olhem para eles, sem se movimentar. Estejam apenas presentes - com amor e mantenham a distância. Agora olhamos para além deles todos, para aqueles poderes que conduzem tudo. Olhamos para eles com devoção e temor.

para os pais Fechem vocês também os olhos. Olhem para seus filhos e digam a cada um deles: "Sim."

após um tempo para a mãe Agora imagine que você está olhando para seu marido

e diga a ele: “Sim.”

para o pai E você olhe da mesma maneira para sua mulher e diga a ela- “Sim.”

para os dois Agora olhem também para todos seus antepassados, para os seus e também para os do parceiro e digam a cada um deles: “Sim.” *após um tempo quando olham em sua direção* Está bom assim?

Eles acenam com a cabeça e dão a mão para Hellinger.

HELLINGER Tudo de bom para vocês.

após um tempo para o grupo Tive uma experiência importante há um tempo atrás, que me ajudou a fazer este trabalho.

Há dois anos veio um casal a um grupo que tinha uma filha autista. Constelei a família. De repente a representante da filha deu um grito assustador. Subitamente tudo ficou claro, neste momento conseguiu libertar-se de seu autismo.

Nesta constelação o movimento decisivo também foi o fato do filho conseguir gritar.

O que ocorre na alma do autista continua repleto de segredos para mim. Apenas me deparo com o mesmo, pasmo. Por isso não ouso procurar por uma explicação. Ela não estaria à altura do que vimos e vivenciamos aqui.

para os pais O que fizemos aqui serve simultaneamente para os seus outros filhos.

Mais uma coisa bela revelou-se aqui. As primeiras palavras que uma criança autista precisa dizer são: “mamãe” e “papai”. Quando conseguem, tudo correrá bem.

Complemento

Após um ano, esse casal visitou um curso meu em Ottawa. Falaram das mudanças que ocorreram em sua família e me entregaram a seguinte carta.

“Querido Bert Hellinger,

escrevemos-lhe para agradecer pelo trabalho que você fez conosco em novembro de 2003 em Santa Bárbara. Temos três filhos, na idade de 23, 21 e 20 anos. O mais velho e o mais novo têm um tipo de autismo que possibilita certo desenvolvimento *(High Function Autistic).* O mais velho encontrava- se ameaçado de suicídio desde a infância. Por diversas vezes, disse que iria se matar e muitas vezes se colocava em situações de risco de vida. Enquanto pais estávamos muito preocupados pois tínhamos consciência das possíveis consequências.

Desde que trabalhamos com você, nosso filho nunca mais falou em suicídio e se decidiu claramente a favor da vida. Disse também que desejaria encontrar uma parceira. Além disso, ocupou o seu lugar de mais velho na família. Comporta se

de modo receptivo e afetuoso com os seus irmãos. Antigamente frequentemente existia inimizade entre eles.

Nosso filho mais novo estabeleceu, neste período, um relacionamento pessoal com uma menina. Vive independente de nós e trabalha o dia inteiro. Antes, nos parecia um tanto impossível que os dois conseguissem se desenvolver deste modo.

Somos muito gratos a você e agradecemos pelo tempo e energia que dedicou a nossa família.

Sinceramente, Bryce and Julie-Ann"

De um curso em Idstein, 2004

Exemplo: menina autista

JOVEM AJUDANTE Faz quatro anos que comecei a acompanhar uma menina autista profissionalmente. Dois anos atrás ela foi afastada de mim e a levaram para um colégio interno. Desde então nós duas não encontramos paz. Tenho a sensação de que não consegui terminar o meu trabalho com ela e sinto que ela não está encontrando o seu lugar no mundo.

HELLINGER Primeiramente vou fazer um exercício com você.

Hellinger escolhe uma representante para a menina autista e pede para que a ajudante a pegue pela mão e se curve junto a ela diante de seu destino.

As duas se curvam profundamente. Então a ajudante se ajoelha, a menina autista a segue e se mantêm ajoelhadas durante a reverência. Após um tempo, Hellinger pede para que as duas mulheres se sentem novamente.

HELLINGER *para a ajudante* Como se sente agora?

AJUDANTE Estou ficando bem agitada.

HELLINGER Você se envolveu demais - contra o destino dela. Assim, torna- se fraca. Quando entra em contato com os seus sentimentos e os dela, quem tem mais força?

AJUDANTE Eu tenho a força maior.

HELLINGER Não. Posso usar você como exemplo? Eu o farei de modo respeitoso.

AJUDANTE Sim.

Modelos básicos de ajuda

HELLINGER *para o grupo* O modelo básico da ajuda toma-se perceptível para nós quando uma criança tenta salvar a sua mãe. Percebemos aqui o real empenho da ajuda, a verdadeira presunção e o real modelo, através do qual este tipo de ajuda precisa fracassar.

Quando vocês se observam nos momentos em que desejam ajudar e quando olham para outros ajudantes que estão empenhados a salvarem o mundo: quantos anos vocês ou eles têm quando se empenham de tal maneira? Todos são crianças. Por isso, uma relação terapêutica que revela tal entusiasmo não é exatamente a de um pai ou uma mãe diante de uma pessoa necessitada. Não, trata-se da relação de uma criança necessitada com a sua mãe. Por isso muitos ajudantes não conseguem largar aqueles a quem ajudam, do mesmo modo que não conseguem largar sua mãe. A formação do ajudante começa à medida que este se curva diante de sua mãe e seu pai e diz: "Vocês são os grandes, eu a criança. Vocês dão, eu tomo." Deste modo a ordem se restabelece. Quando esta ordem se configura em nós, podemos auxiliar o outro, porém, com distância e sabendo de nossos limites.

para a ajudante Você não precisa saber fazê-lo de antemão. Basta você o conseguir em dez anos.

AJUDANTE Desejo que esta menina esteja bem.

HELLINGER Agora vou trabalhar com você. Vou lhe mostrar como ajudá-la.

Esta foi apenas a preparação.

para o grupo Ela é querida.

para a ajudante Sabe algo sobre a família dela?

AJUDANTE Sim. Os pais são separados. Devido a isso ela foi para um colégio interno. Tem uma irmã mais velha. O pai casou com outra mulher que está grávida. A mãe tem três irmãos mais velhos e um mais novo e perdeu o pai quando criança. O pai tem uma irmã mais nova.

HELLINGER *para o grupo* Não obtivemos informações decisivas. Trata-se apenas do cotidiano. O autismo é - farei uma afirmação ousada - uma psicose.

AJUDANTE A menina sofre de convulsões para as quais não existem explicações. Isto é, tem o sintoma de ataques epiléticos sem apresentar descargas focais no eletroencefalograma.

HELLINGER *para o grupo* Vocês sabem como um autista consegue romper com sua doença?

Em Bad Kreuznach tivemos um caso onde presenciamos tal fato: através de um grito. Este, porém, muitas vezes não sai ou então o rompimento ocorre em função da palavra chave "mamãe", isto é, quando se consegue pronunciar a mesma.

para a ajudante Quando olhamos para a família onde existe uma criança autista podemos ver: esta criança tem um amor inacreditável. Quantos anos tem a menina?

AJUDANTE Agora ela tem dez anos. Seu diagnóstico era: retardo mental grave.

Logo que comecei a trabalhar com ela, mostrou-me que sabia escrever. Abriu-se. Ainda consegui que começasse a estabelecer uma relação com a mãe, mas isto se manteve em um nível bem superficial, apenas organizacional.

HELLINGER Ainda assim parece que você fez um bom trabalho com ela.

AJUDANTE Esforcei-me.

HELLINGER Naturalmente. O seu bom coração causou algo de bom.

AJUDANTE Agora ela não consegue se abrir no colégio interno.

HELLINGER Agora vamos começar a trabalhar, isto é, vamos trabalhar de modo sistêmico, pois o problema não tem nada a ver com a criança e sim, com o sistema.

Hellinger escolhe uma representante para a menina autista. A representante tem uma respiração pesada, chora e começa soluçar. Hellinger coloca uma mulher diante dela. Não diz, no entanto, quem representa.

A respiração da representante da menina é curta e rápida. Tem uma cãibra nas mãos.

HELLINGER *para o grupo* Está com cãibra nas mãos. A terapia primal me ensinou que após um grito a cãibra desaparece imediatamente.

para a representante da menina Grite!

Ela respira profundamente e grita.

HELLINGER Grite, com todas suas forças, tal como uma criança.

Ela tenta gritar, mas não consegue.

HELLINGER Precisa ser um grito agressivo.

Ela não consegue gritar, a cãibra, porém, desfaz-se. Ela abre as mãos e os braços e olha para o chão.

Hellinger escolhe uma representante para uma pessoa morta e pede para que se deite de costas no chão, diante da menina.

A menina mantém as mãos em uma postura de defesa, de medo. A pessoa morta no chão abre os braços e olha para a menina.

HELLINGER *para a representante da menina* Dê uma olhada.

A representante da menina move os dedos de modo inquieto, esfrega-os nas palmas das mãos e fecha os punhos várias vezes.

HELLINGER *para a representante da pessoa morta que está no chão* Diga à menina: “Por favor.”

Ela olha para a menina e diz: “Por favor. ”

A representante da menina continua esfregando os dedos nas palmas das mãos e se aproxima lentamente com pequenos passos em direção à pessoa morta. Agacha-se bem devagar e olha para ela. Ajoelha-se, apoia-se em seus calcanhares e segura a mão estendida da pessoa morta.

HELLINGER *para a representante da menina* Diga a ela: "Amo você."

REPRESENTANTE DA MENINA Amo você.

A sua respiração é pesada. Aproxima-se mais ainda da pessoa morta. As duas se olham nos olhos. A representante da menina segura a mão da morta com as duas mãos. Após um tempo também pega a outra mão. Então a morta se levanta e as duas se abraçam profundamente. É a pessoa morta que segura mais a menina, mas enquanto isso olha para longe.

As duas começam a fazer um movimento de embalo. Após um tempo, a morta volta a deitar no chão, do lado direito e fecha os olhos.

HELLINGER *para o grupo* Ela fechou os olhos da morta.

O que aconteceu aqui? A menina representou uma assassina, e a morta foi a sua vítima. Foi possível ver a agressão através da menina, mas naturalmente não era sua essa agressão. Ela a assumiu de alguém. Muitas vezes o autismo é uma defesa diante de um impulso assassino. A epilepsia, às vezes, também.

AJUDANTE O avô de seu pai morreu na guerra. Quem sabe houve algo aí.

HELLINGER Não precisamos investigar. Pudemos ver a dinâmica. Isto basta, não precisamos procurar por mais informações.

HELLINGER *para a representante da menina* Agora você se levanta.

Hellinger pede para que se levante e a afasta da morta, levando-a mais para trás.

HELLINGER Agora como você se sente?

REPRESENTANTE DA MENINA *expira e ri aliviada* Livre. Redimida. Leve.

Hellinger escolhe um representante e o posiciona diante da pessoa morta, no lugar onde antes se encontrava a representante da menina.

HELLINGER *para este representante* Você é o real assassino.

A morta estende a mão em direção ao assassino, que permanece imóvel.

Hellinger posiciona a representante da menina diante do homem de maneira que a morta fique entre eles.

HELLINGER *para a representante da menina* Diga a ele: "Amo você."

REPRESENTANTE DA MENINA Amo você.

Em seguida o assassino se agacha. Deita-se ao lado da morta e se vira para ela.

HELLINGER *após um tempo, para o grupo* O homem ainda está de olhos abertos. É um sinal de que para ele ainda não acabou.

Hellinger pede que a representante da menina se vire e se afaste dos dois.

HELLINGER *após um tempo, para o grupo* Não preciso terminar isto. Ainda vai demorar um tempo até que o assassino e sua vítima se reconciliem e consigam fechar os seus olhos. Somente aí, estarão em paz e realmente mortos, e então a menina também estará livre.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

para a ajudante Agora você tem uma imagem, mas não pode fazer nada. Percebe? É grande demais para você.

Ela chora.

HELLINGER Olhe para mim. Será que no final o destino não faz milagres, no seu tempo? Pode confiar que aquilo que aconteceu aqui afetará imediatamente a menina.

Ela continua chorando.

HELLINGER Você está crescendo.

para o grupo O passo decisivo para o crescimento é quando alguém de repente se encontra diante de sua impotência, olho no olho, e assume: aqui sou pequeno.

para a ajudante Você ainda vai se tornar uma boa ajudante. Tudo de bom para você.

Complemento

Seis meses mais tarde, essa ajudante me escreveu a seguinte carta:

"Querido Senhor Hellinger,

não sei se ainda se lembra de mim. Mesmo assim escrevo-lhe agora uma carta que traz muitas palavras que desejam dizer-lhe algo. Palavras minhas.

Encontramo-nos em fevereiro em Idstein no seminário 'Cresça e prospere, querida criança'. No último dia fiz aquela constelação de supervisão com você, sobre a menina autista, que estava identificada com o assassino. Agora desejo relatar o que se deu comigo desde então.

Quando fui para o seminário, já havia feito várias coisas. Havia falado com as mais variadas pessoas sobre essa criança, procurado por ajuda, tentei muitas coisas... não adiantava. Continuava atormentada por pesadelos sobre todos os acontecimentos cruéis com que me deparei quando Monika (assim se chama a menina) ainda estava aqui e também por este pensamento terrível de que esta

criança maravilhosa não estava achando nenhum lugar no mundo, pois sabia claramente que este lugar não era junto de mim. Por isso fui até você. Desejava encontrar um lugar e uma pessoa para onde pudesse levá-la.

Além disso não estava claro para mim em que medida cometi erros. Quando descobri que Monika sabia escrever e que agora poderíamos nos comunicar, muitas pessoas me repreenderam. Monika não escrevia com mais ninguém e, deste modo, questionaram fortemente a minha credibilidade e acusaram-me de não saber o que estava fazendo. Diziam que eu não sabia o que significava uma criança deste tipo se abrir. O meu sentimento, no entanto, dizia-me claramente o que eu tinha que fazer e a criança também. Deste modo continuei e estava disponível para a criança. Ofereci-lhe um continente onde desejava e podia crescer.

Acontece, no entanto, que na Pedagogia Terapêutica muitas pessoas não desejam que aqueles que foram considerados idiotas durante anos de repente se tomem inteligentes. Deste modo o meu superior me proibiu de fazer um trabalho de apoio e por eu não seguir a proibição advertiu-me mais duas vezes. Pelo fato de Monika ter ficado muito mal e ter deixado de escrever após a sua ida para o colégio interno, senti-me culpada. Questionava-me se não teria sido melhor para sua vida, que já era suficientemente difícil, caso não tivesse se aberto. Tive grandes conflitos morais, pois nos próximos dois anos percebi, durante o trabalho com nove crianças consideradas gravemente deficientes em termos mentais, que estas sabiam escrever. Uma vez perguntei à Monika se teria sido melhor caso a tivesse deixado mergulhada profundamente em seu autismo. Ela respondeu: ‘Talvez tivesse sido melhor, mas a experiência com você foi incrível.’ Naquela época ainda fazia a minha formação, sofria muito de gastrites, resfriados crônicos e otite crônica. Culpei a minha formação e o estresse permanente que sentia em função de meu enorme medo das provas. Mas estranhamente estes sintomas desapareceram desde a constelação. Quando desci do palco o meu primeiro pensamento foi: graças a Deus! Não preciso mais ficar doente. Deste modo pude concluir a minha formação com facilidade e sucesso.

Duas semanas após o seminário, escrevi uma carta para Monika. Mais ou menos seis semanas atrás a encontrei, ela estava visitando seu pai. Duas noites antes da minha visita, Monika falou pela primeira vez durante o sono. O pai relatou que ela disse com uma voz muito desagradável: ‘Você não pode aconchegar-se aqui, vá embora!’ Cinco minutos depois ela teve uma grave crise de convulsões.

Quando estava sozinha comigo, ela escreveu: ‘Agora amo você mais ainda, pois não está mais triste por minha causa. Que bom que você foi ao seminário.’

Antes de conhecer Monika não sabia nada sobre comunicação apoiada e sobre o

fato de que pessoas com deficiências são inteligentes. Ela me mostrou tudo isso e o que fiz foi envolver-me com ela, amá-la e ver para onde me conduziria. Comecei a fazer seminários sobre comunicação apoiada e cursos de apoio quando já estava escrevendo com ela há muito tempo. Muito do que esta menina de oito anos me ensinou e em mim transformou foi importante para outras doze crianças, que agora sabem se comunicar.

No caso de uma menina (Luise, oito anos), eu não soube bem como continuar. Sentia que ela desejava escrever, mas me testava infinitamente. Então me lembrei do mais importante que Monika me ensinou: confie na sua intuição. Queria tanto que Monika estivesse comigo. Fui a uma floricultura, comprei um pequeno buquê, peguei uma vela e Coloquei as duas coisas em cima de minha mesa de trabalho. E de repente voltei a sentir a força confiante que me envolvia quando trabalhava com Monika. Nessa tarde, Luise escreveu pela primeira vez frases completas. Mais tarde falamos na rodinha com todas as crianças sobre Monika, sobre tudo que devemos a ela e o quanto ela deixou para nós. Quando terminei a minha formação isto foi especialmente difícil para as crianças que não falavam. No último dia ficaram chorando no meu colo. Durante a rodinha de despedida, Elisabeth se levantou, ficou de pé na minha frente, fez uma pequena reverência de alguns segundos e sentou-se novamente.

Neste meio tempo, aprendi muito sobre as crianças que apoio. É desesperador, mas no âmbito da Comunicação Apoiada existem exclusivamente relatos sobre experiências e livros sobre técnicas de apoio. Na minha opinião a Comunicação Apoiada consiste em uma postura interna diante de uma outra pessoa. Toma-se indiferente, a partir de com que técnica toco o braço do outro. Por isso não entendo o que acontece e se discute entre especialistas.

Encontrei igualmente crianças com as quais escrevia e que não desejavam escrever com mais ninguém. Após alguns meses todas as capacidades se desfaziam e ao invés do progresso esperado tudo se tomava árduo.

Falei sobre isso com as crianças em questão e muitas vezes obtive a resposta de que não queriam sair do autismo (‘quando penso em tudo que vou ter que saber e fazer, passo mal.’)

Posso apoiar essas crianças, mas não devo esperar e fazer nada. Desse modo, posso manter a relação com eles intacta.

Após a constelação fiquei chorando durante dias, mas não estava triste. Estava aliviada e chorei todas as lágrimas que queriam sair nos últimos anos, mas não encontravam o caminho. Tem outra coisa interessante. O que descobri sobre Monika não me surpreendeu. Lá no fundo, no meu interior já conhecia esse

assassino. Talvez tenha sido isso o que me diferenciou de outras pessoas e que a fez escolher apenas a mim para escrever, pois eu não impunha condições e a amava do jeito que ela era e continuo amando Segurava-a com força em meus braços...

Agora entendo melhor alguma de suas frases que antes eram um enigma para mim e cuja identidade não compreendia. Meus sentimentos apontavam para uma grande intensidade, mas a minha a razão não sabia o que fazer com ela. Por exemplo: 'Você é um modelo para mim. Gostaria de ser como você. Livrar-me-ei do autismo, apenas quando for amável como você.'

O resultado disso foi: 'a única coisa que valeu a pena na vida foi encontrar você.'

Monika disse estas frases quando tinha oito anos. Não sei o que queria dizer com isso.

De qualquer modo, somente após a constelação tive consciência do milagre do qual participei antes não.

Agora entendo tudo melhor e fico feliz com isso. Também percebi que Monika intui silenciosamente o que acontece com ela e o quanto consegue aceitar melhor os fatos do que eu.

Fiquei profundamente tocada com o que descobri sobre o destino. Como pude esquecer de tudo isso na minha impotência? Após o seminário fui até a minha rocha preferida na floresta, lugar onde havia falado com o destino quando desejava ardentemente falar com Monika. Disse ao destino o quanto sentia e quantas coisas novas apreendi.

Agora me sinto bem, e os pesadelos também desapareceram. Às vezes, volto a me entristecer. Então choro um pouquinho e em seguida me sinto novamente livre.

Alguns dias após a constelação, fui até o meu piano e contei para ele, através de minha música, o que havia vivido. Os meus dedos pressionaram algumas teclas e fiquei atônita com a força que emergia de repente do meu piano. Estes sons realmente eram meus? E eles continuam assim.

O meu modo de andar também mudou. No início foi estranho, mas agora ando mais erguida e de repente passei a sorrir muito. É como se tivesse me despido de um casaco e somente depois senti o quanto ele pesava.

Desde o início do mês, trabalho em um colégio para crianças especiais onde um terço dos alunos não fala. Desta vez, no entanto, tenho um chefe que me apoia. Assim, pude descobrir na primeira semana de trabalho que três crianças sabem escrever.

Aprendi tanto em relação ao meu trabalho com famílias! Principalmente no que se refere ao trabalho com os pais. Muitos pedagogos ainda precisam se exercitar no

ofício de ter consideração e respeito em relação aos pais. Desejo dizer-lhe que, através de você, conquistei um saber que pude, em parte, traduzir para a prática e que foi benéfico para muitas crianças e seus pais.

Desejo aprender mais com você no futuro, saber mais sobre essas crianças que pretendem ter tantas deficiências, mas são tão inteligentes. Gostaria de olhar para isso, segundo o ponto de vista sistêmico. Espero que o meu superior me possibilite um ou outro seminário, pois posso participar apenas quando recebo um patrocínio ou algum desconto generoso.

Concedi às lembranças e aos sentimentos que tive quando estava ao seu lado, no palco, um belo lugar no meu coração. Jamais esquecerei o quanto me senti acolhida, amada e abraçada ao seu lado.

Não posso traduzir em palavras o quanto recebi de você através de seus livros e como vivenciei a sua presença."

Eu lhe agradeço.

Sua Melanie"

CAMINHOS DO AMOR

Observações Preliminares

As grandes histórias de amor falam do amor que liga pessoas que antes se rejeitavam ou até lutavam umas contra as outras e superam aquilo que as separam. São as histórias de amor da nossa época.

Amor, para a nossa época, significa o amor que conecta aquilo que até então se encontrava separado. É um amor tão amplo e aberto que presenteia a todos, para além das diferenças entre o bem e o mal, entre o meu eu e o outro, com o mesmo direito e aceitação. Faz com que experimentemos aquilo que une a todos como aquilo que realmente importa e possui grandeza, pois apenas quando reconhecemos o que existe em comum entre todos nós cada um de nós pode ser da maneira que é.

A história deste amor é a mais bela, a real história, a história de amor comum a todos na qual podemos ser do modo que somos.

PARA ONDE?

A grandeza

O que torna uma pessoa realmente grande? Aquilo que tem em comum com todas as pessoas. Nada pode ser maior do que o que temos em comum com todos os outros.

Assim como todos os outros, nós também temos um pai e uma mãe. Assim como eles nos encontramos inseridos em uma determinada cultura, língua e hábitos. Como eles, crescemos em uma determinada família, desejamos um parceiro, uma relação a dois, quando adultos. Como eles temos filhos, para os quais passamos adiante a vida, temos um destino especial e, como eles, envelhecemos e morremos.

Existe algo aqui que nos aumenta ou diminui? Possuímos todos o mesmo tamanho. Para que então a arrogância que às vezes sentimos e demonstramos? Existe uma razão ou justificativa para tal?

Apenas enquanto membros de um grupo sentimo-nos superiores aos outros. Nesse sentido também somos iguais a todos, pois enquanto membro de nossa família e de um determinado grupo, ao qual devemos nossa sobrevivência e segurança, nos percebemos ligados a este de tal modo que crescemos para além de nós e nos movimentamos em sua direção, através de nossos sentimentos mais fundamentais e nossa lealdade. Através desta ligação obtemos o sentimento de um "nós". O nosso pequeno eu se alimenta deste e se infla. Deste modo nos separamos de outros grupos, nos protegemos e defendemos dos mesmos.

Pelo fato de todas as pessoas necessitarem dessa ligação e se comportarem de acordo com este fato, acabam se igualando em relação àquilo que a princípio se opõem a sua condição de igualdade. Acabam todos igualmente dependentes e pequenos.

Onde se encontra o divino aqui? Onde atua de maneira imediata? Atua isoladamente em cada um ou atua também e, principalmente, através do grupo?

A minha imagem é que atua apenas no indivíduo, em sua alma e seu espírito. Assim como os grupos não possuem vida própria e vivem apenas através do indivíduo, o movimento divino, o movimento criativo de tudo que vive se encontra em igual condição. Vive no indivíduo, vive nos grupos apenas em função do indivíduo. Por isso não encontramos o divino no grupo, através de um grupo ou em um movimento coletivo e sim, em última instância, apenas em nós mesmos - e em todas as outras pessoas apenas na condição de indivíduo.

De um discurso de Germering, 2005.

Apenas o amor tem futuro

Que amor tem futuro? O amor que tudo inclui, ao invés de excluir algo. Quando olhamos para os nossos pais excluímos algo deles? O que ocorre em nossa alma quando excluímos algo? Será que realmente temos os nossos pais ou eles se perdem – em parte e, por vezes, até por inteiro?

Amor e vida

Agora olhamos para os nossos pais, como eles são, exatamente da forma que são, comuns, comuns como nós. Eles também foram crianças também foram influenciados por seus pais e por aquilo que ocorreu em sua família. Têm limites, assim como nós. Olhamos para eles, para a mãe e para o pai. Enxergamos por trás deles os seus pais, por trás dos pais deles e assim em diante, infinitas gerações. A vida fluiu através de todas essas gerações até nós, de modo puro. Ninguém pôde acrescentar algo a ela nem tirar. No ato de tomar a vida e de passá-la adiante todos foram perfeitos. Ninguém foi melhor, ninguém foi pior.

É assim que olho para os meus pais. Vejo por trás deles todas essas gerações e percebo como a vida flui através de todas elas e através da geração de meus pais em minha geração. Amplio a minha alma e o meu coração. Digo a meus pais: "Obrigado, tomo a vida exatamente assim como ela chega até mim através de vocês. Eu a tomo com tudo que vem junto, pelo preço que ela lhes custou e talvez me custe. Farei algo de minha vida, em homenagem a vocês. Não pode ter sido em vão. E se puder a passarei adiante, assim como vocês. Tomo vocês como meus pais, e vocês podem me ter como seu filho. Vocês são os pais certos para mim e eu, o filho certo para vocês. Obrigado."

Nossos pais dão e nós tomamos. Nossos pais são grandes e nós, peque nos. Somos pequenos até ter tomado tudo de nossos pais, tudo que nos dão. Então nos colocamos ao lado deles e passamos adiante aquilo que nos deram - com amor. Neste momento nos tornamos grandes, à sua altura.

O consentimento

Naturalmente os nossos pais também têm erros. De acordo com o nosso ponto de vista atual, eles erraram em alguns aspectos. Agora imaginemos que tivemos pais ideais, ideais em todos os aspectos e tudo seria às mil maravilhas. Quão aptos nós teríamos nos tornado para a vida? São exatamente os erros, os desafios, aquilo que foi exigido de nós, às vezes de modo bastante doloroso, que nos fortalecem, caso consintamos.

Podemos nos exercitar neste aspecto. Olhamos para tudo que ocorreu em nossa família. Pensamos no que gostaríamos de excluir, de eliminar e o quanto empobrecemos, caso nos comportemos deste modo.

E agora fazemos o contrário. Olhamos para tudo, exatamente do modo que foi, e dizemos: "Sim, foi assim. Consinto em relação a tudo, exatamente do modo que foi. Faço algo com isso. Aprendo através do ocorrido e desta forma ganho força."

Podemos imaginar como é quando alguém vem de uma família ideal. Consegue ter empatia pelos outros? Consegue sentir compaixão ou será que se encontra

largamente afastado da vida real?

Quando olhamos para nós e para outros que passaram por algumas dificuldades, como é diferente a forma como sentem compaixão pelos outros e quanto mais força têm para apoiar e amar os outros.

Percebemos que as nossas ideias habituais sobre bem e mal não se aplicam mais. É a nossa culpa e a culpa que os outros têm em relação a nós, que faz algo crescer, tornando-nos mais aptos para o amor maior. Desse modo o consentimento em relação a nossos pais, o consentimento em relação a tudo, sem qualquer pesar, sem qualquer repreensão e sem qualquer acusação nos presenteia com uma força capaz de um amor que não apenas toma, mas que também dá.

O amor entre homem e mulher

Quase todos nós sonhamos com o amor pleno entre homem e mulher, no relacionamento. Muitos, porém, não enxergam o outro quando se apaixonam, apenas uma imagem que se parece com a mãe ideal e esperam obter tudo aquilo que lhes faltou, durante a infância. Os dois parceiros sentem o mesmo, por isso estão apaixonados. É um sentimento maravilhoso, podemos usufruir dele e nos alegrar com o mesmo.

Mas, como todos nós sabemos, este amor à primeira vista dura pouco. De repente o outro está diante de nós de forma diferente do que imaginamos em um primeiro momento e precisamos nos reorientar. Quando nos lembramos de nossa infância e de nossos pais e quando, ao nos lembrarmos, tomamos tudo que recebemos deles até então e quando o aceitamos, gratos e de modo pleno, então obtemos a força para olharmos para o outro do jeito que ele é. De repente, precisamos assimilar também aquilo que talvez rejeitamos no outro, pois nos parece estranho. Exige-se agora o grande amor do qual falei. O grande amor inclui. Concorda com tudo da forma que é e concede a tudo um lugar no coração.

Imaginemos que um homem e uma mulher se amam desta forma. O homem olha para a mulher e diz a ela: “Sim. Amo você exatamente do modo que você é, assim você é preciosa para mim. E não amo apenas você, amo também os seus pais e toda sua família, pois você pertence a ela. Considero sua família da mesma forma que a minha.” E a mulher diz o mesmo ao homem.

Podemos sentir o que isso representa para o amor deles. Agora o pleno dar e tomar pode fluir entre eles, sem restrições.

O que se opõe a este pleno dar e tomar? Quando não tomamos na infância o que os pais transmitiram para nós e com que nos presentearam. Sempre quando existem dificuldades na vida a dois, a solução não começa exatamente no homem e na mulher, começa com os pais. Apenas através deles o nosso amor se toma pleno.

Sim, obrigado, por favor

Agora olhamos para o nosso parceiro ou para alguma outra pessoa com a qual temos uma ligação forte. Olhamos e dizemos: “Sim”. Concordo com você exatamente como que você é, independente do que isto possa envolver. Aceito-o exatamente assim. Amo-o exatamente assim. Tomo você exatamente assim. Alegro-me com você exatamente como você é.

Olho para além de você para os seus pais, seus irmãos. Concordo com eles com amor, da forma que são. Pode ter certeza de que também amo os seus pais através de você e que os considero. Eles também podem ser, para mim, da forma que são.”

Homem e mulher dizem isso um ao outro e se olham nos olhos, enquanto falam.

Após este “sim” ainda dizemos uma segunda palavra para eles. Dizemos “obrigado” para o nosso parceiro. “Obrigado por tudo. Tomo tudo exatamente do modo que você me deu. Considero tudo. É uma parte sua. Eu a acolho em meu coração. Permito que me preencha e te presenteio a partir dessa plenitude, de acordo com o que meu coração me dita.

Quando os dois disseram isto um ao outro... quão pleno pode ser o amor!

Certamente, os dois parceiros também têm necessidades. O homem necessita da mulher, pois ela tem algo que lhe falta, e a mulher necessita do homem, pois este tem algo que lhe falta. Desejam algo um do outro.

O que acontece quando cada um dos dois ainda diz uma terceira palavra ao outro? A palavra é “Por favor”, simplesmente “por favor”, sem nenhuma exigência, pois a exigência mata o amor. Não, apenas “por favor’. Dizem isto um ao outro. Reconhecem que têm necessidades e que, ao mesmo tempo, podem presentear o outro com o que é de valor e importância para este.

A partir do “sim”, do “obrigada” e do “por favor” cresce entre eles o amor que tem futuro.

Emaranhamentos

Uma das descobertas mais importantes da Constelação Familiar é o fato de que todos nós nos encontramos ligados aos destinos de nossas famílias das mais diversas maneiras. Existe na família uma consciência comum e inconsciente, um profundo movimento na alma, que não permite que alguém seja excluído, rejeitado ou esquecido. Quando acontece algo dessa espécie, mais tarde a pressão dessa consciência coletiva escolhe alguém para representar o excluído. A pessoa em questão se sente igual àquele que foi excluído. Ao invés da pessoa poder viver a própria vida, terá que viver a vida de uma pessoa excluída, encontra-se emaranhada com um destino estranho. Muitas dificuldades em uma família como, por exemplo,

as que ocorrem entre pais e filhos, quando uma criança se comporta de modo estranho ou aquelas entre marido e mulher, quando de repente um percebe que o outro está tomando um rumo incompreensível, sobre o qual não tem controle, devem- se a esse tipo de emaranhamento. Sendo assim, o amor é exigido a partir de uma nova forma.

Esse tipo de emaranhamento pode vir à luz através da constelação. A solução é a mesma que antes: o que esteve excluído é incluído, recebendo um lugar na alma de cada um e na família. Somente assim aqueles que antes se encontravam emaranhados estarão livres. É uma grande conquista da constelação familiar que as dificuldades para as quais não tivemos qualquer compreensão, até então, de repente passem a fazer sentido e que, quando assumirmos tal fato, encontremos uma boa solução para nós e para os outros.

Apresentei-lhes um panorama sobre o amor que tem futuro. Agora trabalharei com alguém e mostrarei como trazer os obstáculos que se opõem ao amor à luz e talvez encontrar um caminho para que o amor flua novamente.

Exemplo: Irmãos gêmeos

HELLINGER Um homem veio falar comigo. Está sentado do meu lado. Me deu apenas uma dica, mas agora lhe perguntarei do que se trata.

CLIENTE A dica foi o meu irmão. Tenho um irmão gêmeo. Somos bivitelinos, isto é, não somos gêmeos univitelinos, fisicamente somos diferentes. Ultimamente tem surgido uma questão em relação a ele. É que lá no fundo não me sinto aceito por ele e por isso não consigo viver a minha vida. Às vezes isso chega ao ponto de eu sentir: “Não aguento mais.” Nessas horas também tenho pensamentos de suicídio - mas não faço nada, porém, sinto-me desamparado.

HELLINGER Estas informações são suficientes.

para o público Iremos olhar para isso a partir da perspectiva da constelação familiar. Para tal escolho um representante para ele e para o irmão gêmeo e os constelo. Olharemos para isso e obteremos novas informações.

Hellinger escolhe os dois representantes e os posiciona com uma distância de cerca de três metros, um diante do outro. O representante do irmão gêmeo fica inquieto e olha para o chão.

Hellinger pede para os dois representantes permanecerem na mesma posição, sem se mover. Escolhe mais dois representantes e os posiciona ao lado dos irmãos gêmeos, um diante do outro, na mesma distância.

HELLINGER *para o público* A minha hipótese é que os irmãos gêmeos estejam pagando por algo relacionado a outros membros da família, de uma outra geração.

Vejamos agora o que acontece.

O representante do irmão gêmeo se agacha lentamente. Hellinger posiciona os representantes dos irmãos gêmeos por trás dos representantes que estavam do lado deles. Deste modo, tira-os da linha de fogo.

HELLINGER *para o público* O homem que está diante do representante do irmão gêmeo faz o mesmo movimento que este fez antes. Também olha para o chão. Segundo a nossa experiência, isso significa que está olhando para um morto.

Hellinger escolhe um novo representante e pede para que se deite diante desse homem no chão. Nesse meio tempo, o representante do irmão gêmeo foi para trás, afastando-se bastante.

HELLINGER *para o representante do irmão gêmeo* Como está agora?

IRMÃO GÊMEO Quando estava lá, tremi muito. Precisei me segurar em pé, caso contrário teria sido puxado para baixo. Agora vejo o meu irmão pela primeira vez.

HELLINGER *para o público* Os dois irmãos gêmeos estão assumindo algo no lugar de outros, algo que não tem nada a ver com eles.

para o representante do cliente Como se sente ai?

REPRESENTANTE DO CLIENTE Sempre tenho a impressão de que tenho que cuidar de meu irmão. Estou contente em vê-lo.

HELLINGER *para o cliente* Você e seu irmão agora se encontram ligados um ao outro. O essencial ocorre com os representantes. Não tem nada a ver com vocês. Aqui atua um emaranhamento sistêmico. Como se sente agora?

CLIENTE Um pouco melhor. O que acontece com a pessoa no chão?

HELLINGER Ainda não sabemos, mas suspeito que tenha algo a ver com a guerra. Sabe algo sobre isso?

CLIENTE Meu pai teve que ir para a guerra, quando ainda era muito jovem. Falou-nos disso. Ele morreu em 1969 em um acidente. Da guerra, sei apenas que ele acabou sendo prisioneiro. Parece que quando jovem também fugiu de casa uma vez.

O representante, que estava diante do representante do cliente, fecha os punhos e se vira.

HELLINGER *para o público* Ele é o agressor. Virou-se. Agora o conduzirei para mais perto do morto.

Hellinger o aproxima do morto que se encontra deitado no chão. Este, porém, olha para o teto, afasta-se um pouco para trás, olha rapidamente para o morto e depois olha para frente.

Agora Hellinger posiciona o cliente diante deste representante do outro lado do morto.

HELLINGER *para o cliente* Olhe para o agressor e diga: "Amo você."

CLIENTE Amo você.

O assassino olha rapidamente para o teto e depois para o morto.

HELLINGER *para o público* Percebem o movimento que esta palavra provocou?

para o cliente Diga mais uma vez: "Amo você".

CLIENTE Amo você.

Após um tempo, o agressor estende a mão em direção ao cliente.

HELLINGER *para o cliente* Vá até ele.

O cliente se posiciona diante do agressor. Tomam as mãos um do outro e se olham nos olhos. Enquanto isso o cliente treme muito.

HELLINGER *para o público* Percebem como treme?

Agora o olhar do agressor vai além do cliente em direção ao morto. O cliente dá um passo em direção ao morto e se ajoelha diante deste. Hellinger leva o cliente um pouco mais para trás. Após um tempo Hellinger posiciona o irmão gêmeo diante do cliente. Seguram-se pelas mãos e se olham nos olhos. Enquanto isso o agressor deita-se ao lado do morto.

O cliente solta as mãos do irmão gêmeo, este fica indeciso e dá um passo para trás. Toma então o cliente com as duas mãos pelos ombros. Este chora, mas não se move. O irmão gêmeo o solta novamente.

HELLINGER *para o irmão gêmeo* Diga a ele: "amo você."

IRMÃO GÊMEO Amo você.

Enquanto isso o agressor se deitou de costas ao lado do morto. Hellinger vai até ele, pede para que se levante, fique em pé atrás do cliente e coloque as suas mãos nos ombros deste.

HELLINGER *para o público* Agora o cliente está se acalmando.

O irmão gêmeo deu um passo para trás. O cliente e o irmão gêmeo encontram-se um diante do outro.

HELLINGER *ao cliente* Diga a seu irmão: "Amo você."

CLIENTE *após hesitar um pouco* Amo você.

O irmão gêmeo estende as duas mãos em direção a seu irmão, mas este sacode a cabeça. É incapaz de tomar as mãos.

HELLINGER *para o cliente* Diga a ele: “Por favor.”

CLIENTE Por favor.

O irmão gêmeo estende novamente as mãos em direção a ele, mas este continua incapaz de tomá-las. O irmão gêmeo abaixa novamente as mãos. Tenta então uma terceira vez. Desta vez, o cliente toma as mãos de seu irmão. Chora, mas não se move.

CLIENTE *para Hellinger* Ainda me sinto desamparado.

HELLINGER Permaneça com o seu movimento e mantenha os olhos abertos.

O irmão gêmeo dá um passo para trás e solta as mãos de seu irmão. Este posiciona as mãos de um modo como se estivesse se defendendo. O irmão gêmeo vai lentamente mais para trás, vira a cabeça e olha para o morto.

Hellinger pede para que o cliente se vire para o agressor. Este se vira e os dois se abraçam profundamente. O irmão gêmeo volta sempre a olhar para o morto, como se fosse puxado para baixo, em sua direção.

HELLINGER *para o cliente* Vire-se mais uma vez para o seu irmão.

O cliente se vira, no entanto, estende as mãos para trás, para o agressor, segura-se neste e chora. Seu irmão gêmeo vai para o chão, estende as mãos para trás, segura-se no agressor e se deita ao seu lado.

HELLINGER *após um tempo, para o público* Agora o morto está de olhos fechados. Vou interromper aqui.

para os representantes Agradeço a todos vocês.

Esclarecimentos

HELLINGER *para o público* Esclareço para vocês o que viram aqui.

Primeiro escolhi apenas representantes para o cliente e seu irmão gêmeo e os posicionei um diante do outro. Comportaram-se como se não fossem irmãos gêmeos. Isto indica que representam alguém em seu sistema, que assumem algo de outras pessoas de sua família. Por isso Coloquei duas outras pessoas, sem saber quem são, e pedi para que os irmãos gêmeos se recolhessem. Ocorreu então um movimento entre os dois representantes. Um olhava para o chão, isto é, para um morto, e o outro estava de punhos fechados. Este revelava a energia de um agressor. Ele também queria se desviar.

Segundo a imagem que aqui surgiu, o morto foi assassinado. Quer dizer que um representante era um assassino e o outro, uma vítima. Pode ser que tenha sido na guerra, que o primeiro cometeu um assassinato, não apenas como soldado e sim, um assassinato verdadeiro. Disso não sabemos e também não precisamos saber.

Em todo caso, o agressor não olhou para a vítima e sim, para cima.

Um agressor não tem como se movimentar antes de ser amado. Esta é uma das grandes compreensões sobre a constelação familiar. Todos os ataques contra os agressores conduzem apenas a um endurecimento maior dos mesmos.

Por isso posicionei o cliente diante do agressor e pedi que dissesse para este: “Amo você”. Neste momento o agressor se modificou. Quis que o cliente ficasse do seu lado e depois foi até o morto e deitou-se. No entanto, não havia ainda se reconciliado com ele, pois estavam afastados.

Procurei então saber mais uma vez se algo poderia se resolver entre os irmãos gêmeos caso os outros representantes entrassem novamente no jogo. Não se resolveu, pudemos ver isto. O cliente tremeu fortemente e não ousou tocar o seu irmão. É isso que encontramos quando alguém precisa estar identificado com um agressor. Por isso Coloquei novamente o agressor atrás dele, para apoiá-lo, pois muitas vezes revela-se, neste tipo de constelação, que a força curativa se origina daqueles que são mais rejeitados. Depois disso pedi que o cliente se virasse para o agressor, e os dois se abraçaram profundamente. Foi muito comovente ver isso, mas o cliente continuava identificado com o agressor.

Mais tarde o irmão gêmeo se deitou ao lado do morto. Isto revelou que os gêmeos repetiram algo entre eles, naturalmente de forma inconsciente, de modo que um se sentisse como agressor e o outro, como vítima.

Não encontramos aqui uma solução final. Não é preciso, pois através desta constelação algo se modifica em sua alma.

para o cliente Agora você tem uma outra visão de si mesmo. Uma outra visão de seu irmão gêmeo, tendo em vista ao que talvez tenha acontecido em sua família. Mas você não sabe, ou sabe de alguma coisa?

CLIENTE Não.

HELLINGER Sua alma agora entrou em movimento.

CLIENTE Muitas vezes tenho a sensação de que assumi uma culpa e tenho uma grande necessidade de ser perdoado. São momentos nos quais poderia gritar que estou me sentindo desamparado. Quando não obtenho ajuda me torno destrutivo. Esta é a consequência.

HELLINGER Isto revela que está identificado com o agressor. São os sentimentos dele, não os seus. Quando vimos você e o quanto estava comovido, revelou-se que você estava repleto de amor. Repleto de amor, exatamente.

O cliente está muito comovido.

HELLINGER Isto vai continuar atuando. Não precisa fazer nada agora. Deixe que

atue em sua alma, mas conte ao seu irmão gêmeo sobre o que vivenciou aqui. Será bom para os dois. Vou parar aqui. Tudo de bom.

O cliente vai até o representante de seu irmão gêmeo, os dois se abraçam profundamente e depois se senta ao lado dele. O público aplaude.

A constelação familiar

Gostaria agora de dizer algo sobre a Constelação Familiar. Isto aqui foi um exemplo de uma.

Primeiramente foi possível perceber que os representantes encontravam-se conectados com algo diferente, não têm como atuar livremente. Estão ligados a algo que atua nesta família. Muitos se aborrecem com o fato de existir um saber que não lhes foi comunicado, um saber que se dá simplesmente através da vivência e da alma. Esta é uma compreensão decisiva da constelação familiar.

O segundo ponto é que quando olharmos apenas para o indivíduo isoladamente, no caso presente - apenas para o cliente e o seu irmão, não encontramos nenhuma solução, pois se trata de um problema sistêmico. Tem a ver com algo que talvez ocorreu há gerações nesta família. Podemos então verificar, através de tentativas e erros, onde existe um movimento curativo. Pudemos ver um início disso aqui.

Muitas acreditam que precisamos encontrar uma solução. Imaginem como ele estaria, caso tivéssemos encontrado uma solução neste sentido. Estaria mais forte? Mais centrado? Mais sintonizado com seu próprio destino e com o que ocorreu em sua família ou será que teríamos obtido algo como se fosse um curto circuito, depois do qual a luz se apaga?

A alma precisa de tempo. Todas as boas experiências se originam de um crescimento interior. Ele deu este primeiro passo, e isso basta. Vocês percebem o quanto este trabalho age com respeito? Respeitamos o que ocorre com o outro, a sua família, os destinos de sua família e confiamos que um grande e profundo movimento une aquilo que, até então, permaneceu separado.

Ressonância e dissonância

O meu tema foi: “Apenas o amor tem futuro.”, mas a questão do amor não é tão simples assim, pois muitas vezes nos encontramos emaranhados. Desejo fazer agora mais um pequeno exercício com vocês. Para tal falarei rapidamente sobre campos da família.

Movimentamo-nos em um campo da família, em um campo espiritual no qual tudo o que ocorre na família continua atuando. Nada neste sistema já passou, tudo se encontra em ressonância, não apenas quando se trata de coisas boas, mas também no caso de dificuldades. Uma das observações da Constelação Familiar é que o

mal-estar e muitas doenças se encontram em ressonância com uma pessoa excluída deste campo, encontram-se em dissonância com o corpo e em ressonância com uma pessoa excluída.

Podem fechar os olhos, se assim desejarem. Agora entrem em seus corpos e sintam onde algo lhes causa dor. Que órgão sofre? Onde existem dores? Onde algo se encontra doente? É para lá que vocês vão, para essa dor, para esse órgão. Vocês se deitam ao lado desse órgão, respiram com ele, entram em sintonia com ele e com o seu amor. Deixem-se conduzir a partir desta sintonia com o órgão. Para onde ele aponta? Onde se encontra o seu profundo amor?

Quem sabe de repente vocês percebam aquela pessoa excluída, esquecida ou rejeitada, talvez se trate apenas de uma criança, uma criança esquecida, abortada ou dada. Junto com o órgão vocês dizem a essa pessoa: “Amo você. Agora te dou um lugar em minha alma.” Vocês acolhem essa pessoa no coração, com amor. Percebam que efeito isto produz na alma e no corpo, em relação a este órgão, e também acolham o órgão no coração de vocês, com amor, e digam a ele: “Agora você pode ficar comigo. Agora terá em mim, uma pátria.”

Ainda vou um pouco mais adiante com este exercício. Quando alguém se desvia da família, por exemplo um filho, que se comporta de modo estranho ou, quem sabe, toma-se viciado em drogas ou cujo comportamento chama atenção de outro modo ou quando um parceiro de repente passa a agir de forma diferente, incompreensível para nós, naquele momento - então nos deitamos ao lado desse filho ou parceiro, entramos em sintonia com o seu movimento e nos deixamos conduzir para onde o seu amor nos leva: para uma pessoa, que talvez se encontre esquecida ou excluída. Olhamos para essa outra pessoa junto com ele e dizemos a ela: “Amo você. Agora também lhe dou um lugar em nossa família. Agora pode ficar conosco. Agora você está novamente em casa, em nossa casa.” Sentimos o que se modifica na relação, no olhar, no amor. Então, quem sabe, compreendam o que significa quando falo: “Todos os filhos são bons.”

Quando nos deixamos conduzir por isto, de repente vem à luz: assim como os filhos, os pais também são bons, pois o que nos chama atenção no caso de nossos pais é o fato de eles olharem para algum lugar diferente, com amor. Quando olhamos com eles para o mesmo lugar, de repente percebemos quantas pessoas nos querem bem e esperam por nós e a quantas pessoas podemos e talvez devamos dizer: “Amo você.”

O máximo da felicidade

Não existe nada melhor do que aquilo que é. Não existem pais melhores do que aqueles que temos, futuro melhor do que aquele que se encontra diante de nós.

Aquilo que existe é o que há de maior.

Neste sentido, felicidade significa que acolho tudo em meu coração, do modo que é e me alegro. É este o máximo da felicidade: quando nos alegramos com a realidade, da forma que é, e quando nos alegramos com os nossos pais da forma que são, com o nosso passado assim como foi, com o nosso parceiro, da forma que ele ou ela é, com os filhos da forma que são, exatamente da forma que são. É a melhor coisa que existe.

Esta alegria é o máximo da felicidade. Ela vem do coração. É ampla e irradia luz. Em torno dela, outros se sentem bem, ela inclui muitos. É satisfeita e grata, toma e dá.

A alegria do coração

Existe algo como uma alegria do coração? O que é isso, a alegria do coração? Ela irradia luz, origina-se de um coração pleno e que está em sintonia, em sintonia com o seu passado, também com aquilo que não deu certo, a partir de um ponto de vista externo. Encontra-se reconciliada até com a própria culpa. Olha para frente com confiança, encontra-se ligada a outras pessoas, porém dentro de certa distância. Não invade os outros, os que estão seguros em sua companhia.

Esta alegria é experimentada como um presente. Não podemos ambicioná-la. Encontra-se relacionada a um ato de doação bem sucedido. Quando os pais olham para os seus filhos e percebem o quanto estes prosperam, então podemos ver este tipo de luz em suas faces.

COMO?

O caminho do conhecimento

Existe um campo da alma e do espírito no qual nos movimentamos e que nos possibilita estabelecermos contato com nosso entorno e com outras pessoas. Este campo se estende para além do espaço e do tempo. Encontra- se contido nele tudo aquilo que foi e, sendo assim, tem um efeito sobre o presente. Encontramo-nos em ressonância.

Esta ressonância nem sempre traz somente potenciais de cura. Existe também uma ressonância que pode nos oprimir, que nos inibe e limita. Numa constelação familiar, percebemos que muitos se encontram emaranhados em algo que ocorreu no passado em suas famílias. Às vezes, percebemos que aquilo que nos influencia no presente pertence a gerações passadas, apesar de não ser possível termos lembranças nem informações.

A pergunta é: podemos nos esquivar dos efeitos limitadores desta ressonância? Podemos encontrar um espaço onde estamos seguros, em relação a eles? Tenho

uma imagem para tal.

A origem

O campo, com o qual nos encontramos em ressonância - talvez se trate de vários campos paralelos deste tipo - também teve um início. Este início - não consigo imaginá-lo diferentemente - é fundado por um poder primordial criativo. Quando conseguimos, através de um processo interno, atravessar o campo todo com o qual nos encontramos em ressonância, voltar à sua origem e nos tornar um com a origem, isto é, ser guiado por esta, então nos retraímos das influências limitantes desse campo.

Quem sabe também podemos levar outros conosco, quando percorremos esse caminho em direção à origem. Por exemplo, mortos que ainda não encontraram a paz. À medida que nos retraímos em direção a essa origem os levamos conosco e lá, na origem, estaremos unidos com eles e ao mesmo tempo livres.

A pergunta é: como alcançamos a origem? Qual o caminho que nos leva a ela? É a partir de um total vazio. Como alcançamos esse vazio? É algo paradoxal... não o alcançamos através do recuo e sim, à medida que nos aproximamos. De que maneira? À medida que concordamos com tudo exatamente como é. Com tudo! Também com que há de nocivo e perigoso, de ameaçador e mau. Entregamo-nos a ele e o aceitamos assim como é.

O que isso provoca na alma? Esvaziamo-nos de nós mesmos. Por concordarmos com tudo da maneira que é, exatamente como é, tornamo-nos um com a razão que está por trás de tudo. Através dessa aproximação e desse consentimento alcançamos aquele vazio que nos liga à origem.

Agora vou falar dos mortos, mortos estes que possivelmente tememos ou com cujo destino nos encontramos emaranhados. Olhamos para eles, enxergamos por trás deles esta origem, concordamos com eles em face desta origem e assim os acolhemos juntamente com essa origem, dentro de nós.

Naturalmente isto também pode ser aplicado ao ato de ajudar. Quando lidamos com uma pessoa que nos conta histórias terríveis de sua família de origem, nós a aceitamos e a todos aqueles sobre quem nos contou alguma coisa. Aceitamos da forma que são e conduzimos a pessoa e toda sua história até a origem. De lá, em sintonia com a origem, obtemos a força para fazer algo de essencial por essa pessoa.

O vazio

Quero dizer ainda algo sobre o vazio. Como alcançamos o vazio? Na mística cristã existe um caminho que serve de modelo para tal. Na verdade trata-se de um

caminho filosófico. A filosofia ocidental negligencia tal caminho, pois conecta a mística com determinadas ideias religiosas, como se ela estivesse se apoiando em conteúdos de fé e não na vivência concreta. Mas os grandes filósofos como, por exemplo, muitos filósofos gregos, eram místicos, neste sentido, por exemplo, Heráclito, Platão, Plotino e outros grandes filósofos. Eles fizeram este caminho. É o real caminho do conhecimento.

O essencial

O que significa isso? Quando contemplamos as coisas, quando contemplamos um problema, quando procuramos por uma solução, como podemos captar o essencial? O essencial não é passível de observação. O essencial é aquilo que se oculta por trás da aparência e que, de repente, quando nos encontramos centrados, revela-se para nós por conta própria. Toda criação artística se funda no reconhecimento de algo essencial, que não pode ser observado e que, no entanto, aparece na obra artística. É o essencial que toca a alma, apesar de não ser passível de observação. Para mim a música expressa tal fato de forma grandiosa. Ninguém pode observá-la e, mesmo assim, ela nos transmite algo que está para além do observável, toca a nossa alma e também a cura.

Estar centrado

Retomando a questão do caminho do conhecimento: como ele pode nos conduzir ao conhecimento essencial? Alcançamos este através do ato de se centrar, que abriga um movimento duplo, o recolhimento e o direcionamento. Os dois, ao mesmo tempo. O recolhimento por si só não traz a condição de estar centrado. Estar centrado sempre se direciona a algo, encontra-se direcionado a algo essencial, a uma ação. Um conhecimento que não conduz à ação é vazio. Por isso, a grande filosofia é sempre uma filosofia aplicada, a aplicação de um conhecimento que obtivemos através de um determinado caminho.

Os passos

Agora, em relação ao caminho. Quais passos fazem parte dele? Ele começa com a noite dos sentidos, isto é, recolhemos os nossos sentidos diante da variedade das impressões, passamos do dia para a noite e, deste modo, nos centramos. A dispersão em função da variedade se desfaz. É este o primeiro passo.

O segundo passo é a noite do saber, mais exatamente, a noite do espírito. O que significa isso? Deixo para trás o saber que tinha até então: meus pensamentos, minhas ideias, minhas verdades e me esvazio. Esvazio-me de qualquer intenção e me abro para o inesperado. Este é o segundo passo.

O terceiro é a noite da vontade. Vontade significa desejar, querer algo. O desejo nos distrai através da multiplicidade. Quando entramos na noite da vontade,

deixamos de desejar. De repente, nos encontramos orientados, livres de temor, sem enxergar nada, para uma escuridão. Então, de repente algo de essencial a ser feito revela-se tal como um raio na noite. Crescemos através deste novo conhecimento essencial.

Neste caminho do conhecimento também nos é revelado o que devemos fazer e o que não, quando ajudamos os outros.

Agir

Às vezes, quando alguém me pede: “me explica isso”, me pergunto: ele está procurando por um conhecimento que o habilita para agir? Ou deseja um conhecimento vazio, sem ação e sem consequências? Logo que percebo que alguém necessita de uma resposta, pois deseja agir, dou-lhe a resposta, caso a tenha. Quando alguém pergunta apenas por curiosidade, me pergunto: “A minha resposta realmente deve conduzi-lo à ação?” Sem a ação, o conhecimento se torna vazio.

Crescendo através da ação

Muitas vezes o ato de ajudar é acompanhado pela ideia de reparação, mas na alma nada pode ser consertado. Ela não permite intervenções externas, pois é maior do que qualquer um que tenta produzir algum efeito de fora para dentro. A alma deseja agir por conta própria. Crescemos apenas quando nós mesmos nos tornamos ativos. O conhecimento, do qual se trata aqui, é fruto da sintonia com uma força criativa que move algo. Por isso o real conhecimento sempre exige a ação. Logo, não há conhecimento sem ação.

A alma

A alma espera. Às vezes, olhamos para a alma que espera e esperamos com ela. Então ela passa a se movimentar, porém lentamente, assim como o crescimento. Quando a deixamos entregue ao próprio movimento, ela alcança o seu objetivo de modo tranquilo, sem chamar atenção, porém com profundidade. O que obtém deste modo, permanece, é algo que não se perde jamais, pois se encontra conectado com algo profundo, com algo que nos transcende. Por isso, a alma é silenciosa.

O nosso saber não provém apenas do fato de alguém ter nos dito ou mostrado alguma coisa. Encontramo-nos ligados imediatamente à alma do outro quando entramos em sintonia com ele.

A alma, esta alma maior nos revela informações importantes sobre o que conduz à felicidade e ao infortúnio em uma família e também sobre o que conduz a doenças e à saúde.

Algo a mais se revela. O ajudante se toma gradativamente menos importante. O

sucesso de algo não depende apenas dele e sim, da alma maior que, de repente, assume a direção e nos revela possibilidades de soluções antes inimagináveis.

O QUÊ?

De um curso em Bad Sulza, 2005

Exemplo: Ajuda no caso de psicoses

AJUDANTE Tenho uma cliente que teve um surto psicótico, e seus colegas a internaram no hospital psiquiátrico. Agora ela precisa tomar medicação contra esquizofrenia e depressão até o fim da vida.

HELLINGER O que significa isso, até o fim da vida?

AJUDANTE No hospital, disseram a ela que precisa usar os medicamentos até o fim de sua vida, isto é, para sempre.

HELLINGER Quantos anos ela tem?

AJUDANTE Mais ou menos uns 46, talvez um pouco menos.

HELLINGER *para o grupo* Vamos olhar para essa cliente com amor, com boa vontade. Quem sabe, podemos sentir o que estes pensamentos dos médicos e também as suas palavras, mesmo que a cliente não tenha ouvido, provocam em sua alma.

O outro campo

Devemos manter em mente que cada um de nós se move em um campo, onde tudo está em ressonância. O médico que cuida de um cliente entra em um campo deste.

Naturalmente, isto também vale para um psicoterapeuta ou para um ajudante: à medida que se abrem para um cliente entram em um campo e atuam nele, principalmente através daquilo que pensam.

Imagino o que esses médicos - ou outros em uma situação parecida - pensam, o que consideram certo. Imagino-os aqui e eu contando algo sobre as minhas ideias sobre a esquizofrenia, por exemplo, que segundo a minha experiência não se trata de uma doença e sim, de uma situação sistêmica na qual alguém, que se encontra sob a pressão do campo ou de uma consciência em comum, de repente se vê forçado a acolher duas pessoas em litígio em sua alma, isto é, um assassino e uma vítima. Iriam me ouvir? Conseguiriam me ouvir? Conseguiriam mudar?

Respeito com amor

Olhamos para esses médicos e os visualizamos no campo deles. Também os vemos com seus pais, seus antepassados, seus emaranhamentos e — cometerei uma ousadia - com um assassinato em sua família, sem que saibam do mesmo, pois

talvez tenha ocorrido muito tempo atrás. Internamente acompanhamos o movimento do espírito, que se encontra voltado para todos, voltado para cada um desses médicos, para seus pais e seus ancestrais e para tudo que possa ter ocorrido em termos de agressividade e dor. Mantemo-nos voltados para eles a partir deste movimento. Dizemos a cada um deles: "Vejo você com tudo que faz parte de você. Respeito-o e vejo todas as pessoas com as quais você lidou e ainda lida. Também as vejo com o amor, o destino, a grandeza que lhes é próprio."

Talvez sintamos agora: o que podemos fazer? O que, por exemplo, posso fazer quando respeito esses médicos, a cliente e quando respeito este campo? O que posso fazer?

A solução

HELLINGER *para o ajudante* Posso fazer algo e farei. Estou voltado para tudo. Também farei algo com você que lhe pode parecer arriscado e suponho que esteja de acordo. Como você sabe, farei tudo com consideração.

Hellinger pede ao ajudante para que este represente a cliente e se posicione. Quando o ajudante se encontra no lugar determinado começa a se sacudir. Respira profundamente e se segura com seus braços. Após um tempo, agacha-se e segura as suas mãos.

Hellinger posiciona uma mulher. Mais tarde, fica claro que ela representa a mãe da cliente. No decorrer da constelação são ainda acrescentadas duas mulheres. Fica evidente que uma delas é uma vítima e a outra, uma assassina. A mãe da cliente se sente atraída por essas duas mulheres. Ela se ajoelha perto delas, mas as duas se afastam. Após um certo tempo, as duas se abraçam.

O representante da cliente se sentou em seus calcanhares e cruzou as mãos no peito. Após um tempo, curva-se profundamente até o chão.

Hellinger pede para a mãe da cliente se levantar e a conduz para o lado. Ela passa de costas pela representante da cliente, que continua sentada nos calcanhares e olha de longe para as duas outras mulheres.

Hellinger pede para que o representante da cliente se levante e vire. Ele fica de pé ao lado da mãe, meio à esquerda e se sacode.

HELLINGER *para o representante da cliente* Como se sente agora?

REPRESENTANTE DA CLIENTE Sinto calafrios pelo corpo inteiro e tremo muito. Ainda não há clareza em minha cabeça.

Hellinger volta a conduzir a primeira mulher e o representante da cliente para diante das duas mulheres no chão. Estão um ao lado do outro e olham para baixo, para as duas mulheres. Essas viram a cabeça em sua direção.

HELLINGER *para o grupo* As duas mulheres estavam deitadas uma ao lado da outra. Seguravam-se pelas mãos e estavam de olhos fechados. Quando a primeira mulher e o representante da cliente se aproximaram, ficaram inquietas.

Hellinger afasta novamente o representante da cliente e a primeira mulher e pede para que se virem. Estão um ao lado do outro. O representante da cliente volta a sacudir seu corpo.

Hellinger escolhe um homem e o posiciona diante dos dois.

HELLINGER *para este homem* Você representa os médicos da cliente.

A primeira mulher enrijece o corpo de tanta dor, vira-se lentamente, cobre seu rosto com uma mão. Pega o representante da cliente pelo braço e fica de joelhos.

Após um tempo, Hellinger pede para que o representante dos médicos se deite no chão ao lado das duas mulheres.

A primeira mulher e o representante da cliente se voltam um para o outro e se abraçam forte. Abraçados, afastam-se dos mortos.

Após um tempo, Hellinger pede para que o representante dos médicos se levante novamente e o aproxima do representante do cliente e da primeira mulher. Neste meio tempo, estes se voltaram um para o outro e se seguram pelas mãos.

O representante dos médicos se afasta lentamente, porém os mantém em seu campo de visão.

HELLINGER *para o representante da cliente* Como se sente agora?

REPRESENTANTE DA CLIENTE Continuo sentindo dores na barriga. É quase insuportável. Ainda não passou.

HELLINGER *para a primeira mulher* E você?

PRIMEIRA MULHER Estou melhor. Mas em algum lugar existe uma frase: "Continuará até o fim da vida." Posso andar apenas com pequenos passos.

Hellinger escolhe mais uma representante e a coloca diante do representante da cliente e da primeira mulher, que continuam se segurando pelas mãos.

HELLINGER *para esta nova representante* Você é a vida.

As duas, a primeira mulher e o representante da cliente, olham para a vida, então a primeira mulher inclina a cabeça. Após um tempo, ergue-se. O representante da cliente se agacha diante dela e ainda a segura pelas mãos. A primeira mulher volta a olhar para a vida. O representante da cliente solta as mãos da primeira mulher e cobre a cabeça com as mãos.

A primeira mulher faz um movimento como se quisesse tocar a cabeça do

representante da cliente, porém não tem coragem. Afasta-se dele lentamente e se aproxima da vida. O representante da cliente agora também levanta, olha brevemente para a primeira mulher e se afasta novamente.

A vida se encontra de braços abertos. A primeira mulher olha longamente em direção à vida. Coloca a sua cabeça nos ombros da vida e a abraça forte. O representante da cliente se recolhe lentamente.

HELLINGER *para o representante da cliente* Como se sente agora?

REPRESENTANTE DA CLIENTE Quando me afasto me sinto bem. Antes não sabia o que tinha que ser feito.

HELLINGER Exatamente.

Esclarecimentos

HELLINGER *para o grupo* Gostaria de explicar algo. O ajudante representa a cliente. A primeira mulher parece ser a sua mãe. A cliente carrega a psicose para sua mãe. Agora que a mãe se voltou para a vida, a cliente está livre.

A mãe se encontrava ligada a algo de sua família de origem. Isto aqui — *Hellinger aponta para as duas mulheres no chão* - é um assassinato. Quando a "assassina" - vou colocar isto entre aspas - aproximou-se da representante da mãe, esta ficou com medo e desviou o olhar. Estava identificada com a vítima. Quando a agressora se deitou ao lado da vítima, a representante da mãe acariciou a agressora. Neste trabalho é esse o movimento decisivo — o agressor é amado. Ele pode se movimentar apenas quando é amado.

Então houve mais uma tentativa de assumir algo para um outro, o que no caso dos psicóticos constitui uma regra. Por isso, quando os representantes da mãe e da cliente queriam se aproximar novamente das duas mulheres no chão, essas ficaram incomodadas. Precisaram se afastar novamente.

A representante da vida naturalmente era a mãe da mãe da cliente.

para o ajudante Tudo bem agora?

Ele concorda com a cabeça.

HELLINGER *para os representantes* Agradeço a todos vocês.

Observações posteriores

HELLINGER *para o ajudante quando este se encontra novamente ao seu lado* O fato de você ter trazido este caso foi de grande ajuda para nós, pois nos ajudou a alcançar estas profundezas. De repente, sentimos outro tipo de compaixão pelos psicóticos.

Eric Berne, o fundador da análise transacional contou a seguinte história: Em uma

família com várias crianças, a mãe disse: “Vocês todos ainda vão parar no hospício.” As meninas tornaram-se esquizofrênicas e os meninos psiquiatras. Aqui também pudemos ver que alguém não vira psiquiatra à toa.

Gostaria de acrescentar que tenho alta consideração pelos psiquiatras.

Quando fiz a minha formação psiquiátrica tive que estagiar na psiquiatria de Viena. Quando observei como os psiquiatras lidam com os pacientes, tornei-me muito humilde, mas é evidente que quando alguém escolhe uma profissão desta espécie, existe um destino especial atuando por trás. Não se pode escolher esta profissão por livre e espontânea vontade. Talvez algo em sua família ainda precise ser solucionado. Quando consegue fazer isto, sem que aconteça às custas dos outros, encontra um acesso para novas soluções, com muito mais abertura.

Tornou-se igualmente claro que, na família de origem do médico aqui representado, também existiam psicoses. Isto pôde ser visto aqui. Por isso podemos compreendê-lo. Afastei-o novamente das mulheres no chão, pois este não era o seu lugar.

Acho que posso parar por aqui.

para o ajudante Tudo de bom.

A reconciliação

HELLINGER *para o grupo* O que ocorreu aqui foi um exemplo um tanto marcante de como lidar com psicoses. Quando compreendemos esta dinâmica, é possível lidar de modo totalmente livre com as mesmas.

O primeiro ponto é não olhar para o cliente, e sim, para o seu sistema, para o campo de onde vem. Olhamos para aquilo que continua em conflito neste sistema. Muitas vezes não é possível lembrar. Quando se encontra próximo do presente, talvez ainda na geração dos avós, é possível lembrar. Às vezes, porém, ocorreu há quatro ou cinco gerações e não pode ser lembrado. Os membros atuais do sistema não têm consciência em relação ao mesmo, porém, quando constelamos o sistema, toma-se claro que a energia continua atuando da mesma forma, sem que alguém saiba de onde vem.

É possível sentir a energia que conduz à esquizofrenia ou mais exatamente, a energia que emana de determinadas pessoas. A energia emana de um assassino e sua vítima que ainda não se reconciliaram. Através da constelação e de seus representantes, podemos colocar algo em ordem no passado neste sistema. Deste modo os membros posteriores do sistema se libertam do emaranhamento, do que ainda não foi solucionado no passado. Assim, tanto aqueles que se encontravam envolvidos originalmente como também os membros posteriores encontram a paz.

Isto se tornou claro com o que vimos aqui: a partir do momento em que alguém julga, não consegue mais ajudar; quando diagnostica, também não; quando receita remédios, com a ideia de tratar *da* solução, sem olhar para além e com amor em direção ao sistema como um todo, é difícil ajudar.

Os agressores

Escrevi um livro sobre o trabalho com psicoses. Nele registro o primeiro curso durante o qual ousei trabalhar com psicóticos. O curso também foi registrado em vídeo que tem, assim como o livro, o belo título: "Amor à beira do abismo". Isto é a esquizofrenia na alma: amor à beira do abismo. Aquele que tem o amor maior assume este destino. Aqui também se revela o principal obstáculo para aqueles que ainda pensam e sentem de forma moralista. A solução se torna possível quando o agressor é amado. Isto significa que precisa primeiro ser amado no coração do ajudante. Pois esse também se encontra emaranhado. Por isso, às vezes um descendente precisa dizer ao agressor na constelação: "Vejo você. Considero você. Curvo-me diante da sua culpa e de seu destino." Assim os agressores se tomam suaves.

Existe ainda outra questão estranha a ser considerada. Há um tempo atrás tive uma constelação em Taiwan, na qual um homem disse que sua mãe era esquizofrênica. Em sua família o bisavô foi assassinado pelo irmão. Então Constelei o assassino, mas esse se comportou como se também fosse uma vítima. Ficou claro que o assassinato provavelmente foi incitado pela mãe. Durante a constelação os dois irmãos se reconciliaram com amor e a bisavó abraçou os dois. Agora todos estavam reconciliados.

Após um evento desta natureza sempre existe esquizofrenia ou comportamentos esquizofrênicos na geração que se segue. Pois a situação não solucionada, onde em uma família um assassino e uma vítima não estão reconciliados, faz com que um membro posterior precise representar os dois. Sente aquilo que não está reconciliado em sua alma e fica conturbado. É esta a real dinâmica que encontramos por detrás da esquizofrenia. No caso deste homem revelava-se em todas as gerações posteriores.

Ele tinha quatro filhos. Quando, logo de início, constelamos a sua família, ficou evidente que a segunda filha corria perigo de se tornar esquizofrênica. Após a reconciliação entre agressores e vítimas os representantes das gerações posteriores estavam menos confusos, exceto esta filha. A representante dela continuava conturbada.

Deste modo posicionei uma representante desta filha ao lado da tataravó, a real assassina. A filha sentiu-se menos confusa neste lugar. Neste caso, a força da cura

emanou da assassina.

Podemos observar tal fato com frequência também em outras constelações com esquizofrênicos. Naturalmente isto joga por terra todas as nossas concepções de mundo. Pois o que se revela é: o poder curativo, a força divina muitas vezes se encontra mais próximo do agressor do que da vítima e, muitas vezes, mais próximo do mal do que do bem.

PENSAMENTOS DE DEUS

De uma palestra em Dornbirn

O amor divino

Rilke pergunta em seu *Livro das horas:* "A vida, quem a vive? Tu, ó Deus? És tu Deus, quem a vive?"

Quando acolhemos este pensamento em nosso coração, experimentamos Deus através da nossa vida, da forma que ela é. A experiência de vida toma-se, assim, experiência de Deus. Talvez possamos até dizer: a experiência de Deus é o mesmo que a experiência de vida. Apenas em nossa vida experimentamos Deus.

Quando nos entregamos à vida, a tudo que vive e se realiza em nós, sentimos que a vida se origina de algum outro lugar, não vem de nós e também não vem de nossos pais, vem apenas *através* desses.

Quando levo tal fato a sério, encontro Deus em tudo que está relacionado à vida. Quando encontro alguém, essa pessoa encontrará Deus através de mim e de minha vida. Quando uma outra pessoa me encontra, independente de como ela é, encontro Deus através de sua vida e pelo simples fato de esta pessoa estar viva. Deus não vem ao meu encontro apenas através da vida humana. Encontra-me a partir de toda forma de vida, pois nele vivemos, nos movemos e existimos.

Quando olhamos para a vida como um todo - onde é que o espírito, o criativo se torna mais perceptíveis e condensados do que na vida? Quando nos abrimos para tal, experimentamos Deus aqui, nesta vida.

A oração

Qual é o efeito se acolhemos este pensamento de modo centrado?

Somos envolvidos por Deus quando nos sensibilizamos para tudo que há de vivo em nós e nos entregamos para tal, de modo que nos encontramos em total sintonia. De repente nos tornamos inteiramente centrados e calmos. Este ato de se centrar, de se deixar tomar por uma outro poder é na verdade uma oração, porém, sem prece. É tal como uma oração que já foi atendida.

De repente, sentimos em nossa alma que estamos profundamente unidos a tudo,

mesmo se for diferente do que desejamos, mesmo se for tão diferente que se opõe a nós - é nesta imagem, que atua com a mesma força primordial em toda e qualquer vida, que abrimos mão de nossos julgamentos. Descobrimos, de repente, que não possuímos Deus e sim, que ele nos põe a seu serviço em tudo. O que quer que aconteça, seja uma doença, um desastre ou uma injustiça - isto se encontra a serviço de algo maior e de uma maneira que faz com que nos apoderemos profundamente de nós mesmos.

Como posso descrever tal experiência? Não sabemos se podemos chamar este movimento profundo de “Deus”, mas o que quer que seja, mesmo se o divino como tal continue misterioso para nós, experimentamos um poder divino, transcendente simplesmente pelo fato de viver.

A vida

Durante muito tempo estive como missionário na África, com os Zulus. Algo me chamou atenção. Quando um Zulu encontrava outro dizia "Sakubona". Isto significa: “Vi você.” O outro respondia com as mesmas palavras: “Sakubona”: “Também te vi”.

Quando *nós* damos prosseguimento a esta conversa, em uma situação desta normalmente perguntamos: “Como você está?” Os Zulus perguntam algo totalmente diferente. Perguntam: “Usaphila?” Ainda vive?” e o outro responde: “Ngiyakhona.”, “Ainda estou aqui.”

Quanta devoção à vida! Que experiência divina! Perceber a vida como algo tão valioso e vivê-la deste modo!

Às vezes os Zulus permanecem sentados por horas. Simplesmente estão aí e olham a sua volta sem fazer nada. Passava por eles e perguntava a um: “Você não está entediado?” Ele me responde: “Mas estou vivendo!” Encontra-se pleno de vida e — poderíamos dizer — pleno de Deus.

O início da experiência divina

Quando éramos crianças também pensávamos sobre Deus. Pensávamos nele dentro do âmbito da experiência que era possível e acessível para nós, enquanto crianças.

Como nós, enquanto crianças, imaginávamos Deus? De acordo com a experiência que tínhamos, enquanto crianças, o imaginávamos como pai ou mãe. Um pouco maior do que o pai e a mãe real, em termos de sentimentos, porém, nos entregávamos a ele da mesma forma que o fazíamos em relação à mãe e ao pai. Assim como esperávamos alimentação e proteção do pai e da mãe, também o esperávamos de Deus. Tratava-se dos mesmos pedidos quando rezávamos para ele. Tínhamos uma relação profunda com Deus como se fosse nosso pai ou nossa mãe

e permanecíamos crianças diante dele.

Muitos de nós ainda os são hoje. Eu também ainda o sou com bastante frequência. Nessas horas o sentimento em relação a Deus é parecido com o sentimento em relação ao pai e à mãe.

Os pais e Deus

Aqui nos deparamos com uma dificuldade. Lido bastante com famílias e crianças, também com crianças adultas. Quando as crianças adultas falam sobre seus pais, falam principalmente sobre a mãe. Muitas estão decepcionadas com sua mãe e seu pai. Acusam-nos e imaginam o que seus pais deveriam fazer de diferente. Percebi de repente: aqueles que falam sobre seus pais deste modo, esperam algo que, em princípio, somente Deus pode dar. Isto significa que colocaram seus pais e principalmente sua mãe ao lado de Deus e esperam que estes sejam iguais a Deus. "Pobre mãe!" E quem sabe — direi de modo um pouco frívolo — pobre Deus! O que fazemos com a nossa mãe, neste caso? O que fazemos com Deus, quando nos apoiamos neste tipo de pensamentos e expectativas?

Obrigado, querida mãe. Obrigado, querido pai.

Quem sabe podemos purificar internamente a nossa imagem de Deus e a de nossa mãe.

Na verdade eu também tinha este tipo de expectativa em relação a minha mãe. Por vezes, acusava-a internamente. Às vezes, magoava-a e ela o sentia. Pouco tempo atrás lhe escrevi uma carta — em pensamento — ela já morreu há muito tempo. Pedi perdão a ela com esta carta. A carta era mais ou menos assim:

"Querida Mãe,

você é uma mulher comum, assim como milhares de outras mulheres. Amo você assim, como mulher comum. Enquanto mulher comum você encontrou o meu pai. Ele também é comum. Vocês se amaram e decidiram passar a vida inteira juntos. Casaram-se, isto também é comum, e se amaram como homem e mulher, profundamente. Fui gerado através desse amor profundo. Sou um fruto do amor de vocês. Vivo, pois vocês se amaram - muito comum.

Esperaram por mim durante nove meses, com esperança e aflições, perguntando-se se as coisas caminhariam bem para vocês e para mim.

Sim, querida mãe, então você me pariu com dores e tormentos. Assim como outras mães têm os seus filhos. Então, eu estava aqui.

Vocês olharam para mim e se olharam. Estranharam: este é o nosso filho? E disseram sim para mim. Sim, você é o nosso filho e nós somos seus pais. Tomamos você como o nosso filho. Então me deram um nome através do qual me chamam,

deram-me o seu nome e disseram a todos: este é o nosso filho, pertence a nós.

Vocês me nutriram, educaram e cuidaram de mim durante muitos anos. Sempre pensaram em mim. Preocupavam-se e se questionavam sobre as minhas necessidades. Deram-me muito.

Os outros, assim como eu, também, às vezes, diziam que vocês tinham falhas, que não eram perfeitos e que deveriam ter sido diferentes. Mas assim, da forma que vocês foram, foram certos para mim. Somente por terem sido da forma que foram, tornei-me quem sou. Para mim, tudo estava certo. Obrigado, querida mãe, obrigado, querido pai."

Agora, o mais importante: "Libero você, querida mãe, de todas as minhas expectativas e exigências que superam o que se pode esperar de uma mulher comum. Recebi suficientemente e já basta. Obrigado. Libero você, querido pai, de todas as minhas expectativas e exigências que superam o que se pode esperar de um homem comum. Obrigado."

Agora olhamos para além de nossa mãe e de nosso pai, isto é, para Deus. O que quer que Deus signifique, para nós permanece um segredo. Mesmo assim percebemos que os nossos pais estão a seu serviço. Ele vive a vida de nossos pais, não o contrário. Assim como eu também vivo a vida dele, e não ele, a minha. A vida deles e a minha provêm de longe, de algum outro lugar. Tomo a vida assim e dessa forma me encontro profundamente ligado aos meus pais e também a Deus.

O Deus justo

Ficamos mais velhos e fazemos novas experiências. Isso também influenciou as ideias que tínhamos em relação a Deus e talvez ainda tenhamos.

Quando alguém nos prejudicava desejávamos justiça. Queríamos que alguém fosse punido por aquilo que fez contra nós. No fundo nós mesmos queríamos fazer algo contra ele, como vingança e compensação. Mas temos Deus. Ele é que deve fazer isso em nosso lugar. Deve punir os maus.

Nossa imagem de justiça era que todo mal deveria ser punido. Também transferíamos esta imagem para Deus. Queríamos um Deus justo e o imaginávamos como tal.

Como assim, justo? Deus deve punir aqueles que nos prejudicaram. Nesse sentido imaginamos que Deus criou um céu para os bons, nós - naturalmente, e um inferno para os maus - os outros. Esta não é uma imagem terrível?

Além da justiça

Vou contar a vocês um pequeno episódio que me tocou profundamente. Pouco tempo atrás estive com os índios no Canadá e falei com o chefe da tribo de

Algonquin, William Commanda, que tem mais de 90 anos. Contou- me que sua tribo não possui uma palavra para justiça. Conseguem imaginar isso? Não ter uma palavra para justiça? Perguntei a ele: quando alguém mata um outro, o que vocês fazem? Respondeu: pensamos, por que fez isso? Ou ele precisa de instrução ou está doente. Nós o tratamos de acordo com isso. E depois - agora algo inacreditável - a família da vítima adota o assassino.

Estes índios também possuem uma imagem de Deus, mas esta é totalmente diferente da nossa. Quão humano! Também poderia dizer: quão divino!

Justiça através de expiação

Durante o meu trabalho sempre me deparo com pessoas que desejam reparar algo das mais diversas maneiras. Uns, por exemplo, querem justiça, à medida que expiam. Isto também é justiça, é o que eles acham.

Agora imaginem que alguém provocou friamente um acidente que causou a morte de outras pessoas. Sente-se culpado e quer expiar seu erro.

Talvez até pense em se matar em nome da expiação.

Quando alguém tem pensamentos desta espécie, para quem está olhando? Para as vítimas? Nem um pouco. Diante delas não se comporta humanitariamente. Olha para si, pois pensa: “se eu me matar, *eu* estarei melhor. Assim, fiz algo em nome da justiça.” Isso não é grave?

Frequentemente também transferimos esta imagem, de que a justiça exige a expiação, para Deus. Trata-se de uma imagem estranha de Deus, porém, religiões inteiras Constroem os seus ensinamentos a partir desta imagem de justiça.

O destino

Pouco tempo atrás ocorreu um grande desastre no Oceano Índico, com milhares de mortos. Dizemos então: “Como Deus pôde permitir algo assim? Uns foram salvos, e outros não. Com aqueles que morreram ele não foi bom, com os outros sim.” Nessas horas age em nossa alma a imagem de Deus que dita que Deus precisa ser tal como um pai - para mim, especialmente para mim, como se eu tivesse uma relação especial com ele, tal como uma criança com seus pais, e a relação dele comigo seria como se eu fosse o filho dele.

O que quer que aconteça conosco, também acontece com Deus e o que quer que façamos, Deus vive em nossa vida. Esta vida utiliza a matéria e dela forma o corpo, dá uma alma ao corpo e no final deixa o corpo e ele se desfaz. A vida também se desfaz? Ela pode se desfazer? O divino em nós pode se desfazer?

Quando alguém morre, perde algo? Está pior? Deus o deixou? Será que foi abarcado de outro modo por Deus? Será que nesta dimensão pode existir uma

distinção entre bem e mal, entre um bom destino e um destino fatal? A pessoa má também não é vivificada por Deus? Não age nela o mesmo Deus que age em mim?

O outro amor

Sempre quando fazemos este tipo de distinção dizemos sim para um e não para outro.

Jesus não conhecia este tipo de distinção. Resumiu isto em uma frase, em uma linda frase, simples e despretensiosa, porém muito efetiva. A frase é: "Seja misericordioso assim como meu pai no céu. Ele faz o sol brilhar igualmente para os bons e para os maus e faz chover igualmente para os justos e injustos."

Quando Deus vive em nós, a sua vida encontra-se voltada para tudo, exatamente do modo que é. Nada pode existir em oposição a ele, sem ele, sem a sua vontade e o seu agir. O quão diferente se torna o nosso amor quando nos abrimos internamente para isto?

Homem e mulher

Avançarei mais um pouco, olharei para o homem e a mulher. A vida atinge a plenitude, sua maior densidade, seu ápice e sua força plena no amor entre homem e mulher, na profunda união entre os dois. Esta consumação é divina. Quando é desejada como algo divino e assim consumida, toma-se o encontro humano mais profundo possível e também o encontro mais espiritual. Por isso é divino em todos os sentidos, divino também em sua qualidade passional. A paixão não depende de nós e, deste modo, fica evidente que provém de outro lugar, isto é, de Deus. Esta é uma bela imagem de Deus.

Ainda acrescento algo. Alguns de nós esperam de seu parceiro o mesmo que esperam de Deus, o mesmo que muitos de nós esperávamos de sua mãe. "Pobre parceiro!" Aqui também posso dizer: "Pobre Deus!".

O que deveríamos fazer para que déssemos glória a Deus e também ao nosso parceiro? Deixarmos o nosso parceiro na terra e permitirmos que seja comum. Exatamente por ser comum, por errar, por ter uma origem particular, um destino particular, encontra-se mais próximo de Deus e de nós. Assim, o amor entre homem e mulher tem outra chance, toma-se sereno e indulgente. Contentamo-nos um com o outro através desta serenidade indulgente. Com que nos contentamos? Além de tudo, também nos contentamos com Deus.

Estas imagens de Deus têm um bom efeito. Não se aproximam demais de Deus, mas nos fazem bem.

OK, foi esta a minha palestra. Poderia dizer muito mais, mas acredito que um intervalo não cairá mal. Depois vocês podem fazer perguntas. Aproveitarei alguns

pontos e os desenvolverei.

Perguntas

O Deus imperfeito

Quando ouvi você falar não pude deixar de pensar que esta é uma imagem de Deus de uma sociedade um tanto contente e satisfeita. Trabalho bastante em Eritreia. Quando vemos as pessoas de lá nos perguntamos: onde está Deus?

Existe por trás deste tipo de pergunta sempre a questão em relação à justiça de Deus ou também a ideia de que Deus é bom e o precisa ser segundo a nossa visão. Considero esta uma ideia indigna de Deus.

Precisamos, porém, considerar ainda outro fator. Deus é imperfeito. Isto soa provocador, porém, o explicarei.

Existe um poder criativo por trás de tudo que acontece. Não podemos pensar diferentemente. O criativo, porém, existe apenas onde há imperfeição. Este poder criativo não cria nada em termos de perfeição. Por isso também se encontra voltado para o conflito. O conflito e a imperfeição também fazem parte de um movimento divino.

Esta é uma outra visão de Deus, uma visão importante, pois as nossas ideias sobre perfeição não correspondem às nossas experiências e observações. Apenas o que é imperfeito pode crescer. O que é perfeito não pode mais mover-se. Sendo assim, a perfeição não é uma ideia que pode ser aplicada a Deus.

O livre arbítrio

Dizem que Deus deu aos humanos o livre arbítrio. Minha pergunta é: para quê? Conforme você disse Deus vive em mim a sua vida, isto é, segundo a sua vontade. Quer dizer então que a ideia do livre arbítrio do ser humano é uma ilusão?

O livre arbítrio é um mito. Muitas vezes serve como justificativa para prejudicarmos o outro. Quem recorre a seu livre arbítrio, faz o quê? Ajuda ou prejudica alguém? É egoísta e olha para si ou olha para uma outra pessoa?

A partir do momento em que pais têm filhos, não têm mais livre arbítrio, mas mesmo assim são felizes. Não possuímos livre arbítrio no relacionamento, no amor, pois estamos em relação.

Durante a constelação familiar, é o que eu mais afirmo, o fato de nos encontrarmos emaranhados das mais diversas formas vem à luz.

A responsabilidade

Se não possuímos livre arbítrio, onde fica a responsabilidade?

Esta pergunta surge constantemente. Por um lado, os pais não têm livre arbítrio na ligação com seus filhos. Precisam se adaptar constantemente àquilo que acontece. Mesmo assim carregam o tempo inteiro a plena responsabilidade.

Responsabilidade é amor. Neste tipo de responsabilidade não preciso apoiar-me no livre arbítrio.

Apoiamo-nos no livre arbítrio e na responsabilidade quando desejamos culpar alguém. Dizemos a ele: você fez tal coisa e possui livre arbítrio. Por isso também é responsável por tal e precisa expiar a culpa. Recorrer ao livre arbítrio muitas vezes serve para punir alguém, ao invés de ajudá-lo.

A responsabilidade faz parte do destino. Por exemplo, existem pessoas criminosas. Elas também, é esta a minha imagem, estão a serviço de alguma coisa. Isto, no entanto, não significa que não precisam se responsabilizar por seus atos. Faz parte de seu destino. Um emaranhamento não nos livra das consequências. Apenas quando concordamos com as consequências de nossas ações, obtemos, através de nosso destino, seja este como for, a nossa dignidade e nossa força.

A religião

A partir da maneira que você falou sobre os pais me veio a seguinte pergunta: que efeito tem quando alguém encontra um outro Deus, diferente do Deus dos pais, isto é, encontra uma outra religião e não aquela que corresponde a sua origem?

Gostaria de dizer algo sobre as religiões. É disso que trata a pergunta. Conectamos a religião a determinadas imagens de Deus. Por isso possuímos na religião cristã uma determinada imagem de Deus, e os muçulmanos possuem outra. Existem diferentes imagens de Deus nas diferentes religiões.

Vou me referir novamente à boa consciência. Todos nós nos encontramos ligados a um grupo através da influência de nossa consciência, por bem e por mal. Não podemos sobreviver sem este grupo. Podemos deixá-lo apenas quando encontramos uma pátria em outro grupo, isto é, dependemos em todos sentidos de um grupo.

Estes grupos formam um campo espiritual. Darei um exemplo simples.

Uma língua é um campo espiritual. Enquanto crianças penetramos no campo de nossa língua materna, sem aprender a mesma. Apenas ouvindo já nos tornamos parte deste campo. Quando nos movimentamos, sabemos exatamente, sem ninguém nos ensinar, o que corresponde a esta língua e o que não.

Sendo assim existem muitos campos aos quais pertencemos. A nossa família, incluindo os nossos antepassados, também constituem um campo assim. Muitos grupos são mantidos unidos através de sua religião. Isto significa que a religião

atua unindo, independentemente de seus conteúdos de fé.

Neste campo determinadas coisas não podem ser percebidas. O campo se protege para que continue unido. Por isso os hereges, que pregaram algo diferente daquilo que correspondia à religião, eram mortos, porque eram perigosos para o campo. Não se tratava de certo ou errado, tratava-se da sobrevivência do campo.

Ainda hoje existem grupos religiosos que não permitem que o fiel se desvie. Corre-se perigo de vida, e não apenas desviar, até, pensar diferente Nas ditaduras também era assim. A partir do momento em que se pensava diferente, ficava-se com medo. Os outros percebiam facilmente quando alguém pensava diferente. Só por isso já se era excluído.

Eu mesmo passei por isso durante o nacional-socialismo. Pensei um pouco diferente, e a Gestapo percebeu. Envolveram-me em um interrogatório durante o qual precisei falar o que pensava. Consideraram-me um ser danoso para o povo e notificaram o mesmo em um boletim. Naturalmente isso significava uma sentença de morte. Quer dizer, sei do que estou falando.

A maioria aqui é católica. Trata-se então de um campo predominantemente católico. Dentro desse campo determinados pontos não podem ser questionados. Isto é legítimo, pois a união do grupo é importante. Podemos, no entanto, caso tenhamos coragem, deixar o campo mais estreito e nos movimentar em direção a um campo mais amplo, aceitando também as outras religiões, sem assumirmos a crença em relação às mesmas. Apenas no sentido de: esta religião é importante para a sobrevivência deste grupo e, deste modo, é válida. Assim podemos nos libertar um pouco de nossa religião e nos tornamos mais amplos internamente, sem ameaçarmos os outros.

Na religião se trata apenas da união de um grupo e não de uma verdade. A verdade ou determinados ensinamentos e rituais são apenas um meio de manter o grupo unido. Por isso evitei as questões sobre o que é certo e errado em meu livro "Pensamentos sobre Deus" e me ative apenas à observação simples. Preocupava-me em saber: o que ajuda a minha alma, quando penso sobre Deus? De certo modo também me preocupava em saber: o que dar glória a Deus? Rilke o descreve em um poema:

"Giro em torno de Deus, em torno da torre ancestral,

e giro por milênios;

não sei se sou falcão, se tempestade

ou - é o que desejo ser - um grande hino."

CONSIDERAÇÕES POSTERIORES

Cientes através da compaixão

Podemos saber apenas daquilo que também amamos. Somente o amor nos torna cientes, porém, o amor que nos faz cientes é um amor especial. É através do amor compassivo que nos tornamos realmente cientes. Neste amor experimentamos profundamente, dentro de nós, o destino que exige do outro aquilo que se encontra no limite do humanamente possível, mesmo que seja o seu fim e o seu fracasso. Através desse sentimento de compaixão nos percebemos tão impotentes quanto o outro, entregues assim como ele. Silenciosos, em comunhão com ele diante desse destino.

Esta forma de compaixão é o amor mais profundo. Une-nos internamente, mas sem agir, sem a tentativa de mudar alguma coisa. Simplesmente existe em comunhão com o outro, diante de um poder último.

Através dessa compaixão nos percebemos iguais a todos os seres humanos. Suas histórias também se tornam as nossas, e as nossas se tornam as suas, tornam-se histórias de amor.

Psicologia Auto-ajuda Terapia familiar Amor Relações Intrafamiliares

Estas "histórias de amor" contam como o amor dá certo – e como a despedida, com amor, também dá certo. Elas tratam das provas pelas quais o amor passa e o que algumas vezes se opõe ao amor.

Ao lado das histórias de amor entre o homem e a mulher, este livro também conta histórias de amor das crianças: do amor profundo dos filhos pelos seus pais, seus irmãos e outros membros familiares. Nestas histórias se mostra que ninguém ama tão profundamente e com extrema dedicação como as crianças.

Ao lado do amor que permanece dentro da família, existe um amor amplo, que inclui outras famílias e outras pessoas. Este amor nos abre também para elas. Ele une o que antes estava oposto e fomenta a paz com respeito e amor mútuos.



ISBN 978-85-98540-15-3

9 788598 540153

Editora Atman - editora@atmaneditora.com.br - www.atmaneditora.com.br